



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Aline Britto Miranda

Horizonte Cidadino:

uma política da narrativa montada entre papéis e afetos.

Porto Alegre,
2020.

Aline Britto Miranda

Horizonte Cidadino:
uma política da narrativa montada entre papéis e afetos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Lages e Silva

Porto Alegre,
2020.

CIP - Catalogação na Publicação

Britto Miranda, Aline

Horizonte Cidadino: uma política da narrativa montada entre papéis e afetos. / Aline Britto Miranda.

-- 2020.

251 f.

Orientador: Rodrigo Lages e Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. cidade. 2. experiência. 3. cartografia. 4. montagem. 5. antirracismo. I. Lages e Silva, Rodrigo, orient. II. Título.

Aline Britto Miranda

Horizonte Cidadino:
uma política da narrativa montada entre papéis e afetos.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini lazzarotto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Deisimer Gorczewski
Universidade Federal do Ceará

Universidade, sou grata pela casa onde cresci e pelo direito a uma educação pública gratuita e de qualidade, desde a educação básica até a pós graduação.

Sociedade brasileira, sou grata por cada centavo de imposto investido na minha formação.

Rodrigo e Luciano, sem o Três é bom esta pesquisa não teria acontecido, sou grata pelo acolhimento do meu desejo de pesquisar a partir do caos e principalmente pelo nosso trabalho coletivo, afetivo e implicado.

Victória, nós e o Google Apresentação fizemos um lindo trabalho! Sou grata por toda a dedicação e amizade para tornar essa dissertação artística. Douglas, gracias pelo recortes no Photoshop.

Dani, sou grata pela nossa parceria geringonçada e bienalística, que possamos sempre seguir afirmando a educação junto da saúde e da arte.

Suellens, Matheuses e Geovane sou grata pelo nosso Grupo de Orientação, aprendi muito com cada uma e cada um de vocês.

Biana, sou grata pela escuta e cuidado em acompanhar as minhas muitas versões de Aline.

Grupo Cerco, mais especialmente à Kalisy, sou grata por todas as oportunidades nestes anos e por com vocês eu ter me reconhecido artista.

Fábio, meu companheiro amado! Sou grata pelo nosso amor, carinho, cuidado e escuta. "Na força desta beleza é que eu sinto firmeza e paz".

Gabriela e Luiza, amigas e companheiras de casa, agradeço por termos construído muito Amor em um Lar de cumplicidade, feminismo e convívio comunitário.

Família Britto Miranda, "gracias a la vida que me ha dado tanto"!

Odojá, minha mãe! Muito obrigada axé!

RESUMO

Esta dissertação aproxima diálogos entre arte, educação, saúde e política, no intuito de discutir a qualidade fragmentada da experiência tal como produzida pelo capitalismo, sob a perspectiva benjaminiana. Para tanto, situando o afeto como potência de pesquisa, invisto numa perspectiva de pesquisa cartográfica e papeleira, utilizando a técnica da montagem para reunir fragmentos de um encontro com a cidade, suas juventudes e suas práticas culturais em pilhas de papéis e cadernos narrativos. O dispositivo que orienta o meu percurso é a agenda cultural composta dispersamente nos panfletos de divulgação disponíveis em certos locais da cidade. Ao relacionar-me com territórios artísticos, políticos e afetivos busco nas linhas existenciais da poesia de resistência e da artesanania de sonhos vislumbrar um possível horizonte antirracista.

PALAVRAS CHAVE: cidade; experiência; cartografia; montagem; antirracismo.



RESUMEN

Esta disertación entrelaza diálogos entre el arte, la educación, la salud y la política, con la finalidad de discutir la calidad fragmentada de la experiencia tal como la produce el capitalismo, bajo la perspectiva benjaminiana. Para ello, situando el afecto como potencia de investigación invierto en una perspectiva de investigación cartográfica y de catadora de papel, utilizando la técnica de montaje para recoger fragmentos de un encuentro con la ciudad, sus juventudes y prácticas culturales en montes de papeles y cuadernos narrativos. El dispositivo que guía mi camino es la agenda cultural compuesta de manera dispersa en los folletos de difusión disponibles en ciertos lugares de la ciudad. Al relacionarme con territorios artísticos, políticos y afectivos, busco en las líneas existenciales de la poesía de resistencia y de la artesanía onírica vislumbrar un posible horizonte antiracista.

PALABRAS CLAVES: ciudad; experiencia; cartografía; montaje; antiracismo.



ABSTRACT

This dissertation brings together dialogues between art, education, health and politics, in order to discuss the fragmented quality of the experience as produced by capitalism, according to Benjaminian perspective. Therefore, placing the affection as a research power, I invest in a cartographic and paper picker research perspective, using the assembly technique to gather fragments of an encounter with the city, its youths and their cultural practices in piles of papers and narrative notebooks. The resource that guides my route is the cultural agenda scattered in the pamphlets available in certain places in the city. As I related to artistic, political and affective territories I look for the existential lines of resistance poetry and the craftsmanship of dreams to glimpse a possible anti-racist horizon.

KEY WORDS: city; experience; cartography; assembly technique; anti-racism.



SUMÁRIO

PRIMEIRAS PÁGINAS	-----13
PILHA I	-----21
CARROSSEL	-----24
CAPAS DE CADERNO	-----32
CACOS DE VIDRO	-----34
ESPELHO	-----41
PILHA II	-----50
<i>Porto Alegre, maio de 2018.</i>	-----52
<i>Porto Alegre, memórias de 2015.</i>	-----61
<i>Porto Alegre, 12 de dezembro de 2019</i>	-----66
<i>Porto Alegre, memórias de 2018.</i>	-----69
<i>Porto Alegre, algum dia de janeiro de 2020.</i>	-----73
<i>Porto Alegre, setembro de 2019.</i>	-----76
<i>Porto Alegre, entre novembro de 2018 e agosto de 2019.</i>	-----85
<i>Porto Alegre, novembro de 2018.</i>	-----89

SUMÁRIO

<i>Porto Alegre, não sei quando de 2019.</i>	-----95
<i>Porto Alegre, 16 de janeiro de 2020.</i>	-----101
<i>Porto Alegre, 07 de dezembro de 2019.</i>	-----108
<i>Porto Alegre, 13 de novembro de 2019.</i>	-----114
<i>PILHA III</i>	-----119
<i>Porto Alegre, 05 de novembro de 2019.</i>	-----121
<i>Porto Alegre, 25 de outubro de 2019.</i>	-----123
<i>Porto Alegre, verão de 2019.</i>	-----126
<i>Porto Alegre, 03 de dezembro de 2019.</i>	-----131
<i>Porto Alegre, 30 de maio de 2020.</i>	-----142
<i>Porto Alegre, 02 de novembro de 2020.</i>	-----150
<i>Porto Alegre, 06 de dezembro de 2019.</i>	-----151
<i>Porto Alegre, 05 de dezembro de 2019.</i>	-----160

SUMÁRIO

PILHA IV -----	162
<i>Porto Alegre, 10 de dezembro de 1991.</i> -----	164
<i>Porto Alegre, inverno de 2019.</i> -----	168
<i>Porto Alegre, 14 de novembro de 2019.</i> -----	176
<i>Praia de Garopaba, 02 de fevereiro de 2020.</i> -----	179
<i>Porto Alegre, 08 de dezembro de 2019.</i> -----	184
<i>Porto Alegre, madrugada em agosto de 2020.</i> -----	192
<i>Porto Alegre, centésimo vigésimo segundo dia de quarentena em 2020.</i>	203
PILHA V -----	216
<i>Porto Alegre, 28 outubro de 2019.</i> -----	219
<i>Porto Alegre, 13 de dezembro de 2019.</i> -----	221
<i>Porto Alegre, meia noite de sexta-feira.</i> -----	230
<i>Porto Alegre, centésimo vigésimo primeiro dia de quarentena.</i> -----	233
<i>Porto Alegre, 04 de novembro de 2020.</i> -----	235
REFERÊNCIAS -----	242
ANEXOS -----	248



PRIMEIRAS PÁGINAS

Os cadernos são objetos inventados pelo ser humano, a partir da necessidade de registrar a experiência. Inicialmente tendo as formações rochosas como suporte, as tinturas a partir de sementes e sangue para grafar, a artesanaria com as plantas para a tecelagem do papiro, até chegar a folha comum a qual quimicamente extraímos a celulose das árvores para construirmos nossas folhas na maioria das vezes brancas. O papel é uma invenção, um agenciamento, um artefato.

Deste artefato papel produzimos cadernos, foi da necessidade humana de sequenciar papiros que nos fez ao invés de enrolar longas folhas as dobrar e empilhar, construir posteriormente uma capa em madeira para revestir, este movimento produziu não somente uma outra experiência com os cadernos, mas também deu forma aos livros. Logo depois a invenção da prensa, e anos adiante a industrialização de cadernos e livros. Houve um tempo em que possuir papel era caríssimo, somente a nobreza utilizava, atualmente a popularização do uso do papel se dá através de uma exploração das matas, assim embranquecemos as folhas verdes de árvore.

Com este embranquecimento constituímos no ocidente a partir da escola jesuíta e lassalista uma relação pedagógica que coloca o caderno como instrumento de

"controle [...], obediência, produtividade, ordem e perfeição (Vera Mendes dos Santos, UDESC)".

Bem ilustrado em uma das primeira cenas do filme *Onde fica a casa do meu amigo?* de Abbas Kiarostami, na qual o professor repreende seu aluno por não ter feito a lição em seu caderno, mostra a ele a necessidade de registrar sequencialmente suas tarefas, de modo que ele possa acompanhar através das páginas a evolução delas.

Ao olhar para o nosso embranquecimento de folhas e práticas pedagógicas, podemos perceber que construímos uma escola, e porque não uma academia que,

"com suas minuciosas prescrições, em seu sentido mais amplo, pretende criar um ambiente onde os sujeitos escreventes encontrem-se em permanente ocupação,

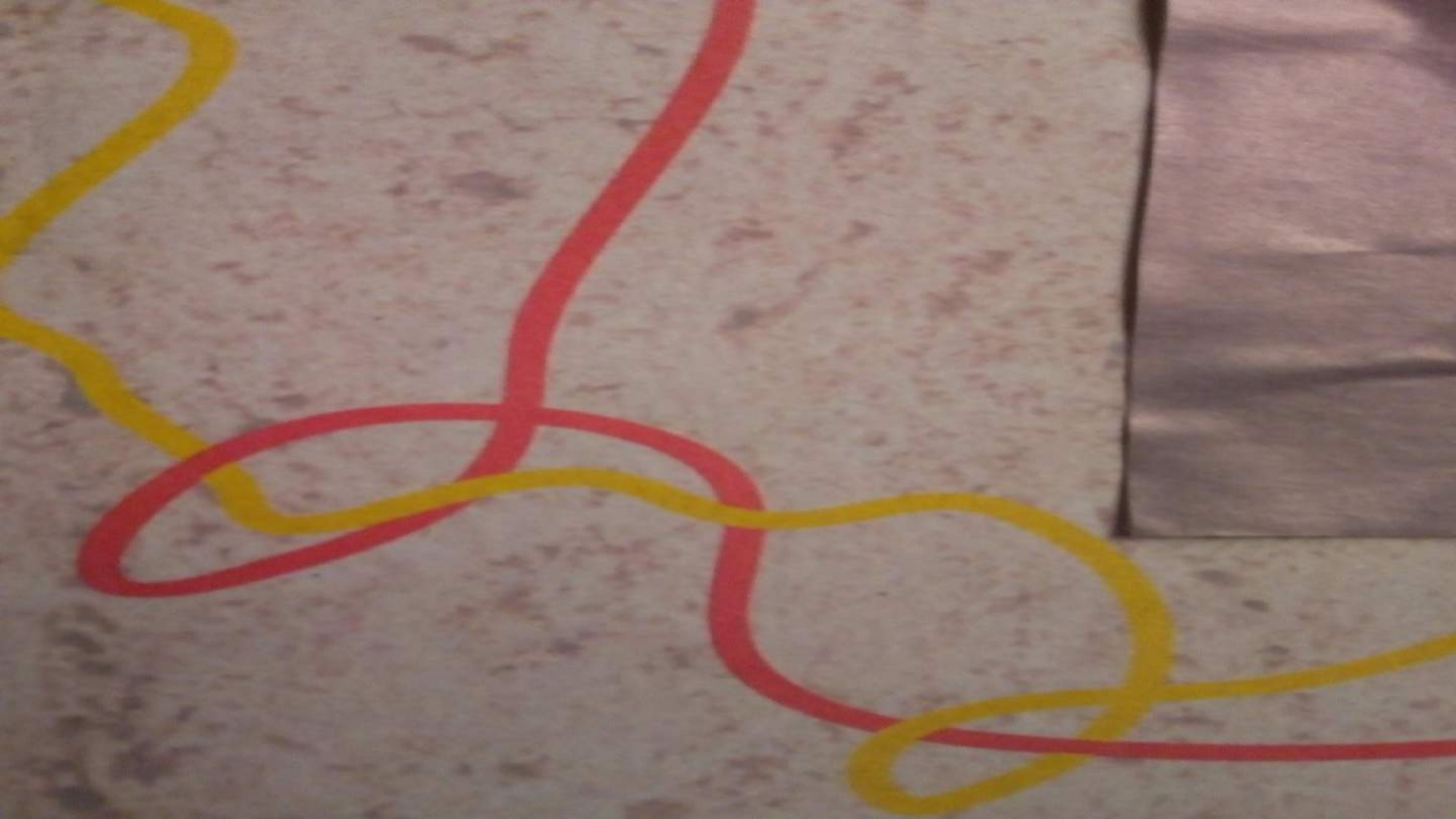
sendo o silêncio, a imobilidade e a obediência, as exigências sustentadoras e produtoras das práticas de leitura e escrita executadas na sala de aula."

CADERNO ESCOLAR: UM DISPOSITIVO FEITO PEÇA
POR PEÇA PARA A PRODUÇÃO DE SABERES E
SUBJETIVIDADES Vera Mendes dos Santos, UDESC

Importante olhar para a normativa de nossa experiência com cadernos, para que possamos construir a variação. Variar o modo como nos relacionamos com o papel, por consequência com nossos cadernos, nossos modelos pedagógicos e acadêmicos. Se trata de uma outra relação com as folhas verdes.



Dentro do silêncio escutaremos a polifonia, com a imobilidade nos colocaremos em movimento, pensaremos e seremos afetados por fluxos. Na obediência encontraremos a desobediência, a possibilidade de diferir, de variar, de se afetar.



Esta reunião de pilhas de papéis e cadernos que estamos começando a ler tem um estilo de escrita narrativo, como podemos perceber desde o início deste texto. A narrativa e o modo como Aline, a papeleira, se reconhece no mundo. Ela trabalha com a narrativa a partir da perspectiva Benjaminiana de experiência.

Além da narrativa escrita, aqui em tipografia Courier New para dar uma ideia de máquina de escrever, há outra forma de narrar muito presente nestas pilhas de papel que se chama *colagem*. A operação com as imagens tem um lugar de muita importância para a autora, pois assim ela

constrói seu pensamento, para que depois ela consiga colocar a palavra. Sendo modo de existir, afirma-se um *ethos* papeleira, recortadeira, coladeira. Aline toma a colagem como um exercício de saúde, se o capitalismo - especialmente no modo de vida em uma cidade- fragmenta nossa experiência, a colagem a coloca como protagonista neste processo, uma restituição do infinito a partir de colagens de combinações múltiplas. O método de uma pesquisa é um método em prol de uma saúde, sendo assim um gesto político de colagem.

Desde o *ethos papeleira* o encontro com as palavras assume a montagem, a partir das ideias de Deleuze e Didi-Huberman, como possibilidade de criação de variações em cadernos. Ela monta uma cartografia registrada em cadernos, colagens, fotografias e cacarecos que se relacionam com o cotidiano de Porto Alegre.

A partir de agora faço um convite a olharmos para a relação de variação que Aline estabeleceu com papéis e cadernos. Para nos apresentar essa relação ela preparou um roteiro em que divide suas folhas de cadernos por empilhamentos diferentes, sendo eles cinco.

Na primeira pilha Aline apresenta a sua pesquisa, convidando a leitora e o leitor a percorrer as linhas do seu caderno possivelmente infinito, então ela revela uma importante memória da sua infância, nos conta de sua dificuldade em varrer cacos de vida. Tenta convencer a si própria de que há um método cartográfico na pesquisa, demonstrando em um lista as pistas para os encontros que teve em Porto Alegre/RS.

Em uma segunda pilha, um pouco menor e mais torta, quase caindo (de madura) para fora da escrivaninha Aline nos mostra o seu reencontro com a juventude a partir da questão: Como ficar adulta em um mundo que se despedaça?

Através de cenas do cotidiano e cartas ela traça a linha da juventude em um horizonte. Nesta linha a experiência da paixão em conhecer jovens poetas e a profunda melancolia.

Brilhante e pequenina, escrita com giz de cera em páginas coloridas, é a terceira pilha que surge da necessidade de existir que Aline se propõe um trocar de lentes, dá a mão a criança que a convoca para uma invenção de um horizonte-sonho possível.

A quarta e robusta pilha surge da morada da memória de Aline, na qual ela encontra-se com a criança, a adolescente, a adulta, e a idosa.

É na Praia de Garopaba que ela mergulhará profundamente em sua melancolia racista, deste afeto percebe as linhas do horizonte político antirracista. Compõe em cores de pôr do sol com as questões de Natália, importante poeta que lhe convoca a se haver com a sua adulez.

Em sua quinta e última pilha, a mulher em um carrossel, apresenta a composição entre a possibilidade de seguir lutando ao lado da juventude e seguir criando com a infância. Ela entende que tudo é ciclo - morte e vida - em que uma boa pesquisa há de ser descabida no tempo e no espaço.



extensão do horizonte

Aline apresenta a sua pesquisa - Convida a leitora e o leitor a percorrer as linhas do seu caderno possivelmente infinito - Revela uma importante memória da sua infância - Conta de sua dificuldade em varrer cacos de vida - Tenta convencer a si própria de que há um método cartográfico na pesquisa - Demonstra em lista as pistas para os encontros que teve em Porto Alegre/RS.

O Caderno, Toquinho

(...)

Sou eu que vou ser seu amigo

Vou lhe dar abrigo

Se você quiser

Quando surgirem seus primeiros raios de
mulher

A vida se abrirá num feroz carrossel

E você vai rasgar meu papel



CARROSSEL

Abro este caderno a você assim como a vida que se abre em um carrossel a mim, turbilhonar, caótica e espiralada. Rasgo em um misto de prazer e agonia páginas dos cadernos, faço recortes, quebro em caquinhos os cavalos de louça do carrossel da vida. Trabalho com pedaços, e aos pedaços, inventando um modo de pesquisar artístico e cartográfico.

Lembro que a primeira vez em que ouvi a música O Caderno do Toquinho eu era ainda uma menina de joelhos ralados, na escola, acho que foi na terceira série que passei a escrever em folhas pautadas. Tantos e tantos anos de escrita em folhas pautadas se passaram, rabiscos na última página que foram dando lugar aos cálculos dos gastos do mês. Muitas páginas rasgadas para emprestar uma folha para um amigo ou passar um bilhetinho, que hoje geralmente são amassadas quando me irrita por querer ser perfeccionista em um arremedo de texto ou então quando esquecem da lista de frequência e improvisamos. Em um caderno pode caber o mundo?

Para escrever hoje gosto daquelas canetas chiques alemãs da ponta fina e plástico amarelo, e ainda mordo um pouco a ponta do lápis de nervoso às vezes.

Sigo com meu calo no dedo médio de tanto apertar. O caderno só é caderno quando as folhas são manchadas com alguma coisa, algum rastro, alguma linguagem, alguma imagem, algum pingo, algum caquinho de carrossel... Esse aqui é um dos meus cadernos, há mais alguns que vou mostrar, uns de folha pautada em papel que tem cheiro de erva mate virada, outros que ainda ficam um pouco grudados de cola e reúnem recortes de revista junto do que mais for possível colar. Nos cadernos faço os rascunhos das cartas as pessoas que converso nesta cartografia, incluindo cartas a mim mesma, pois muitas vezes é necessário uma correspondência entre as minhas muitas versões de mulher.

Aqui escrevo utilizando a negras teclas do Senhor Notebook, presente na minha família há dez anos, agora ele trava, buga, briga, parece me dizer subliminarmente: Me dá um tempo!

O Sr Note, como popularmente conhecemos, produz uma imagem de folha em branco, e essas páginas se eu quiser podem ser infinitas. Um caderno que dá um tempo, é um caderno que produz uma duração. No longa metragem Onde fica a casa do meu amigo (1987) de Abbas Kiarostami acompanhamos o percurso ético de Ahmad, um menino em sua missão de entregar o caderno ao seu amigo. Na narrativa mais nos interessa o percurso que o menino faz do que o caderno em si. O caderno é a desculpa para o percurso, para os encontros.

Esse caderno que você está lendo é ao mesmo tempo um caderno de uma cartógrafa e caderno de uma artista, em suas páginas monto o meu percurso ético de pesquisa. Um caderno virtual que reúne fragmentos de muitos outros cadernos que perambulavam comigo pela cidade, registrando nessas folhas possivelmente infinitas um recorte de um percurso investigativo e inventivo também possivelmente infinito. Um caderno compartilhado feito em Google Drive. É inspirado na composição que Maria Bethânia faz em seus Cadernos de Poesia e nos meus blocos de folha sem pauta, encapados junto da minha mãe na década de noventa. Poética e infância, como pressupostos de pesquisa.

O caderno possivelmente infinito incorpora o encontro com uma menina de sete anos de idade - colega de colagens - na Oficina de Sonhos (2019) proposta pela Artesania dos Dias. Ao final do encontro, enquanto partilhamos o relato da experiência coletiva de colagem, a menina revela ao grupo com um sorriso envergonhado: - Eu colo escondido, no final do caderno para a profi não ver! Meu olhar é atento a cada colagem que produzo, por isso elas estão nas capas e no recheio destes cadernos. As colagens são um modo de operar com as imagens, produzem conceitos e pensamento. Da estética emerge o texto. Imagem pensamento, que propõe um outro modo de se relacionar com o cotidiano, convocando a duração.

Disserto neste caderno como muito mais do que as teclas do Sr. Note, também com fotografias, colagens, poemas, cartas, narrativas que pretendem ser de duração, pequeninas e cotidianas, notas, crochê, registros de leitura, folhas de chá, imagens de guardados de família e de acervo pessoal... Estes e outros elementos compõem um modo de escrever como forma de experiência. Esta experiência de duração é política.

Esse dissertar é composto também por uma matéria que se faz da reunião de coisas invisíveis, como muitas e muitas horas de leitura, viagens, banhos de ervas, choros, chás.cafés.mates, acasos, dores nas costas, conversas, fumar muitos cigarrinhos, danças, doenças, audios de WhatsApp, shows, passes em terreiro, mergulhos, reuniões, saudade de avós, palestras, lives, podcasts, tesão infinito, superar medo de gatos, subir escadas, caminhar na cidade, exposições de arte, olhar pela janela do ônibus ouvindo música, slams de poesia, noites estreladas, beber cervejas, fumaça perfumada de incenso de lavanda, sufocar de máscaras, enrugam de mãos em álcool em gel, corujar, pôr do sol, biccicletar,confinamento, e-mails, aulas e, sobretudo, vídeo chamadas.

Das muitas linhas deste caderno enxergo horizontes. Horizonte é a linha que separa o céu da água ou da terra, nos apresenta os limites. Segundo Clarice Lispector, em seu conto sobre a mulher e o mar, revela a nossa incapacidade humana de ver a curvatura da terra. Nesse sentido a todo o momento estou em busca desta curvatura, tento percebê-la, senti-la e me deixo afetar por ela, mesmo que não seja possível alcançá-la, ao invés da linha reta perceber as curvas arredondada de uma espiral.

Este é um caderno que pretende se fazer horizontal no que propõe, uma prática de pesquisa coletiva e implicada. Linhas existenciais da arte, saúde e educação que se compõe, como as cores ao pôr do sol.

Percorrer as páginas de um caderno que produz horizontes citadinos é uma forma de narrar às experiências que acontecem no cotidiano de Porto Alegre, ampliando as possibilidades de ver as linhas. Fazendo muitas vezes destas linhas espiral de afetos, criando hibridismos e ouvindo polifonias.

Este caderno é um exercício *estético, ético e político*.

"O que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos. Mas a filosofia quer salvar o infinito, dando-lhe consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até o infinito acontecimentos ou conceitos consistentes, sobre a ação de personagens conceituais. A ciência, ao contrário, renuncia o infinito para ganhar a referência: ela traça um plano de coordenadas somente indefinidas, que define sempre estados de coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais. A arte quer criar um finito que restitua o infinito: traça um plano de composição que carrega por sua vez monumentos ou sensações compostas, sob a ação de figuras estéticas."

Guilles Deleuze & Félix Guattari escreveram no livro
O que é a filosofia? página 253, em 1996.

"O infinito é o presente, esse presente não tem fim"

Mateus Aleluia, em "Aleluia, O Canto Infinito do Tincoã", 2020.

"Talvez a única função real da arte seja exatamente esta, nos fazer passar da
impotência ao impossível"

Vladimir Safatle, em alguma entrevista





Esta menina tem seis anos de idade, ao lado dela está a sua mãe. Olhos tranquilos, tons claros de roupa, em um registro feito por sua tia. Posam para a fotografia do batizado da sua irmã mais nova. Uma família religiosa, com domingos de missa e almoços em mesas gigantescas.

Aline, a menina de olhos brilhantes, sonhava em ser sorteada para estudar no Colégio de Aplicação com esta idade. Durante as missas colocava moedas na cestinha da oferenda - brincando de mini fonte dos desejos - fazendo o pedido para que ingressasse logo na escola. Seja por sorte ou por mágica da cestinha, ela realizou o seu sonho e cursou toda a educação básica nesta escola.

Na primeira série do ensino fundamental as professoras solicitaram uma lista de materiais, dentre eles os blocos de folha sem pauta, seriam os seus cadernos de registro das aulas. Como a família não tinha muito dinheiro, a mãe comprava para a filha os blocos de papel reciclado mais baratos do mercado. As capas dos blocos eram com imagens sem muito significado

para mãe e filha, então a mulher ensina a menina a inventar. Inventavam capas com figuras, papéis coloridos, papéis de presente... E assim, aos seis anos, Aline registrava seu sonho da escola pública em cadernos com capas inventadas. A capa diz dos gostos, dos desejos, das possibilidades... Uma capa envolve, protege, cuida de algo importante que está dentro.

A filha começa o seu percurso na educação pública, antes de aprender as letras do alfabeto já aprendia com a mãe a arte da invenção. A inventividade que partia de uma demanda de poucos recursos financeiros, mas de uma abundância em recursos sensíveis. Recortar, colar, encampar, olhar para as imagens em potencial de composição. Antes que dominasse os códigos escritos, dominava a técnica de colagem.

Aline se torna uma mulher de óculos, segue com o sonho de uma escola pública e tantos outros, desde o lugar de pedagoga e artista. Segue com olhar sensível e afeto pela colagem, guarda uma pasta de recortes. Seus recortes são uma espécie de coleção móvel, nesta coleção tem imagens preferidas temporárias, imagens antigas e atuais, imagens coloridas, imagens em preto e branco. Muitas vezes as imagens compõem esteticamente os lugares por onde ela passa...

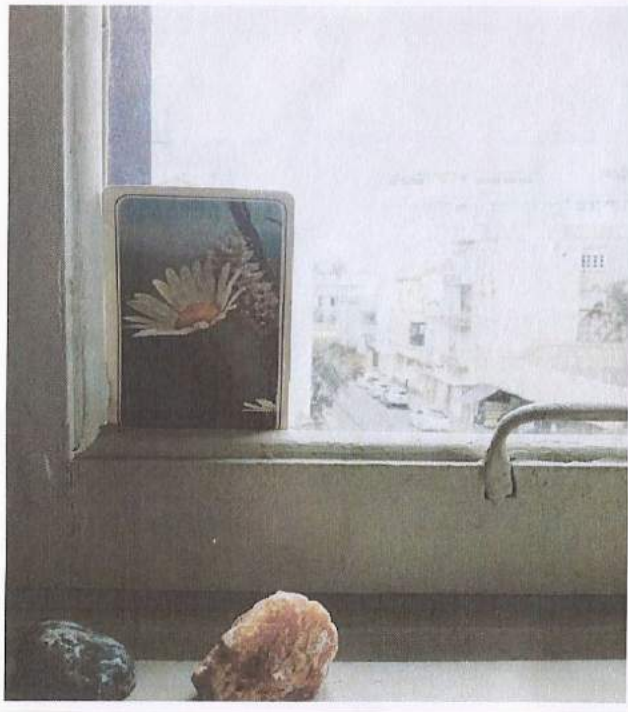


Em 2015, durante a residência em saúde mental coletiva, ela monta uma parede do seu quarto com imagens de intervenções em espaços públicos, inspirada em uma página no *Facebook* cujo título é "Olhe os muros". Neste mesmo ano, monta a parede do banheiro com imagens em preto e branco, principalmente, de filmes. A narrativa da cidade e a narrativa cinematográfica acompanham Aline pelas paredes, as paredes que contém e envolvem, que protegem e são de maneira simbólica a suas capas.

Hoje, no mestrado em educação, ela segue inventando colagens nas capas - e em outros lugares - de cadernos, diários de campo e projeto de dissertação.

CACOS DE VIDRO

Lembro-me do meu pai me ajudando, no mês passado, com a reforma do apartamento alugado. Trocávamos um vidro da antiga porta, que dava para a amada sacada do meu quarto. Meu pai sempre foi um homem de fazer as coisas por ele mesmo, de querer entender de tudo um pouco e não pagar outras pessoas para fazer serviços simples; como trocar o vidro de uma janela. O vidro trincado precisava ser quebrado mais uma vez: martelamos!



Eu juntava os pedaços do vidro estilhaçado com ajuda da pá e da vassoura, e ele ia retirando os fragmentos de vidro junto da massa velha da janela. Meu pai dizia:

- É preciso esculpir o vidro minha filha!

Passamos horas esculpindo aquele vidro, e eu sabia (ele no fundo também) que se chamássemos um vidraceiro ele provavelmente faria aquele serviço em poucos minutos. De ferramentas tínhamos apenas um martelo, uma chave de fenda e uma pequena espátula. Esculpimos, ele e eu a janela, limpamos tudo... Horas de trabalho para abrir o vão que iria receber um novo vidro... Inteiro. Após todo aquele trabalho, ele me diz orgulhoso:

-Se eu não fosse artesão,

jamais conseguiríamos tirar esse vidro daqui.

O começo é sempre jovem, essa juventude do começo é sempre de rompimento. Já nascemos de-por-fissura, por corte, por dilaceramento. É com essa força, a de rompimento, que começo esse texto. Na primeira página, dois fragmentos de memória. O primeiro representado por uma fotografia, a chamo de Horizonte-Citadino, e de quê você a chamaria? Para mim um novo horizonte no Bom Fim, é abaixo desta janela que escrevo para você, aqui e agora. O começo também é sempre presente. O segundo fragmento é memória na linguagem escrita - quase início de um pequeno conto - de um tempo passado

no Centro Histórico que revivo aqui, desde o momento em que conto a você já não é mais o mesmo passado... Rememoro, resinto, revisito, reescrevo.

Gosto desta imagem de martelar o vidro, pois há um prazer em quebrar as coisas e, ao mesmo tempo, uma dor com aquilo que se vai, aquilo que morre. Mas que inevitavelmente é preciso deixar morrer, sabemos disso. No começo a vida e a morte caminham juntas, elas são irmãs inseparáveis. Como na Carta Mundo, do tarô Mitológico. Martelar é aquilo que Nietzsche vai chamar de

"ação radical que objetiva quebrar valores, conceitos e objetos levantando suspeitas sobre a sua naturalidade, estabilidade e concretude. Aplicar força para desmontar ícones e ídolos. [...] Ele é aquilo que faz esfarelar e desmancha o objeto - seja ele conceito, valor, relação ou coisa - quebrando sua aparente solidez, fragmentando e desligando as suas relações essenciais, expondo a sua fragilidade e suas entranhas."

Através da interpretação de Kleber Prado Filho, no Aforismo MARTELAR do livro Pesquisar na Diferença: Um abecedário, páginas 157, 158.

Com a ação de Martelar quebramos os valores morais que nos escravizam: a bondade, humildade e piedade. De este esfacelar transmutamos, afirmando a alegria, a inventividade e, sobretudo, a vida. Para mim, um bom começo de escrita precisa necessariamente afirmar a vida! Revindicar a alegria, que nos foi roubada - ou que deixamos roubar? -, para poder inventar a resistência.

"Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido."

Guilles Deleuze, Crítica e clínica, 1997, p.11

Sinto em meu corpo as horas do trabalho de um devir-vidraceira, uma artesã de cacos de vidro. Sinto um apego ao vidro que recolhi do chão, aos caquinhos que dele ainda devem estar por lá,

farelos de vidro. Varrer vidro não é tarefa para qualquer varredor, sempre fica um caquinho. Acho que sempre fica um caquinho porque antes dele ser vidro ele foi areia. A areia que é aquecida e moldada, que requer técnica e ação humana, que precisa de fogo-magia para vir a ser vidro. Areia que deixa rastros também, quando tentamos varrer... E que nela também é possível deixar rastros, pegadas.

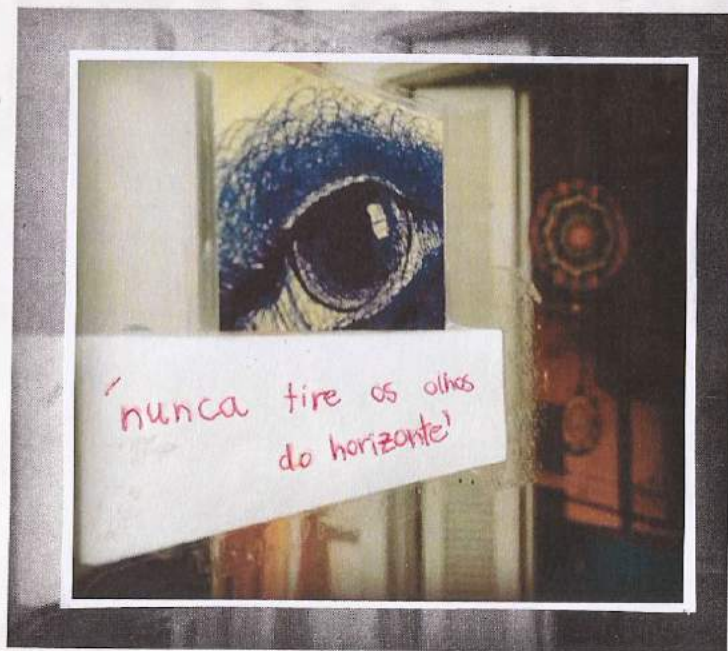
"Pensar o devir implica, ao mesmo tempo e necessariamente, experimentá-lo de modo diverso. [...] Todo o ser é sempre meio. Não um começo, nem um fim. Meio extremo de afirmar a diferença, de diferenciar o que difere, de fazer com que nos tornemos cada vez mais diferentes do que somos e distantes do que éramos; mais plurais por singularidade, mais singulares por comunidade de ser, fazendo coexistir, vibrar e ressonar em nós o que difere; meio de fazer com que nos diferenciemos cada vez mais dos outros, mas sobretudo de nós mesmos."

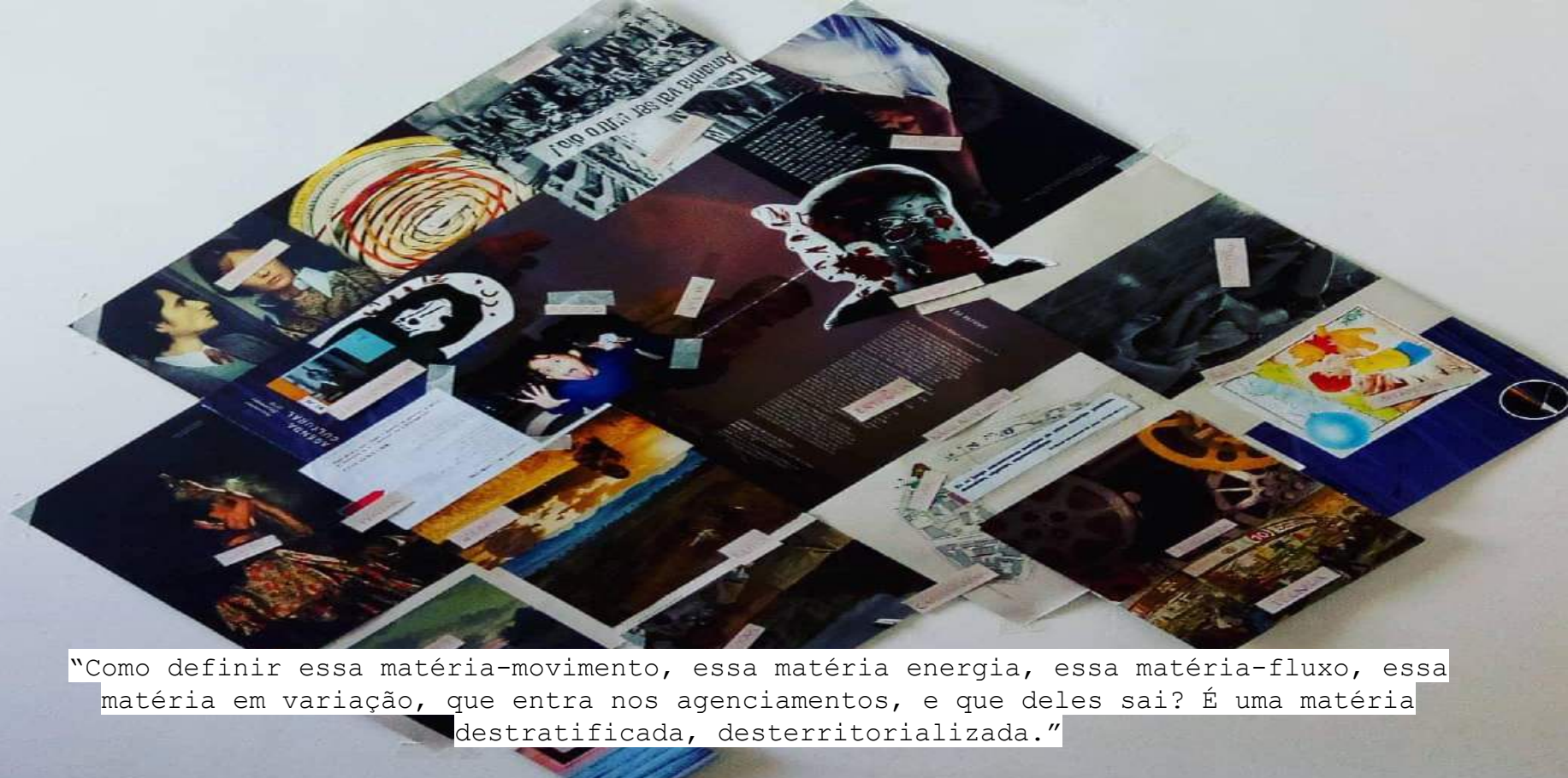
Luiz Fuganti, em Aforismo DEVIR no livro Pesquisar na Diferença: Um abecedário, p. 76.

O que mais podemos martelar? O que juntos podemos fazer com os cacos? Você já ouviu falar em mosaico?

Esse devir-vidraceira afirma o prazer em quebrar, o desejo de alegria e a potência de vida. O meu corpo é energia condensada, que vibra intensamente. Em devir-vidraceira percebo que meu corpo que é afetado e, ao mesmo tempo, afeta o mundo a sua volta, que presencia o instante, que incorpora algo que o arrebatava. Um corpo que vive o presente através da presença. Um corpo que inventa um modo de existir, um corpo que deseja pesquisar com e na diferença. Um corpo eu, um corpo pedagoga, um corpo especialista em saúde mental coletiva, um corpo artista, um corpo palhaça, um corpo poeta, um corpo dançante, um corpo brincante, um corpo umbandista, um corpo professora, um corpo terapeuta,

um corpo viajante, um corpo mulher. Um corpo pesquisadora que tem muitas questões e percebe a potência na pergunta, um corpo que é tomado por pathos, um corpo que pulsa, um corpo que quer se ver, um corpo que quer sonhar, um corpo que quer ter esperança, um corpo que persegue a utopia. Um corpo que se interessa pelos estilhaços, pelos caquinhos, pelos rastros, pelo fogo que transforma. transmuta. transcende, pelas artesanias, pelos esculpimentos, pelos vãos que precisam ser abertos.





"Como definir essa matéria-movimento, essa matéria energia, essa matéria-fluxo, essa matéria em variação, que entra nos agenciamentos, e que deles sai? É uma matéria destratificada, desterritorializada."

Guilles Deleuze e Félix Guattari, em Mil Platôs 5, p.89, 1995.



ESPELHO

*Olhei-me fundo nos olhos
através do espelho do banheiro
enquanto passo a fita dental entre os dentes.*

Do mesmo modo, em que aqui eu olho profundamente para a minha produção acadêmica, como quem se pergunta: “- Vamos ver o que está acontecendo aqui!” (KASTRUP,2012). Coloco sobre esses cadernos atenção, mas não uma atenção qualquer, uma atenção de joalheria, artesanaria, abro uma janela de atenção-jóia como Virgínia Kastrup sugere em seu texto sobre os tipos de atenção cartográfica, o qual explica sobre os cinco tipos de janela atencional teorizadas por Vermersch, janelas-tipo jóia, página do livro, sala, pátio, paisagem. Aqui quando olho novamente para esse espelho, percebo como uma janela micro, que funciona na escala da atividade do joalheiro, da bordadeira e do leitor minucioso. Me coloco em atividade focal, aumento a magnitude do enquadramento.

Como quem passa a mão no vapor da água que embaça o espelho após um longo e quente banho no banheiro, proponho esse ajuste de foco para o registro desta imagem-pesquisa, imagem-caderno, imagem-método. Junto de tantos pensadores, afirmo uma pesquisa com a qual seja possível caminhar longamente, perder-se, sujar-se bastante, chegar em casa cansada, e tomar um banho bem demorado. Nesse banho sentir no corpo o que perpassou deste tempo de caminhar, olhar para a sujeira que escorre ralo abaixo, secar, pentear-se em frente ao espelho. Ao limpar o vidro do espelho para ver em profundidade, refletir.

“O desafio é o de realizar uma reversão no sentido tradicional do método - não mais um caminhar para alcançar metas pré fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas. A reversão então afirma o hódos-metá. Metá(reflexão raciocínio, verdade) + hódos (caminho, direção.”

Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, em A Cartografia como método de pesquisa-intervenção, p.17, 2012.

Afirmar a tal "hodos-meta" não me parece uma ação das mais fáceis. Talvez, antes de afirmar, seja o caso de aceitá-la, uma postura que me parece mais ética do que metodológica. Pensar uma metodologia às avessas (como suportar a indeterminação, o embaralhamento dos lugares, as perdas no decorrer do caminho? Como admitir que não há "o" caminho, mas caminhos?). Lembro de Ana Cristina César, quando diz que não sabia que virar ao avesso era uma experiência mortal.

Refletir nesse espelho sobre os sentidos que a escrita tem para mim... Confesso que não sei escrever de outro modo que não seja o narrativo. É como me reconheço no mundo, como reconheço as pessoas a minha volta. Narrar é mais do que contar uma história de forma simples, narrar é um modo de existir. A experiência só existe quando narramos.

Com este olhar para o espelho decidi atentar para as ocorrências da palavra método em meus cadernos, eis que me encontrei com duas frases-pistas.

A primeira é sobre as colagens de Aline, encontrada no texto Capas de Caderno:

*Hoje ela faz das colagens um método
e modo de (re)existir no mundo.*

Para a Aline - neste caso para eu mesma, aqui assumindo um papel de narradora - a colagem, a operação com as imagens tem um lugar de muita importância, pois assim ela constrói o pensamento, para que depois ela consiga colocar a palavra. Sendo modo de existir, tornar-se um ethos papeleira, recortadeira, coladeira. Aline toma a colagem como um exercício de saúde, se o capitalismo - especialmente no modo de vida em uma cidade - fragmenta a experiência, a colagem a coloca como protagonista neste processo, uma restituição do infinito a partir de colagens de combinações múltiplas. O método de uma pesquisa é um método em prol de uma saúde, sendo assim um gesto político de colagem.

Desde o ethos papeleira ao encontro com as palavras, assumo a montagem como possibilidade de criação.

"A montagem é operada como uma utilização de restos, de fragmentos, criando e dando condição a uma legibilidade dos restos, ou desses pequenos fragmentos que estilhaçam o pensamento e montam outro. A montagem torna visíveis - dá a ver outras possibilidades - o pensamento e uma escrita como uma real modificação."

Elisandro Rodrigues, p., 2018

A segunda afirmação encontrei no texto sobre a Artesania dos dias, em que falo da relação entre fragmentos e cotidiano:

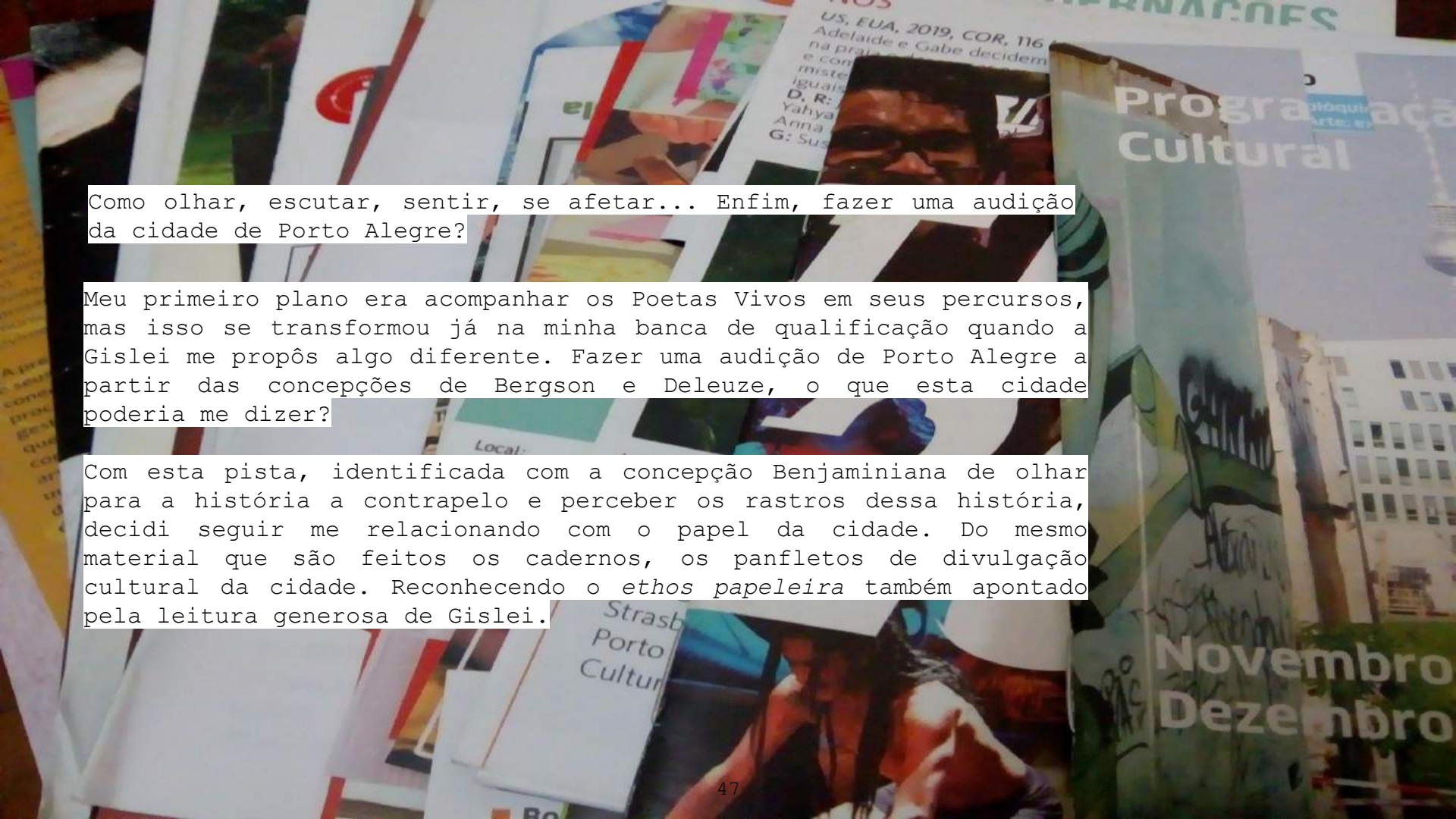
O método reflete nosso cotidiano, reúne nossos fragmentos.

O cotidiano localizado, a experiência coletiva, com esta cidade, neste século, neste momento. Benjamin.

.Paris a Ville Lumiere.

Espelhos são o elemento intelectual desta cidade, seu brasão, no qual se inscreveram os emblemas de todas as escolas poéticas.

Walter Benjamin, em Rua de mão única, 1997.



Como olhar, escutar, sentir, se afetar... Enfim, fazer uma audição da cidade de Porto Alegre?

Meu primeiro plano era acompanhar os Poetas Vivos em seus percursos, mas isso se transformou já na minha banca de qualificação quando a Gislei me propôs algo diferente. Fazer uma audição de Porto Alegre a partir das concepções de Bergson e Deleuze, o que esta cidade poderia me dizer?

Com esta pista, identificada com a concepção Benjaminiana de olhar para a história a contrapelo e perceber os rastros dessa história, decidi seguir me relacionando com o papel da cidade. Do mesmo material que são feitos os cadernos, os panfletos de divulgação cultural da cidade. Reconhecendo o *ethos papeleira* também apontado pela leitura generosa de Gislei.



CARTOGRAFAR

Assim me proponho um jogo de papeleira, inspirada na figura do Trapeiro dos poemas de Charles Baudelaire, muito comentada por Benjamin. Percebo nos panfletos as pistas e também os rastros da história. Me relaciono com estes restos. Por já ser uma colecionadora de papéis, mais precisamente de recortes de revista, o meu afeto me guiou nesta relação com as imagens em papel. Para além do afeto, criei regras . Primeiramente listar os lugares possíveis nos quais eu encontraria panfletos de divulgação, depois selecionar palavras chaves que deveriam constar nos panfletos. A lista coloquei nos anexos, você que está lendo pode olhar lá, logo depois das referências.

As palavras chaves foram escolhidas a partir do Projeto da Dissertação, selecionei as que mais tinham ocorrência conceitual nos textos e as que entendi que poderiam ampliar horizontes.

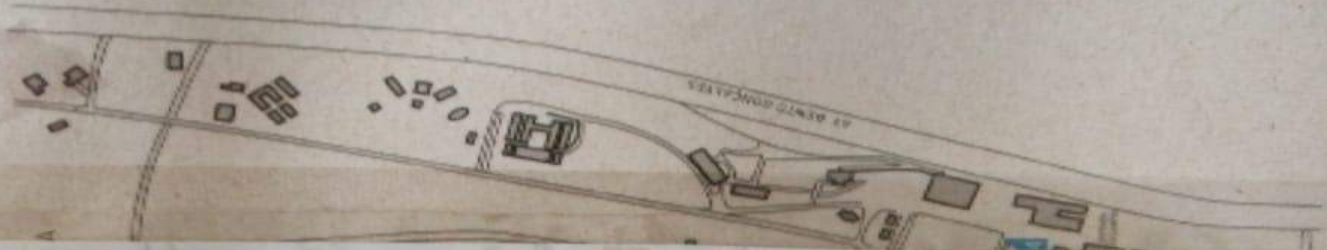
HORIZONTE, JUVENTUDES, POÉTICAS, COTIDIANO, NARRATIVA, EXPERIÊNCIA,
INVENÇÃO, CIDADE, CARTOGRAFIA, POTÊNCIA, GUERRA, NECROPOLÍTICA, MONTAGEM,
ARTESANIA.



CIDADE


Depois desta seleção lugares e palavras, coloquei em prática outras regras do jogo. Ir aos locais preferencialmente caminhando ou de bicicleta, coletar os panfletos de divulgação e nestes panfletos perceber a presença destas palavras. As palavras poderiam estar nos títulos ou na descrição do evento, também considerei os plurais e derivações, como por exemplo POÉTICAS-POETAS.

NARRATIVIDADE

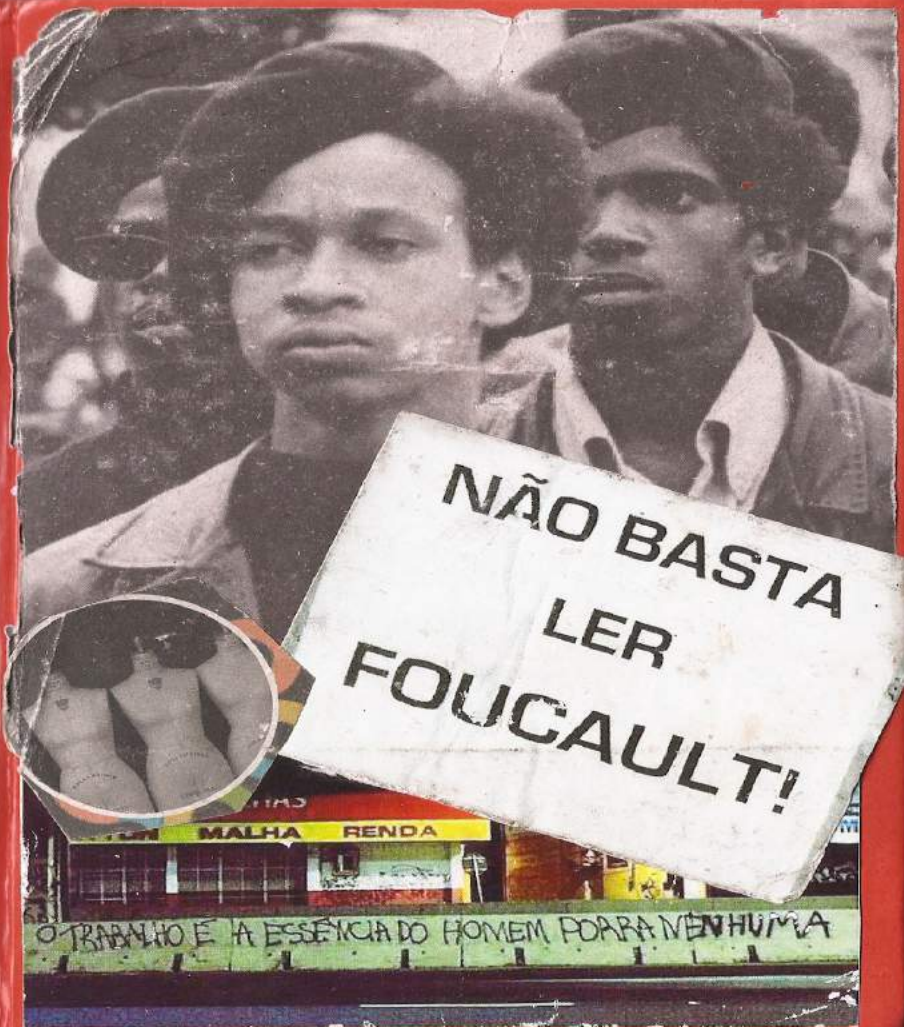


En el juego encontramos semillas de otros mundos posibles, deseables, urgentes, imprescindibles

XII Bienal Internacional del Juego: DIVINA MEZCLA



Neste jogo com os panfletos, encontrei duração nos encontros com a Oficina Artesania dos Dias e nas apresentações dos Poetas Vivos. Os panfletos em papel também se ampliaram para divulgações na internet, já que neste caminhar percebi que as divulgações me levariam para cursos e espetáculos pagos. Além disso segui companheira dos acasos neste percurso, encontrando também as pausas interessantes.



NÃO BASTA
LER
FOUCAULT!



O TRABALHO É A ESSENCIA DO HOMEM PARA NENHUMA

Aline se reencontra com a juventude a partir da questão:
como ficar adulto em um mundo que se despedaça? Através de cenas do
cotidiano e cartas ela traça a linha do *horizonte-juventude*. Nesta linha
a experiência da paixão em conhecer jovens poetas e a profunda
melancolia.

Porto Alegre, maio de 2018.

Era uma manhã esquisita, cinzenta e úmida, e eu tinha acabado de sair de uma das reuniões mais difíceis que vivi na pós-graduação - a que me desligou oficialmente da linha de pesquisa anterior - quando fumava um cigarro perto da entrada da FACED. Estava um pouco raivosa e ao mesmo tempo com um nó de choro engasgado, conversando esbravejadamente com um amigo, quando de repente apareceu o Mike. Ele chegou perto e logo disse com seu sotaque diferente:

- Com licença, estou vendendo poesias, eu tenho um livro poemas sobre resistência, e o outro é sobre o amor. Vocês querem dar uma olhada?

Escolhi o da resistência.

Foi como se ele me desse um abraço, daqueles que fazem a gente quase levitar. Só parei. Parei de falar daquele jeito, parei de ter raiva, parei de esbravejar... Parei. E ouvi! Ouvi aquele menino, me interessei, fiquei curiosa... Um jovem, de outro país, negro, vendendo poesias, havia me parado.

Esse jovem é Joseph Mike Iorry Loudney, mais conhecido como Mike, campeão no slam RS e Slam Peleia em 2018. O livro que eu comprei dele tem por título "O Inimigo em Comum". Na primeira página deste livro tem uma pequena apresentação escrita por ele:

"Nasci em setembro de 1999 em Porto Príncipe, capital do Haiti. Cheguei ao Brasil no dia 5 de outubro de 2017 como imigrante. Sou estudante do Coletivo de Educação Popular (COLEP) e participo de alguns programas de jovens. Além de ser poeta, sou escritor e slamer. Estou escrevendo um livro sobre a história do meu país: 'Haiti o livro da selva'. Para quem não me conhece ainda, sou o autor do livro 'O Amor Não Machuca Ninguém'. O livro 'O inimigo em comum' tem um conteúdo de 30 poesias, 25 em português, 4 em francês e uma em crioulo (língua nativa do Haiti, mistura de várias outras línguas incluindo o português) SLAM, é um campeonato de poesia falada de rua, o autor tem até 3 poesias para recitar no meio da roda e cada um tem 3 minutos. Eu faço poesia desde os 12 anos de idade, antes de chegar ao Brasil, mas foi no slam que eu descobri meu verdadeiro talento."

Joseph Mike Iorry Loudney, em O Inimigo Em Comum, pg. 2, 2019.

Eu acredito em algo, que não vou aprofundar nem discutir muito, na sincronicidade das coisas, do universo talvez... Carl Jung trabalhava com esse conceito na sua clínica, olhando para as mariposas, mas eu aqui só estou fazendo uma revelação de uma crença mesmo, sem intenção de comprovação. Ainda conservo em mim um olhar, ou pensamento, mágico para alguns acontecimentos da vida. Em resumo, para mim as coisas não são por mero acaso... Ainda que

“O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho.”

Luciano Bedin da Costa, em “Cartografia: uma outra forma de pesquisar”, p.3, 2014

Seja por sincronicidade, ou por acaso eu encontrei com o Mike naquele dia. O dia em que decidia mudar de linha de pesquisa, mas principalmente de perspectiva teórica.

No mestrado escolhi a linha de Trabalho, Movimentos Sociais e Educação. Queria nesta linha pesquisar com as juventudes sobre os saberes que elas produziam no trabalho com o comércio de drogas ilícitas, iria propor um projeto de extensão em um centro da juventude, tinha hipóteses de que precisava produzir com as juventudes narrativas, de que elas não estavam tendo espaço de escuta e por isso estavam se calando, se emudecendo a partir da guerra nos morros.

Eu, branca, classe média, a pedagoga, especialista em saúde mental, mestranda na universidade pública, bolsista CAPES queria subir o morro para ajudar as juventudes de lá de cima a se narrarem... A Madre Tereza, como diria um amigo meu. Quase fiz isso... Quase.

Ainda bem que não!

Mike me mostrou, pedindo licença para vender a sua poesia, que **as juventudes já estão se narrando**, e muito-bem- obrigada!

Essa perspectiva salvacionista ou de empoderamento, ou as duas coisas não me faz mais sentido... Ainda que muitas vezes eu recaia em expressões assim, a minha ética me move a outras direções. Uma ética de acompanhamento, de dar ouvidos e não dar a voz...

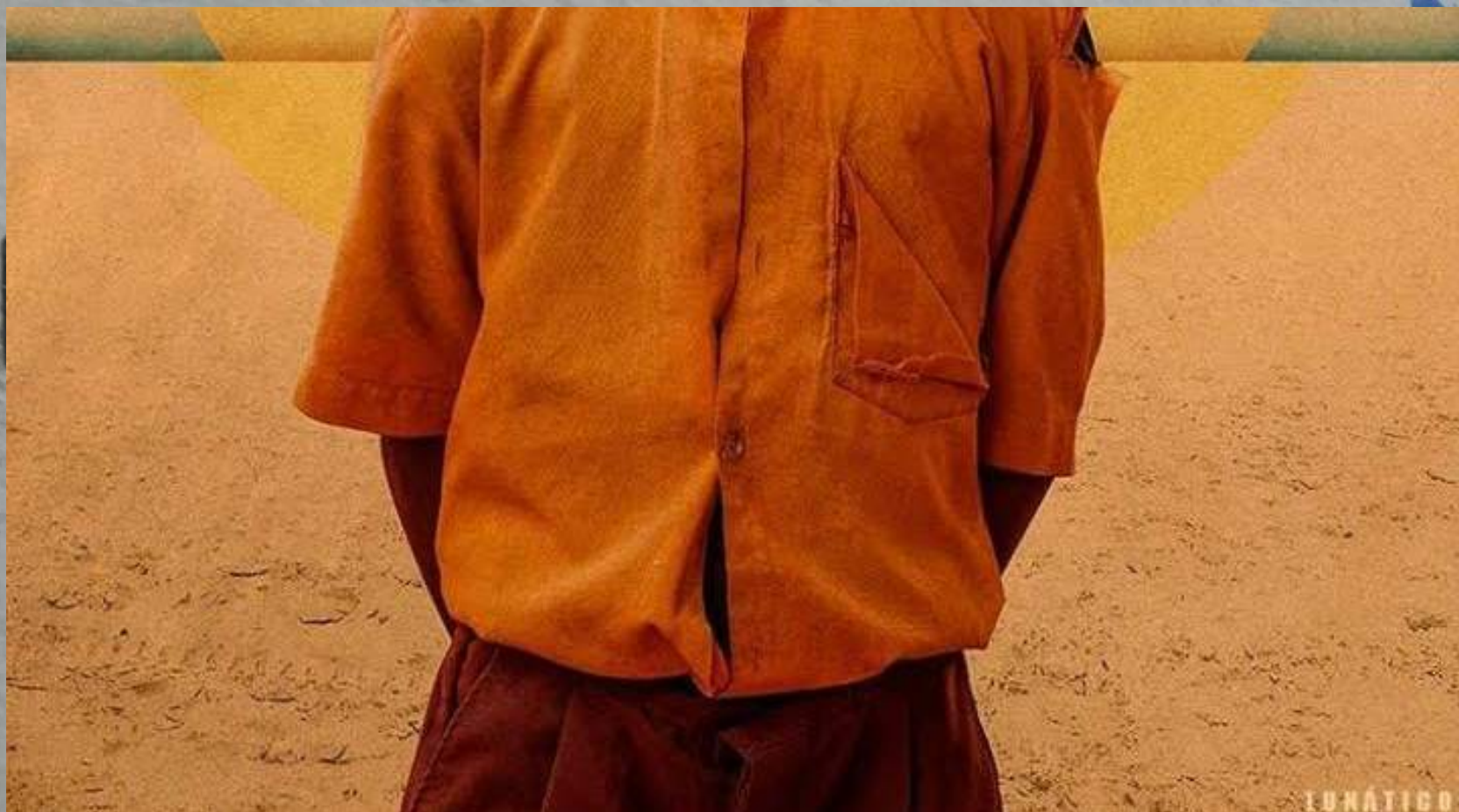
Uma ética de poder silenciar a minha voz para poder ouvir as vozes das juventudes, uma ética de aprender com e não de ensinar para, uma ética de afirmação da vida e não de utilitarismo.

Mike e eu conversamos em outros dias pelo pátio da FACED, falamos sobre a poesia dele, sobre a vinda para o Brasil, sobre os slams no Haiti. Quando vê, ou quando eu vi, já estava pesquisando... Por que a pesquisa começa muito antes de uma banca, ou de uma aprovação em comitês, ou de grupos de orientação... A pesquisa nos habita e é inevitável.

"As coisas mais aparentemente insignificantes e imprevisíveis podem ser extremamente potentes."

Gilles Deleuze, em letra C de Cultura, 1988.





Depois desse encontro com o Mike o meu olhar para as narrativas juvenis era completamente outro.

...merecem ser perguntadas
...encontrar a resposta
...merecem ser perguntadas
...tão certos sobre nós

...umento

...das

Por que tanta miséria?
...estão morrendo com fome
Por que tanta miséria?
...mundo está chegando ao fim

Por que existe o racismo?
...não escolhemos ser negros
Por que existe o racismo?
Nós nascemos na miséria

...amos

Por que tanto amor?
...uma pessoa que não nos ama
Por que tanto amor?
...toda a nossa vida sem amar

O mundo que nós queremos

O mundo que nós queremos
É um mundo sem preconceito
Onde a cor da minha pele seja respeitada

O mundo que nós queremos
É um mundo sem morte
Uma vida longa sem fome

O mundo que nós queremos
É um mundo de arte
Onde a desigualdade não faz parte

O mundo que nós queremos
É um mundo tão maravilhoso
Onde todo mundo tá no meio do rio

O mundo que nós queremos
É um mundo sem pobreza
Tô enxergando através do microscópio mas nada muda

O mundo que nós queremos
É através dos binóculos que tenho uma outra visão do mundo
Com a minha ilusão, eu vejo o mundo em que estou
E o mundo que eu quero

Esse mundo é minha utopia
Esse mundo sai da minha imaginação



LOUDNEY, 2019 .

"Os poetas são despidorados em relação a sua experiência: eles a exploram."

NIETZSCHE, Friedrich Nietzsche, em Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro, tradução e notas de Renato Zwicky, 2009.

GUMARÃES ROSA

(...) O MAIS IMPORTANTE
É BONITO, DO MUNDO, E
ISTO: QUE AS PESSOAS
NÃO ESTÃO SEMPRE
IGUAIS, AINDA NÃO FORAM
TERMINADAS - MAS
QUE ELAS VÃO SEMPRE
MUDANDO. AFINAM E
DESAFINAM, VERDADE
MAIOR. É O QUE A VIDA ME
ENSINOU. ISSO QUE ME
ALEGRA MONTÃO.

POTÊNCIA



Porto Alegre, memórias de 2015.

Centro Histórico

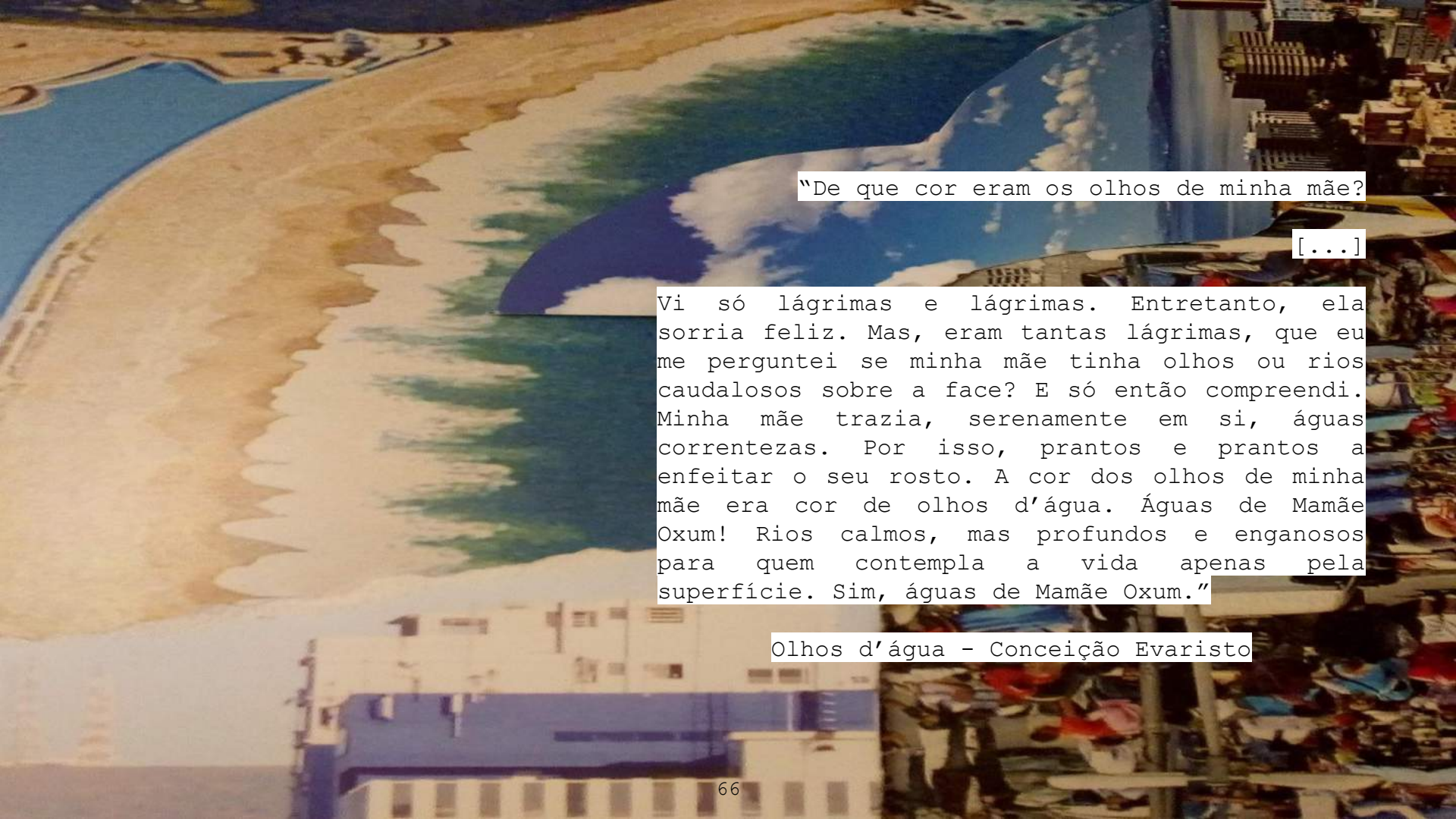
“-Tchau mãe! Estou indo, mas volto de quinze em quinze dias para visitar nesses primeiros meses, prometo. Não precisa chorar assim...”

Foi o que disse a minha mãe no dia da minha mudança para o Centro Histórico. Mudava principalmente em função do trabalho na Residência, meus campos de atuação seriam na região metropolitana... Por isso morar no Centro. Dividir um apartamento alugado, com uma colega de trabalho, em uma escadaria colorida. Lá vivemos por quatro anos.

Morar na escadaria era morar perto de tudo, sobretudo da poesia. A Escadaria da Rua Vinte e Quatro de maio fora revitalizada em 2011, a partir de uma ação coletiva da associação dos moradores, a artista plástica Clarissa Motta, fez um trabalho de mosaico com azulejos coloridos, gravando neles frases coletadas em entrevistas com os moradores do bairro, bem como frases de Drummond de Andrade, Leminski, Erasmo Carlos, Rita Lee e alguns outros. Toda a escada é uma tentativa de encontrar com as nuvens, nesse sentido esta escada produz horizontes. O medo também compunha esse mosaico, por ser uma escada com diferentes níveis e pairagens, ela produz um brete. Com o crescente número de roubos e assaltos na metrópole, oriundos da desigualdade social latente, ao subir a escada em determinado horário devia-se sempre estar "atento e forte", não tendo "tempo de temer a morte", como diria Gal Costa. O centro histórico é povoado por escadarias que buscam as nuvens, elas são resultado da história de uma cidade que se separava entre a parte alta e a parte baixa. Havia um muro... Um muro que segrega a elite moradora dos altos do centro histórico, da ralé da parte baixa. As escadarias dão passagem, por ela passa toda a nossa história racista e violenta.

O centro histórico para mim também era imensidão. Uma imensidão de nome rio, mas de natureza lago. Uma imensidão água-doce Guaíba. Ao subir a escadaria percorria toda a Rua Duque de Caxias, até o seu início... E lá me encontrava com a mamãe Oxum, minha protetora. Foram muitos os encontros com ela, um dos poucos colos em que pude de verdade respirar. Olhava longe... Coisa rara em uma metrópole como a nossa. Um horizonte em que o sol reflete brilhante na água e podemos vê-lo brincar de esconder. Um horizonte que nos convoca a navegar pelo desconhecido, que dá vida à memória de um planeta que é redondo e se move em espiral.



An aerial photograph of a coastal city. A large, curved body of water with a sandy beach is on the left. The city buildings are on the right, and a large, colorful mural or painting is visible in the foreground, partially overlapping the city and water. The mural depicts a landscape with a blue sky, white clouds, and a body of water. The text is overlaid on the mural and water.

"De que cor eram os olhos de minha mãe?

[...]

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum."

Olhos d'água - Conceição Evaristo

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2019

Cidade Presente: a cidade que se vê, a cidade que se sente
SAMBA E CHORO PEDEM PASSAGEM

Entrar no Salão de Atos mais uma vez para assistir ao Unimúsica, mas como pesquisadora. Parece que o olhar muda, um olhar que aguça ao perceber os detalhes...

Desde a abertura, reparar nas vozes que intercalam o discurso de abertura. Uma voz feminina e outra que parece falar um português aprendido aqui... Uma voz masculina de um forasteiro. Fiquei pensando que aquela voz poderia ser de um imigrante...

As luzes vermelhas e azuis do palco, o silêncio do público dão o foco para os atabaques de percussão entrarem em cena. Homens negros vestindo branco, ancestralidade em cena que me conectam ao terreiro. A força de um atabaque que me traz a memória da capoeira jogada no ginásio tesourinha com o Mocambo. Aplausos, gritos, vibrações!

Abertos os trabalhos ao choro e ao samba de Porto Alegre. O som me guia pelas imagens projetadas ao fundo, vídeos do cotidiano da cidade de Porto Alegre.

Vídeos de instantes em bairros que, de alguma forma, senti que já passei por ali, casas grafitadas com flores, um fogão em uma parede amarela, a fruteira que parece ser da avenida independência por onde passo quase todos os dias.

As imagens são o fundo das canções, as polifonia da cidade que se manifesta em luz, cor, textura, som, vibração... Imagem. Pâmela Amaro e Mathias Pinto convidam artistas da cidade a cantar. Acompanhados por instrumentos.

do mundo, falou: “Manda logo tudo, acelera aí!”. O jeito é olhar para o nosso ser interior, e não ficar supervalorizando o trem que passa lá fora. Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.

Quando tudo está entrando em parafuso, você tem que ter alguém pra chamar — eu chamo Drummond. Pra mim, ele é um daqueles paraquedas coloridos que eu menciono em *Ideias para adiar o fim do mundo*. “O homem; as viagens” é um poema sobre isso que estamos vivendo:

*Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
- só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilima dangerosíssima viagem*

Porto Alegre, memórias de 2018.

Poetas Vivos, no Comitê Latino Americano

Era uma noite de roda aberta de MPB, no Comitê Latino Americano, frequentado pela ripongagem classe média mais chique do bom fim, quando eu tentava diluir a ansiedade em copos de cerveja e divertir o corpo cansado do estado cadeira em frente ao computador. Ouvia duas meninas, que por entre o público anunciavam como feirantes:

-Eu vendo pó!

- Eu vendo pó! Eu vendo pó!

- Eu vendo pó...esia!

Pegaram os microfones, duas jovens negras, em meio aquela classe média branca, e deram o papo reto. Uma das intervenções/performances mais emocionantes que já assisti. Duas poetisas declamavam o seu "terrorismo lírico", como elas se definem. Esse terrorismo lírico fala da realidade da guerra do tráfico, do genocídio da juventude negra, do racismo, do machismo, da condição de ser mulher negra e pobre nessa sociedade.

Elas fazem parte do grupo Poetas Vivos!

Nesta noite eu conheci o trabalho delas, e depois disso as revi em muitos outros bares frequentados pela classe média... Nos bairros Centro Histórico, Cidade Baixa e Bom Fim. Quando eu percebi estava novamente ali, pesquisando... Percebia em muitos momentos, os outros corpos que assistiam as performances muitas vezes desrespeitando o espaço dos poetisas, falavam alto, não olhavam, pareciam muitas vezes incomodados... Meu corpo embriagado de cerveja deixava-se afetar com os versos, aplaudia em pé, colocava dinheiro no chapéu, comprava o fanzine dos Poetas Vivos. Por que me afetam? Por que em mim a poesia deles faz eco? Qual é o meu lugar de fala nessa história toda?

Os Poetas Vivos são um grupo de poetas que além de fazerem intervenções artísticas em bares da cidade, segundo a página deles no Facebook são também uma

“Iniciativa cultural que atua e organiza eventos, espetáculos, oficinas, workshops, flash mob, feiras, palestras, debates[...]”.

Os membros do Poetas Vivos também participam e organizam os slams, assim como Mike. Ambos se conhecem e admiram.

A palavra do poeta carrega a memória, a nossa história é contada por eles em versos que fazem doer em qualquer pessoa com o mínimo de sensibilidade. São tempos difíceis de narrar... E essas juventudes estão fazendo isso com muita força. Uma juventude poética.

De que modo essas produções juvenis, de uma poética do cotidiano, se relacionam com a cidade?

"Do lugar onde
estou, já fui
embora."

Porto Alegre, algum dia de janeiro de 2020.

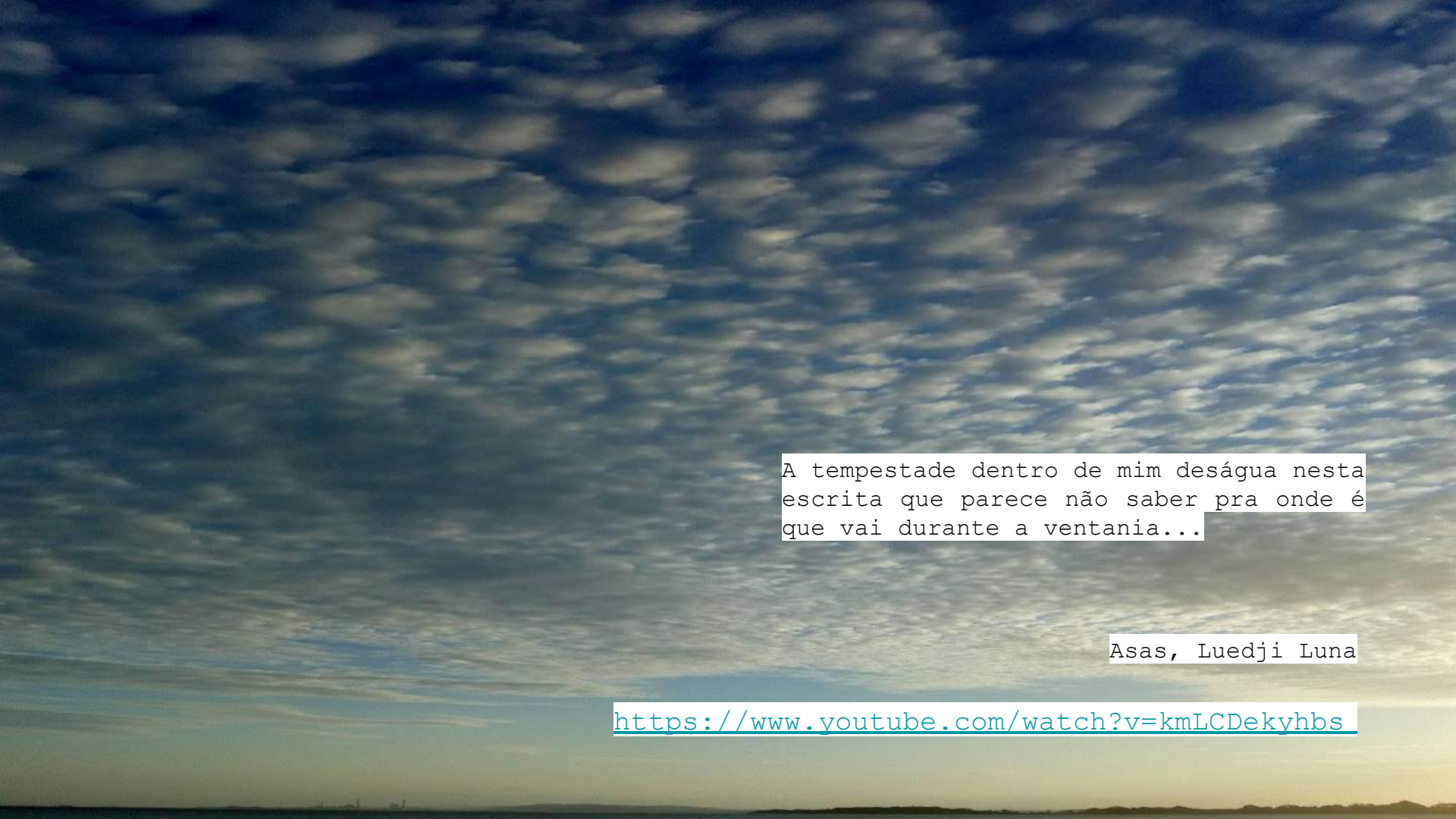
Ventania

Por que escrever enquanto uma guerra acontece?

Será o início da terceira guerra mundial?

Será só mais um dos ataques pela paz motivados
pela ganância do Tio Sam?

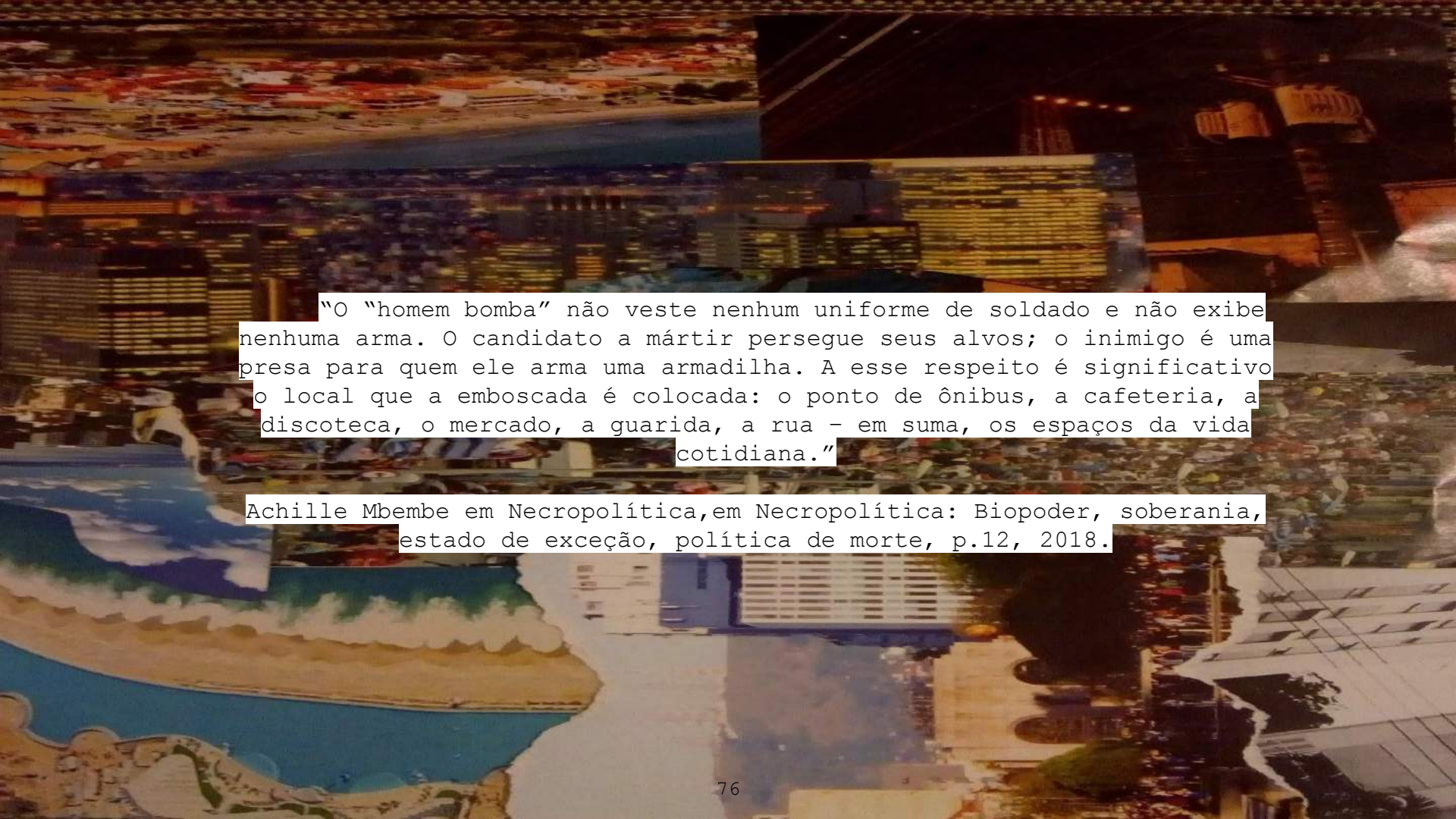
Ouçõ o vento que balança as folhas do
flamboyant e penso se ele me escuta agora.
Será que entende as minhas lágrimas e soluços
nessa noite de verão. O vento que anuncia a
tempestade, que dá voz aos mortos, que permite
aos pássaros voarem em suas correntes.
Correntes de vento, correnteza de vento, cores
de vento, coisas de vento...



A tempestade dentro de mim deságua nesta
escrita que parece não saber pra onde é
que vai durante a ventania...

Asas, Luedji Luna

<https://www.youtube.com/watch?v=kmLCDekehbs>

The background is a collage of three distinct images. The top-left portion shows a dense urban landscape at night, with numerous lights from buildings and streets. The top-right portion depicts a boat, possibly a ferry or a small cargo vessel, on a body of water. The bottom portion features a modern, multi-story building with a grid-like facade, possibly a residential or commercial structure, set against a lighter background.

“O “homem bomba” não veste nenhum uniforme de soldado e não exibe nenhuma arma. O candidato a mártir persegue seus alvos; o inimigo é uma presa para quem ele arma uma armadilha. A esse respeito é significativo o local que a emboscada é colocada: o ponto de ônibus, a cafeteria, a discoteca, o mercado, a guarida, a rua - em suma, os espaços da vida cotidiana.”

Achille Mbembe em Necropolítica, em Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte, p.12, 2018.

Espaços (Sub)traídos

O Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT-UFRGS) e Sala Redenção - Cinema Universitário apresenta a mostra Espaços (Sub)traídos.

As inquietações urbanas que permeiam as pesquisas dos diversos integrantes do grupo dialogam com filmes produzidos pela cena audiovisual brasileira.

A ideia surge com intuito de fomentar o diálogo entre o público em geral e o meio acadêmico sobre a função da imagem cinematográfica como imagem

a Secretaria da Fazenda do RS, Organizados em um Comitê de Escolas Independentes (CEI), os securdaristas protagonizam uma jornada de lutas e ocupações nas escolas públicas do Estado. O documentário investiga os reflexos traumáticos que estes estudantes vivenciam na espera da decisão judicial que pode condená-los. Ocupar as ruas e reorganizar os espaços é o alvo daqueles que são excluídos dos processos de decisão e que, por meio da ação direta, com seu próprio corpo, buscam traçar



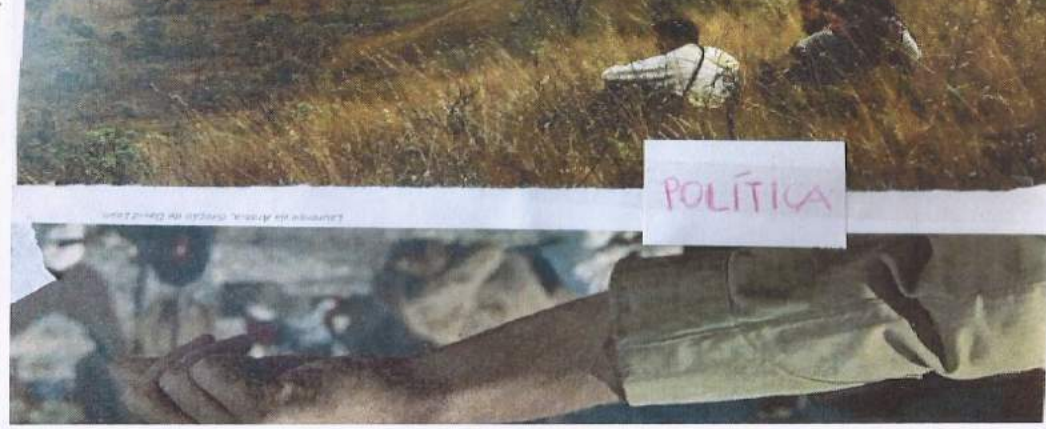
19065

da de junho | 19 de maio | 19h

De Santos, São Paulo | Brasil

19065 | 2006 | 8-min

Porto Alegre, no dia mais quente do verão. Um casal de imigrantes chineses cruza a cidade em um carro de motor. Documentário



Porto Alegre, setembro de 2019.

Experiência



Como ficar adulto em um mundo que se despedaça? A curiosidade sobre a morte vai chegando aos poucos - para quem tem esse privilégio - com o principio de rugas no rosto, os tímidos fios de cabelos brancos, os boletos que chegam todos os meses. Olhar para as coisas e nada parecer mágico. As coisas sendo, cada vez mais como são ou como supostamente devem ser e menos como poderiam diferir, variar, ou transfigurar-se. Ideais que vão se desfazendo, sensação de impotência, de uma ancoragem que precisa vir de dentro... Ser fortaleza de si mesmo quando somos adultos, eis a maior invenção.

Benjamin disse, certa vez, que a primeira experiência que a criança tem do mundo não é a de que "os adultos são mais fortes, mas sua incapacidade de magia".[...] O que podemos alcançar por nossos méritos e esforço não pode nos tornar realmente felizes. Só a magia pode fazê-lo. Magia significa, precisamente, que ninguém pode ser digno da felicidade, que, conforme os antigos sabiam, a felicidade à medida do homem é sempre *hybris*, é sempre prepotência e excesso.

Giorgio Agamben, em Profanações, 2007.

No começo de minha vida adulta me interessei pelas juventudes, desde o lugar de quem ainda é uma jovem adulta, tantas vezes escolhi trabalhar em espaços nos quais encontraria com pessoas nesta fase da vida; na Educação de Jovens e Adultos em escolas municipais e estaduais, nos Centros de Atenção Psicossocial, nos serviços de Assistência Social. Uma trajetória de encontros e reconhecimentos, de gírias, de abraços, de choros, de limites, de vontade muitas vezes de levar pra casa, de chatice, de deboche, de conversas intermináveis, de paciência, de bobagem, de ouvir musica, de conhecer bairros, de praças, de filmes, de confiança...

Confiar nos jovens que encontrei por aí, foi uma das tarefas mais bonitas e doloridas que já tive. Sei que essa confiança foi recíproca, isso me alegra muito. Através da confiança no encontro,

escutei muitas narrativas de vida. Vi olhos que brilhavam e lacrimejavam, olhos de raiva, olhos chapados, olhos de sono, olhos olheiras, olhos fundos de fome, olhos janelas. Em cada janela um universo.

Olhávamos nos olhos e queríamos encontrar alguma coisa que fizesse sentido, alguma possibilidade de seguir existindo mesmo que aos pedaços. Até que vinham as perguntas... - O que tu gosta de ouvir? Conhece essa série? Que livros tu já leu? Já foi ao cinema? Joga vídeo game? Sabe fazer rima? Intercalando assuntos pesados e doloridos com as levezas da cultura no cotidiano, tecíamos relações pedagógicas, terapêuticas, e posso dizer, porque não, de amizade. A produção de potência de vida dos encontros pra mim sempre tinha alguma coisa a ver com a arte.

A arte é expressão de si... Certa vez uma aluna, que já não lembro mais o nome, me disse: - Sora, então a arte é como uma fome! Em alguma semana de prática pedagógica quando eu ainda era estudante de pedagogia, e conversávamos sobre arte e a nossa vida. Arte é invenção!

Percebo a arte como um campo múltiplo, que se manifesta a todo o momento na nossa vida. Reconheço-me como artista não somente quando estou atuando em uma peça de teatro, ou performace, ou apresentando uma coreografia, ou fazendo um número de palhaçaria, ou escrevendo poesia, ou cantando em uma roda de MPB, ou fazendo uma exposição das mandalas que desenho...

Parece-me que toda arte envolve processo. Seja de ordem mental, intelectual, criativa, temporal, ideológica, física e/ou prática/formalizadora, e por aí vai, mas sempre alguma instância processual. Assim como a vida, aliás - uma sequência de eventos mais ou menos encadeados, por vezes pontuados por incidentes e fatos ordinários e extraordinários, que nada mais são do que um processo.

Guy Amado, em Arte processual e certa preguiça da forma, p.211, 2010.

Reconheço-me como artista também nas ações cotidianas, no combinar das roupas, no olhar as árvores que zigzagueiam por entre os fios de luz, fazendo o almoço na cozinha de casa, escrevendo um projeto de dissertação.

Com isso não quero dizer que arte é qualquer coisa, mas que ela tem a ver com um modo de operar, antes de pertencer ao domínio dos objetos artísticos. A arte tem a potência de transgredir, de inventar algo novo, de nos deslocar. Por isso a censura, por isso os museus que incendeiam... Para que deixemos de enxergar as cores. Mas como vamos ver cores com tapetes de fumaça cinza que invadem o céu?

Nossas árvores incendeiam, e a fumaça é o nosso sinal de alerta... Até onde irá esse fogo?
Queimaremos todos na fogueira do totalitarismo?

No filme *The Neverending Story* de Wolfgang Petersen (1984) baseado no romance de mesmo nome, escrito por Michael Ende, existia também uma fumaça que, na tradução para o português, chamava-se de Nada. Essa fumaça estava destruindo o mundo da Fantasia. Um jovem é convocado através da leitura de um livro a salvar o mundo da fantasia, Bastian - O jovem guerreiro. Como um jovem poderia salvar a fantasia? Essa pergunta nos convoca a uma reflexão sobre o lugar das juventudes... O que esperamos delas?

"Basta este nada. E já o pensamento experimenta o perigo"

Percebo que as juventudes se relacionam com este Nada vivendo um hibridismo entre a infância e a vida adulta. Um entremeio, cuja potência de travessia é diminuída por ser constantemente definida em relação ao que não se é mais (criança) ou ainda não se consegue ser (adulto). Mas as juventudes também afirmam a possibilidade de transgressão, habitam o mundo adulto com o olhar inventivo da infância. Neste sentido, a potência de criação de novos modos de existência, ou ainda de fazer resistência ao que está posto.

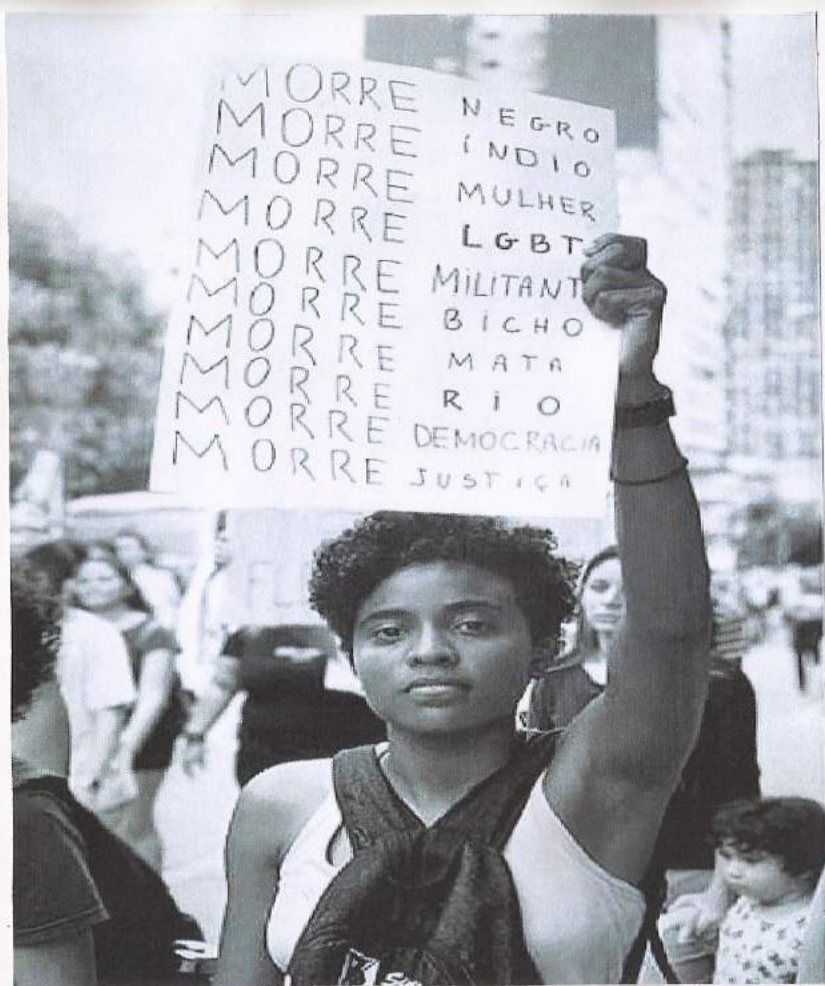


Nosso olhar acompanha Bastian que vibra resistência nas costas do seu amigo dragão mágico. Um corpo celeste! O jovem, um vazio de origem, a força diferente do nada que mobiliza a transformação do mundo da fantasia no filme. A potência do jovem guerreiro, ou da jovem guerreira, que encontra na literatura refúgio.

"Resistir às respostas fáceis, às interpretações ligeiras, aos caminhos previamente delimitados que cegam para tantas outras possibilidades; resistir a necessidade de afirmação de um determinado saber que oblitera a possibilidade de tantos outros; resistir as pressões por indicadores; resistir a pretensão de seguir ou querer afirmar palavras últimas... [...] Resistir é (im)preciso, seja para provocar o diálogo entre universos e localidades, sujeitos e espaços, subjetividades e transitoriedades discursivas; seja para afirmar a ciência do ponto de vista inventivo, que (se auto) conhece, para abrir-se ao campo da experiência ou permitir a enunciação das diferenças; resistir e pesquisar amalgamando-se em movimentos de transformação dos modos, ainda modernos e persistentes, de produzir saberes e perguntar sobre a vida."

Andréa Zanella e Janaina Furtado, em Aforismo RESISTIR no livro *Pesquisar na Diferença: Um abecedário*, p. 207.

Para uma pesquisa inventiva encontrar a polifonia faz necessário investir no encontro e, sobretudo, na escuta com as juventudes.



Fotografia de @raissacarvalho, em Manaus, divulgada na página do Instagram @midianinja, agosto de 2019.

A potência de transgressão que as juventudes anunciam é vigiada, e assim tenta-se a controlar com todas as medidas possíveis, inclusive com a morte. O que me preocupa é que muitas vezes o capitalismo captura essa potência, e a faz parecer uma expressão triste e individualizada. Dessa individualização percebemos entre as juventudes as automutilações e, muitas vezes, suicídios.

Walter Benjamin faleceu na década de quarenta de forma misteriosa durante a Segunda Guerra Mundial, fugia pelas cordilheiras dos Pireneus, quando na cidade Portbou, foi parado pela polícia espanhola. Alguns dizem que ele cometeu suicídio tomando uma alta dose de morfina, durante a noite enquanto estava detido junto com um grupo de judeus e aguardavam a uma possível deportação, outros temem que ele tenha sido assassinado. O mais curioso de tudo é que, no dia seguinte as autoridades espanholas permitiram a passagem do grupo.

Benjamin era um grande escritor de ideias, crítico literário, crítico de teatro, poeta, filósofo, escrevia na urgência do seu tempo. Levava consigo uma maleta de preciosos manuscritos na fuga da guerra. Este homem escreveu sobre temáticas diversas, que são lidas hoje por diferentes pessoas de muitas áreas do conhecimento.

Em um de seus ensaios, que tem por título, "Experiência e Pobreza" penso que ele nos conta sobre as cinzas da guerra em que vivia... Walter Benjamin também conta da pobreza que o regime totalitário em que viveu produziu no mundo, sobretudo na Alemanha.

Sua escrita neste texto é de 1933, mas tem uma força que reverbera no tempo de hoje. Se formos pensar não vivemos uma guerra mundial como ele, mas compartilhamos notícias de várias guerras que seguem acontecendo ao redor do mundo.

"Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras estava o frágil e minúsculo corpo humano".

Walter Benjamin, *ensaio Experiência e Pobreza*, em *Obras Escolhidas I Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da Cultura*, p. 124, 1933.

~~Com essa guerra ele entende que a humanidade tem a sua experiência de vida empobrecida, que perde assim a capacidade de narrar, de contar histórias que passem de boca em boca.~~

Dentro deste mesmo livro, tem outro ótimo texto dele que chama "O Narrador" estes dois textos se complementam, entendendo que narrativa e experiência estão em uma relação indissociável. Walter Benjamin nos convida a refletir sobre a experiência da nossa sociedade moderna entre guerras, assim as tradições de cultura oral.

"Saiba-se exatamente o que era a experiência: ela sempre foi comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos. - Que foi feito de tudo isso? Quem encontra pessoas que ainda saibam narrar algo direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer lidar com a juventude invocando sua experiência?"

Walter Benjamin, no mesmo ensaio anterior, p. 123, 1933.

Porto Alegre, entre novembro de 2018 e agosto de 2019.

Quase

Tarde de primavera, faz sol e os ipês seguem floridos apesar de tudo...

Querido Walter Benjamin

Talvez um dia a gente ainda vá se conhecer, ou talvez eu tenha te encontrado no olhar de alguma criança curiosa sem saber, ou talvez agora tu sejas apenas parte de uma terra úmida... não importa tanto assim. Escrevo-te porque estou com um nó, um nó que me engasga... Ainda que tenha muitas coisas a dizer: emudeço. Estou emudecida há vários dias, semanas, tentando começar a escrita de um projeto para um percurso investigativo, uma dissertação. Não sei mais que sentido ela tem. Por isso decidi te escrever, mesmo que não estejas mais vivo aqui neste planeta, tuas palavras se imortalizaram. Gostaria que soubesse disso, que és lido por muita gente, de muitas áreas diferentes do conhecimento, de muitas culturas.

Admiro a tua força e delicadeza na escrita que se faz da urgência de uma guerra. Sinto que escreveu porque era necessário, escrevia porque era o teu modo de existir no mundo. Vou reunindo forças para a necessidade e urgência da minha escrita. Desde aqui penso também a experiência; deparo-me com memórias, é difícil lidar com elas...

Em uma manhã de inverno muito fria, recebi uma mensagem de uma amiga que me pedia ajuda. Na mensagem ela dizia:

- Preciso de companhia, não posso ficar sozinha. Para fazer o tratamento, preciso de pessoas perto.

Ela acabava de voltar de uma internação psiquiátrica, havia tentado suicídio. Uma mulher, negra, pobre, jovem e sozinha. Uma das mulheres mais lindas que conheço. Precisei dizer a ela:

- Amiga, nesse momento eu não poderei ser a tua principal cuidadora porque estou na finalização do processo de escrita do meu projeto de dissertação, mas ajudarei no que puder com a tua rede de apoio e estou aqui, mesmo que em poucos momentos, mesmo que virtualmente.

Eu fico pensando sobre o suicídio, que hoje no século XXI já vemos como comum...

Como assim o suicídio é algo comum?

O que são as guerras se não suicídios coletivos?

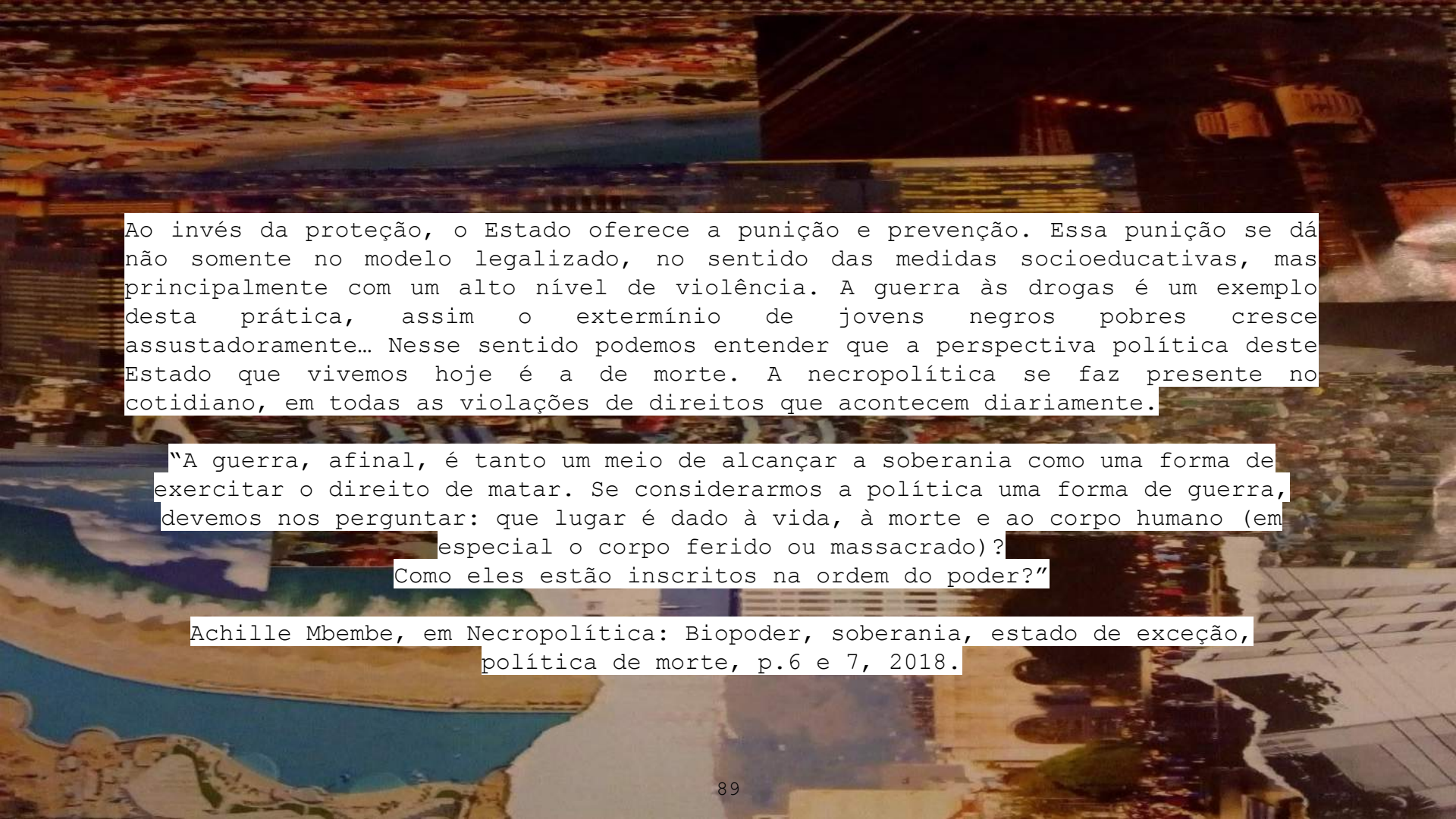
Será que foste tu quem te mataste, ou foste mais uma vítima da guerra?

Quem luta na guerra tem alguma escolha sobre a sua vida?

Tento desenrolar os novelos que tenho na garganta para dizer, seguir adiante nesta escrita, buscando algo que faça sentido.

Agradeço-te pelas produções que fizeste em vida, elas me inspiram a escrever este projeto e me dão força. Onde quer que estejas, sou grata a ti.

Aline Miranda.

An aerial photograph of a city at night, showing a river winding through the urban landscape. A large, brightly lit building is visible on the right side of the image. The city lights create a vibrant, colorful scene.

Ao invés da proteção, o Estado oferece a punição e prevenção. Essa punição se dá não somente no modelo legalizado, no sentido das medidas socioeducativas, mas principalmente com um alto nível de violência. A guerra às drogas é um exemplo desta prática, assim o extermínio de jovens negros pobres cresce assustadoramente... Nesse sentido podemos entender que a perspectiva política deste Estado que vivemos hoje é a de morte. A necropolítica se faz presente no cotidiano, em todas as violações de direitos que acontecem diariamente.

“A guerra, afinal, é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercitar o direito de matar. Se considerarmos a política uma forma de guerra, devemos nos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)?

Como eles estão inscritos na ordem do poder?”

Achille Mbembe, em *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*, p.6 e 7, 2018.

Porto Alegre, novembro de 2018.

Ao jovem Índio

Decidi te chamar assim -índio- aqui no início da carta para preservar o teu nome, também porque lembro que era assim que todo mundo te chamava no cotidiano dos bretes.

Eu sempre me pergunto se tu ainda tá vivo, nunca mais consegui contato contigo, ou com a tua mãe, desde que deixei de te acompanhar naquela prisão. Mesmo assim, quero que saiba, não importa onde tu estejas vou me lembrar de ti com carinho.

Aprendi muito contigo guri, carrego muitas memórias das longas conversas que tivemos durante as manhãs do ano de 2016. Hoje tento fazer alguma coisa com elas, porque sinto que são preciosas demais para ficarem apenas na minha lembrança ou em rabiscos num diário.

Lembro-me dos teus olhos cheios de lágrimas na manhã em que falávamos sobre a guerra. Tu me contavas que não tinha escolha, tinha de lutar para manter a casa da tua mãe no lugar onde estava... Lugar onde tu havias nascido.

Passei por tantas e tantas reuniões em que adultos discutiam o teu futuro, queriam te colocar em exílio em outra cidade, mudar completamente a tua vida... Para que fosse outro alguém nesta vida; um alguém que não fosse gerente de uma boca de fumo e que pudesse se manter vivo.

Tua mãe, tão velhinha e doente, tão curvada e cansada, calejada da vida esperava por uma resposta tua. Afinal, em tão pouca idade, eras responsável também pela vida dela. Recordo de um final de semana, em que te permitiram sair para visitar a família, que falamos pelo telefone sobre tu não querer mais voltar a estar em privação de liberdade. Tu tinhas medo da morte da tua mãe mais do que da tua própria...

Estavam todos em risco de vida naquela época, fosse pela saúde do corpo ou pelas ameaças dos grupos rivais do tráfico... Eu sabia disso, sentia isso; mas o que podia fazer? O que pude fazer? O que pude oferecer a vocês? Sinto que foi pouco...

Lembro-me das tuas mãos tremendo sobre a mesa ao conversarmos sobre os teus amigos de infância que também iriam morrer na guerra, das memórias que tu tinhas dos que já haviam falecido. Tanta dor compartilhou comigo, querido. Confesso que me vem um nó na garganta enquanto te escrevo, quando penso que talvez tu não estejas mais por aqui...

Em algumas manhãs, nas quais pensávamos estratégias de sobrevivência na prisão, falamos sobre o teu trabalho. A tua carreira no grande comércio de drogas ilícitas que começou tão cedo... Aos dez anos de idade já era vapor, das 20h às 8h fazia seus plantões, um guri inteligente que sabia fazer bem cálculos de cabeça e foi subindo de posto. Quando já adolescente trabalhava na contenção e fazia o treinamento dos mais jovens para saberem manipular o armamento. Foi professor de tiro no meio do descampado, no alto dos morros desta cidade cínica.

Lembro-me dos meus arrepios ao te escutar, que eram seguidos de uma agonia muito grande, enquanto tu contavas dos aterrorizantes passeios nos carros da Polícia Militar até O Esquisito. Chegando ao Esquisito, muitas vezes em dupla, eram torturados... Teus relatos de quando ainda era criança me marcaram muito, porque foi ali que tu construístes todo o ódio que sentia dos porcos. Ver um amiguinho ter as unhas arrancadas uma a uma, levar tapas na cara para que aprendesse a não ser um bandido.

Quero dizer que te entendo, e sinto tanto!

Sinto raiva junto contigo.

Entendo que tenha seguido neste caminho sem volta, que tenha sentido ódio da polícia, que tenha utilizado toda a tua enorme inteligência para fazer negócios e gerenciar um grande comércio de drogas. Aos adultos isso pode assustar, mas a ti digo que te respeito muito e admiro pela coragem.

Tanta confiança tu tinhas em mim, nem sei como retribuir... Realmente não sei se tenho como. Contava-me cada coisa... Desenhava mapas, falava dos detalhes dos grupos e da guerra. Os tipos de droga, os nomes, os efeitos... Os detalhes das armas, os jeitos de segurar, os treinamentos.

Em uma manhã lembro que pensávamos sobre como poderia ser uma vida em outro emprego qualquer, o quanto precisava ganhar para seguir sustentando a mãe doente e dar conta dos teus desejos... - Uns dois mil reais tava bom... Tu me dizia.

E o que o Estado poderia te oferecer?

O de sempre, jovem aprendiz se estivesse estudando. Mas onde iria estudar correndo risco de vida? Estágio como empacotador na rede burguesa de supermercados? Para não ganhar nem setecentos reais, sofrer assédio e seguir correndo risco?

A qualquer lugar que tu fosses a guerra te acompanharia, a cobrança era algo certo, porque tinha entrado no caminho sem volta do tráfico.

Nunca vou me esquecer do teu sonho! Do dia em que te perguntei:

- E se tu ganhasse na loteria e nada desta guerra existisse?

Tu me respondes que seria dono de uma casa enorme, um prédio enorme... Lá tu receberia todas as crianças e jovens sem família, teria comida, educação, cultura, esporte, lazer para todo mundo... Iria reformar a casa da tua mãe, iria fazer o jardim da frente que ela sempre sonhou. E talvez tu fosses professor de matemática...

O que pude fazer pelos teus sonhos meu bem? Não sei... Só o que sei dizer é que sinto muito, de verdade, por tudo.

E se pudéssemos ter inventado um outro lugar juntos? E se tu tivesse tido um espaço de liberdade para te pensar? E se tu tivesse tido a oportunidade de realmente descobrir o que te faz feliz? E se tu pudesse contar a tua história para o mundo? E se tu ao fazer isso percebesse histórias parecidas com as tuas? E se juntos pudéssemos partilhar vida?

Onde quer que tu estejas eu te agradeço, por ter compartilhado comigo um pedacinho da tua dura história de luta.

Um abraço bem apertado,

Aline.





Porto Alegre, não sei quando de 2019.

Bom Fim

Dois passarinhos conversam sob o fio de luz, virados um de costas para o outro. O da esquerda se bica, inquieto, caçando piolhos ou pulgas. O da direita parece brincar de estátua, imóvel, ele observa o prédio bege de janelas brancas. Acho que são dois pombos matizados. Meu pai sempre me disse para ficar longe dos pombos, pois são como ratos aéreos. Aves invasoras, que não tem um predador natural aqui, vieram nas caravelas com os portugueses e se reproduzem largamente pela metrópole, sobretudo em lugares que tem migalhas para bicar como as praças.

O que nos diriam as pombas sobre a nossa cidade?

Eu queria poder voar como as pombas, esses dias eu sonhei que tinha asas que arrastavam no chão de tão grandes que eram. Cada vez que eu batia as minhas asas voava muito alto, mas eu tinha medo dessa possibilidade de ir tão alto. Então, devagar consegui atingir o céu, como um avião. Lá no alto via tudo bem pequenino e dava cambalhotas nas nuvens.

Pessoas passam abaixo deles com seus guarda-chuvas, eles vêm e vão, em uma dança. Assim como elas, vão e vêm os carros. Engraçado o pouco colorido deles, em sua maioria preta, cinza, branca e lá que outro algum vermelho. Não tenho carro, mas dizem que as cores são mais caras.

Qual seria o preço das cores?

Coloridas estão as frutas do mercadinho em frente, me salta aos olhos o laranja das bergamotas. Como é bom comer bergamotas no sol! Mas também me salta aos olhos o preço vermelho do tomate, 9.99 o kilo moça! Disse-me ontem o menino da balança, quando decidi não levar um único tomate que custava mais de dois reais. "Os tomates do senhor Suzuki", lembrei-me do documentário Ilha das Flores, filmado na verdade na Ilha Grande dos Marinheiros, de Jorge Furtado. Não sei se me identifico mais com os porcos ou com a dona Anete que troca perfume por dinheiro, e o dinheiro por tomates do senhor Suzuki no supermercado... Talvez eu seja um misto de porcos com a Dona Anete, que bom que tive o privilégio de nunca chegar a ser uma criança daquelas famílias imensas que catava os restos das verduras que os porcos desprezavam.

A paleta de cores dos prédios é em tons pastel, quando muito algum da cor cinza. As construções se compõem com arquiteturas de várias décadas diferentes, quanto mais antigas, mais baixinhas. Como as senhorinhas curvadas de guarda chuva cor de rosa que entram no mercadinho. Os gigantes, imponentes e janeleiros prédios novos ostentam os vidros espelhados, as grades, as câmeras, as poucas aberturas.

Na convivência com os prédios da fotografia pastel, o verde resistente das árvores. Abuelitas que nos respiram, talvez morada das pombas, ziguezagueiam com os fios pretos de luz. Eles parecem cordas bambas, vão se agarrando de poste em poste. Seguindo o ziguezague deles, ao fundo uma palmeira bem alta que faz companhia ao prédio mais imponente e abandonado da avenida, um gigante da década de quarenta, um instituto de colunas gregas na fachada. Em frente a ele passam o topo dos ônibus brancos, ao lado do telhado amarelo furado de um de seus pontos de parada.

O céu está branco, tudo é nuvem... Sinto uma certa angústia pela falta do azul que me vem agora. O Rappa nos perguntaria, o que sobrou do céu? Em contraste ao branco do céu, vem o negro do asfalto... Algumas listras brancas, amarelas e vermelhas ele recebe pelos pintores madrugueiros. Listras que indicam o código de como se deslocar sobre ele, as possibilidades de ultrapassagem ou de paragem. Olhando para as cores da pintura, lembro que este negro do asfalto um dia teve cores vivas e vibrantes. Quantos corpos compõem esse asfalto?

Porto Alegre, 16 de janeiro de 2020.

BellaVista Social Club

A Coca-Cola de garrafa de vidro está custando R\$ 2,69 no mercadinho, nos viciamos novamente no refri; eu e as gurias na volta das festas de família, do final de 2019, estávamos precisando de um detox, principalmente um detox de refri. Mas, fazer o quê? Alí na esquina, logo a esquerda do nosso prédio, o litro da Coca-Cola é dois reais e sessenta e nove centavos. É muito barato, gente! Casualmente, hoje também estava em promoção o latão da BellaVista no mesmo mercadinho a esquerda, R\$3,99 comprei logo uns quatro..

E foi terminando um dos latões de BellaVista Premium Lager as 03h11min que comecei a escrever de novo, alguma coisa...

Oh as ideia.

Passada a ressaca do Clonazepam claro, ressaca de ontem, hoje estou com insônia e também está calor. Meu ar não é condicionado, apenas um vento de mini-moinho sem grade de proteção. O calor de Porto Alegre requer a magia de condicionar o ar.

Pois ontem, mesmo com calor, sob efeito do meu velho amigo benzo li dois livros inteiros durante a tarde. Achei de bom tamanho.

Hoje, mesmo com calor, estava mexendo nos livros, quando encontrei novamente com o "Corpo, Arte e Clínica". Estava lá, pois rabisquei o texto em que falam muito sobre as ideias do Walter Benjamin, já faz uns seis meses isso. Olhei o texto, várias anotações sobre morte, pensei: interessante! Há seis meses ainda nada definido sobre a escrita usando o conceito de Necropolítica, tampouco saberia que hoje estaria tão afetada com a morte...

Escrevo no caderno de receitas da cozinha, nas páginas que sobraram, no final. Não queria acordar o Fábio para pegar o meu diário de campo na escrivaninha do quarto, deixei ele lá com o meu mini-moinho de vento.

- Tenho uma acusação:

Sra Miranda, na cozinha, com caneta e o caderno de receitas.
Comete o crime de escrever fumando o seu tabaco.

A Coca-Cola, o latão de BellaVistaPremiumLager, o benzodiazepínico, o tabaco... Cinco cúmplices da Sra Miranda.

Fico pensando quando é que vou de fato conseguir fazer este detox, e vislumbro que certamente não será na pós graduação. Assim como as férias... Só venho aceitando isso, tanto que aqui estou eu e a Sra Miranda, produzindo. Que bem...

Voltando ao corpo, Arte e clinica... Logo em seguida do texto do W.B. vem o que se chama "Corpoartecidade: (inten)cidades dos corpos urbanos", como não havia lido esse texto antes? Li inteiro, devorei... Gostei muito dele.

É bom gostar de textos, pois ando-lendo coisas muito chatas já faz algum tempo. Bom, mas porque gostei justo deste texto?

Esse texto, no final dele, me dá pistas para uma parte importante da pesquisa, falar de cidade. Sinto de alguma forma um acompanhamento, e também de alguma forma sinto a Tânia viva nele.

Um texto inteiro sobre cidade, que traz para a cena Porto Alegre e o Rio de Janeiro, que me parece suficiente em análise das formas, que é quase triste e pessimista, mas que também é - lá no final - potente, quando traz a possibilidade de uma micro-política de transformação da cidade. Eu não sei o porquê, só acho que esse final é da Tânia... Quero achar... Eu acho.

A Tânia* era tão linda pelo o que vivia, era tão linda por tudo o que disse.fez.escreveu.olhou ... Eu gostava muito do olhar dela, assim como gosto do final deste texto. Mais uma mulher de óculos que admiro tanto.

*Tania Mara Galli Fonseca, <http://www.ufrgs.br/ppgpsi/memorial>

Pois bem... Drogas, morte e cidade. Eram o meu tema de pesquisa quando ingressei no mestrado em educação, na linha TRAMSE. Eu queria entender o que a juventude aprendia com as drogas, a morte e a cidade.

Veio o turbo, o turbilhão... O vazio.

Pensava que recomeçava a pesquisa ao falar da poética, olhar para a potência de resistir fazendo poesia. O grupo de poetas vivos, as rajadas de letra e de rima, pensava que encontraria algo diferente da morte ao acompanhá-los. Eu queria muito poder me interessar por outras coisas... O nome era a antítese.

Afirmei isso por bastante tempo, essa potência da transgressão da juventude - aprendizagem - me parecia um suspiro, um sorriso, um suspender.

Suspensa.

Parei de afirmar quando coloquei meu afeto em questão durante a cartografia do campo. Estavam vivos, claro... Mas expressavam com muita força a morte. A violência em cada verso, a violência em cada olhar, a violência da afirmação da palavra. O mercado já tem um lugar para a poesia de resistência, já se apropria dela, já a capturou... Eles já empreendem. Assim como a Coca-Cola está em promoção nas garrafas de vidro.



Porto Alegre, 07 de dezembro de 2019

**Dia da Cultura na UFRGS:
Poetas Vivos + Atena**

Me chamou muito a atenção na divulgação do Dia da Cultura na UFRGS, os Poetas Vivos apresentariam três vezes seguidas. Achei muito legal, dentre as atrações estavam eles muitas outras possibilidades de oficinas e espetáculos. Decidi focar neles, ver todas as apresentações em sequência naquele dia...

Um dia cultural na UFRGS, com muitas atrações, gratuito e vazio. Pouquíssima participação da cidade, os frequentadores todos em sua maioria branca, de classe média e universitária. Um dia cultural para o mais do mesmo, para nós mesmos. Tá bem, mais uma leitura pessimista e cansada minha. Cansada mesmo... A realidade elitista da universidade cansa, não sei por que achei que talvez fosse me surpreender com esse evento.

Do cordão da calçada, de longe assisto sentada a apresentação dos poetas 18:20 SLAM com Poetas Vivos. Não era um SLAM, era um show em um palco gigantesco. Duas meninas que já conhecia trouxeram os seus poemas de forma forte e visceral. Racismo, feminismo, necropolítica... Seus corpos estavam lá fortes. Mesmo que para meia dúzia de pessoas, elas estavam lá.

Passaram-se 40 minutos, 19:10 outro show, que me disseram que era SLAM dos poetas vivos. Desta vez os meninos, rimas sobre racismo, machismo e necropolítica. Um pouco mais de gente assistindo.

Um intervalo com um grupo que faz rodas abertas de samba em porto alegre, Encruzilhada do Samba. Um intervalo pra mim... Me questionava o que eu fazia ali, qual o sentido daquele espaço na minha pesquisa... Um dia cansativo. Não assistia mais aos poetas com tanta empolgação...

Comprei umas cervejas dos vendedores ambulantes que estavam atrás das grades da universidade, parados na Av Osvaldo Aranha. Que hipocrisia aquilo, uma festa de contrabando de bebidas. Decidi dançar, me soltar, beber, fumar, namorar... Melhorou um pouco o humor da pesquisadora.

Eis que surge Atena, poetisa trans, que tem a sua apresentação atrasada em função do samba, que também dava um show no palco e não um SLAM como estava na divulgação. Ela consegue declamar um poema que fala sobre transfobia, amor e feminismo. Enquanto ela declamava as pessoas da produção do evento montavam os equipamentos e as cadeiras que a Orquestra de Choro de POA precisaria utilizar. O foco estava nas cadeiras atrás dela... Um desrespeito.

Enquanto artista olhava para aquela cena com indignação, tudo a toque de caixa, priorizando a orquestra ao invés da poesia trans.

Muitos vazios me habitaram neste dia... O mais do mesmo burguês universitário, a descaracterização dos SLAMS e apropriação, a tristeza da falta de povo neste espaço.

Olhava as linhas do chão, indicavam as vagas dos carros, ali estacionamento. Ocupamos com nossos corpos aquelas vagas, dançamos sob as vagas, bebemos sob as vagas, beijamos sob as vagas...



An aerial photograph of a city street during a rainstorm. The street is filled with people, many of whom are holding colorful umbrellas in shades of red, blue, yellow, and green. The buildings on either side of the street are visible, and the overall scene is a vibrant, busy urban environment.

Em que idioma cai a chuva sobre as cidades dolorosas?

Pablo Neruda, em Livro das Perguntas, p.139, 2007.

...

Acredito que quase todas as nossas tristezas são momentos de tensão, que sentimos como uma paralisia porque não ouvimos ecoar a vida dos nossos sentimentos que se tornaram estranhos para nós.

Rainer Maria Rilke, em Cartas a um jovem poeta, p.74, 2009.

Porto Alegre, 13 de novembro de 2019.

Madrugada em casa

Como defender uma pesquisa, em campo, que afirma vidas quando a morte se manifesta de forma tão contundente?

Percebo que na minha audição da cidade só consigo ressoar ruídos estridentes, irritantes, barulhos, balbúrdias, mixórdias... Está difícil me encontrar com a poética. O poético não parece mais poético, é irritante... Parece cínico, parece falso, triste, patético, blasé. Por quê?

A potência de morte está ali, colada na potência de vida, amalgamadas... Parecem irmãs siamesas. Parece que sempre estive ali ao lado, mas eu não queria ver. A culpa parece ser da esperança, que impulsiona meu corpo para fora desse estado de melancolia.

A melancolia está em cada passo que dou pela cidade, em cada esquina com uma pessoa dormindo no chão, em cada moeda que me pedem a cada meio minuto, em cada bueiro entupido de lixo em dia de chuva, em cada... Em tudo.

Por que inventar uma pesquisa que dependa tanto do meu afeto? Me sinto sozinha, frágil, estilhaçada... Dói. A cada escrita uma reflexão sobre existir, já não sabendo mais como produzir uma crítica decente disso.

Olho para as minhas sombras e para as sombras da cidade. A sombria face da morte que parece me acompanhar em cada dia que decidi dar um passo para além do portão do meu prédio. Para além deste prédio com janelas violetas transcende há um mundo que incendeia. O fogo das ruas, a ditadura a espreitar a gente como a morte..

“Tem um montão de mendigo morando ali, naquele trecho entre a Osvaldo e a Independência. Eu nunca tinha passado por ali a pé. Fiquei olhando os mano ali, tudo atirado. Era vários cara! Que porra do caralho ver aquilo ali. Se tu é decente, tu não fica em paz vendo aquilo ali! A maioria preto. Eu lembrei dum trecho da música “Eu Sô Função”, que o Dexter

canta com o Mano Brown:

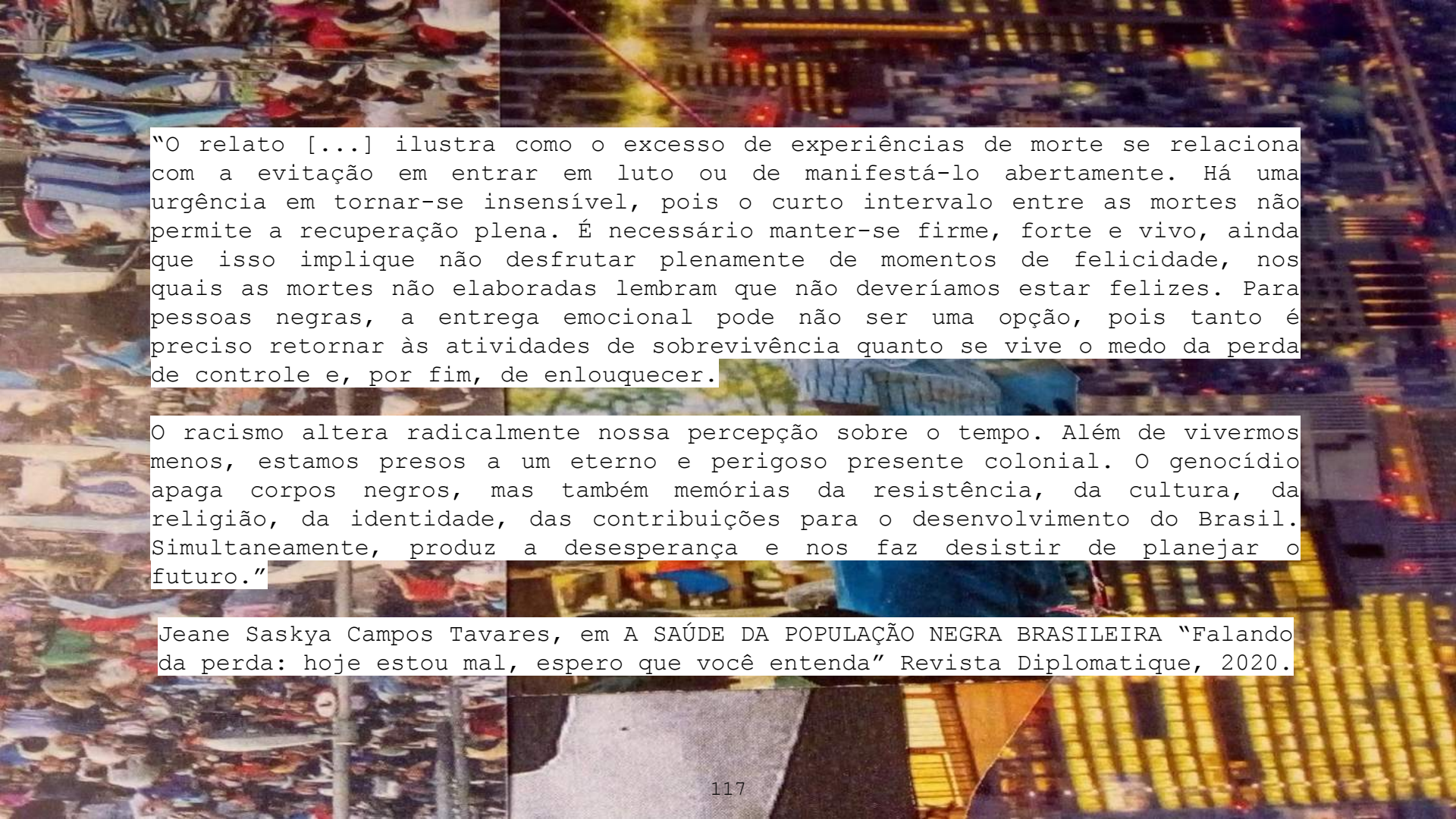
Não vejo nada

Não vejo fita dominada

Eu vejo os pretos sempre triste

Nos canto do mundão”

José Falero, em Vila Sapo, p.68, 2019.



“O relato [...] ilustra como o excesso de experiências de morte se relaciona com a evitação em entrar em luto ou de manifestá-lo abertamente. Há uma urgência em tornar-se insensível, pois o curto intervalo entre as mortes não permite a recuperação plena. É necessário manter-se firme, forte e vivo, ainda que isso implique não desfrutar plenamente de momentos de felicidade, nos quais as mortes não elaboradas lembram que não deveríamos estar felizes. Para pessoas negras, a entrega emocional pode não ser uma opção, pois tanto é preciso retornar às atividades de sobrevivência quanto se vive o medo da perda de controle e, por fim, de enlouquecer.”

O racismo altera radicalmente nossa percepção sobre o tempo. Além de vivermos menos, estamos presos a um eterno e perigoso presente colonial. O genocídio apaga corpos negros, mas também memórias da resistência, da cultura, da religião, da identidade, das contribuições para o desenvolvimento do Brasil. Simultaneamente, produz a desesperança e nos faz desistir de planejar o futuro.”

Jeane Saskya Campos Tavares, em A SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA “Falando da perda: hoje estou mal, espero que você entenda” Revista Diplomatique, 2020.







Da necessidade de existir, Aline se propõe um trocar de lentes, dá a mão à criança que a convoca para uma invenção de um horizonte-sonho possível.

Porto Alegre, 05 de novembro de 2019.

II Colóquio de Feminismo e História da Arte:

existências & resistências

Estava atrasada de uber com uma amiga artista plástica, para o Goethe Institut, falava à ela da sujeira das lentes dos meus óculos. Os óculos que são um das minhas ferramentas importantíssimas de trabalho, estava sujo e arranhado. Estava e ainda está... Disse a ela: "-Preciso trocar as minhas lentes!"

Chegamos ao Goethe, entrei e vi no palco uma banca... Algo muito inusitado para mim que já assisti a tantas peças de teatro naquele palco. Essa banca era incomum, apenas mulheres de óculos... Olho para a plateia, apenas mulheres e muitas de óculos. Fiquei extasiada com esse encontro. Fazia muito tempo que não me encontrava com tantas mulheres em um espaço de discussão sobre arte e educação. Acadêmicas mulheres... Bonito momento.

...o sistema
...existem
...grande parte das
...expressões. A sep
...interior d
...cidadãos
...sabe
...segmenta, os
...que não sabem e os
...que não têm. Assim, se configura
...estratifica e
...classifica os
...e os que não têm. Assim, se configura
...flutuante de "comunidade escolar" (alunos

Diretora do L

Porto Alegre, 25 de outubro de 2019.

Oficina Artesania dos Dias

Fui de bici, dei o nome a ela de Ametista - minha nova companheira de pesquisa - até o Centro de Cultura Lupicínio Rodrigues. Na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, lá no porão, encontrei a Ale e a Gabi que estavam propondo a oficina de colagem coletiva. A partir de relatos de sonhos coletados na internet elas propõe uma dinâmica de montagem. Há um sonho impresso no centro da roda, revistas, tesouras, cola e folhas em branco. Cada participante recebe uma folha em branco e nela se pode colar apenas um elemento, imagem recortada da revista ou um recorte de uma palavra do sonho. Elas abrem o encontro lendo o sonho... Este falava sobre infância. Depois de colar você passa a folha para a pessoa que está a sua esquerda na roda e ela acrescenta outro elemento. Assim a folha vai passando de pessoa em pessoa, até você receber a folha em que está colado o seu primeiro elemento.

No encontro, além da Ale e da Gabi, encontrei um jovem, uma menina de seis anos e uma senhora idosa. Foi a primeira vez que fiz uma colagem coletiva desta forma. Uma experiência incrível! Me senti acolhida pelo grupo, e vi a potência da intergeracionalidade nas colagens. A menina colou em um papel uma parte de um catálogo de cosméticos, nela havia o cheiro de um perfume de maracujá. A lógica da criança que talvez um adulto jamais teria... Todos cheiramos o papel quando passava... O modo como seguramos as tesouras era diferente uns dos outros, a destreza nos recortes, os rasgos com a mão... Outras possibilidades para minhas colagens. Ao final conversamos sobre as produções, a e menina diz:

“- Eu colo escondido, no final do caderno para a profi não ver!”

...

Aprendizagem de transgressão do perfume de maracujá. O objetivo do Artesania dos Dias, relatado pelas proponentes, é um encontro livre, que coleta sonhos e faz um exercício micro-político pós eleições 2018 do Brasil. Audição de sonhos e colagens de fragmentos. Sonho como disparador de artesanaria. Poder sonhar...

Porto Alegre, verão de 2019.

À amante das estrelas...

Antes que o mais novo Tirano proíba novamente o papel escrito,
decidi escrever pra ti.

Sabes, tenho escrito uma porção de cartas nestes últimos tempos, elas compõem o meu projeto para a pesquisa no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sou pedagoga e artista, me encanta ler e contar histórias; conheci o livro "Era Uma Vez Um Tirano" através das mãos de um menino que acompanhei, foi assim que me apaixonei a primeira vista pela tua história.

Certa manhã aquele menino carregava uma pilha de livros, ele estava em um dia muito difícil e precisava conseguir descansar para poder comparecer a uma importante audiência, com sua família e o Conselho Tutelar, que anunciaria sua nova morada. Organizei uma cama improvisada para o seu sono, ele agarrou-se em uma girafa de pelúcia e assim passei a ler para o menino um dos livros que havia em sua grande pilha, a incrível história - que correu de boca em boca - do terrível Tirano.

Ele adormeceu, talvez nem tenha escutado a história até o final - quando tu contas sobre as três crianças -, mas eu me mantive atenta...

Este estado de atenção permanece em mim até hoje, ainda neste verão faz três anos desde aquele dia, quando li pela primeira vez a tua história e sigo com ela muito viva na minha prática pedagógica. É leve e poética a forma como tu escreves, ao mesmo tempo tem uma força enorme... Pensas em um Tirano que passa a ditar regras em uma cidade porque ela parecia uma bagunça, ele vai proibindo as ideias, as cores, os encontros, as estrelas, as canções, a dança, toda a forma de arte.

Fala em empresários que lucram com todo o cinzento que o Tirano impõe, mas também nas brechas, como uma flor que sobrevive em uma lata velha ou o amarelo do sol que insiste sob a fumaça cinza das chaminés. Quanta coragem escrever sobre isso na tua época, início da década de oitenta, o tempo da Ditadura Civil Militar Brasileira, tempo sombrio de censura e tortura... Admiro-te muito, por mais que eu não tenha vivido essa experiência nesta época, posso sentir essa tristeza que compartilhas em tua escrita.

Com tudo isso que vem nos acontecendo aqui no Brasil atualmente, percebo que a tua história realmente ganhou vida. De novo, só que diferente. Sem dúvidas, vivemos em um governo tirano de proibições. Até quando vamos suportar que esta história se repita? Sinceramente não sei... Há pouco comemoramos o Reveillon de 2019 e algumas pessoas cumprimentavam-se de forma irônica e triste com "Feliz 1964" fazendo uma alusão ao Golpe Civil Militar. Se a história se repete como tragédia ou como farsa, ela pode ser transformada como fábula?

Mas sabe, tenho pensando muito nas três crianças da tua história. Gosto do modo como tu propõe uma quebra no teu texto, são duas histórias que se entrecruzam. Enquanto há a tirania, também existe a resistência alegre das crianças em seu brincar. Um encontro de três crianças em uma esquina, motivado pela perseguição mútua a uma folha de árvore que voa com o vento. A dimensão do riso quando esse encontro acontece, traz importância deste elemento que é apenas humano para a tua (nossa) história. Quanta boniteza, como diria Freire, colocada na metáfora do encontro de etnias através dos saberes que cada criança carrega consigo.

Elege assim a festa como principal elemento para uma revolução das crianças, cada uma tem uma ideia diferente a partir deste encontro na esquina... Elas percebem o quão chato e cinza é o país em que moram, passam então a modificá-lo em ações. Resgatam com as suas famílias os saberes de cada um, um cristal com as cores dormindo dentro, as receitas de tinta a partir de frutos e insetos, os livros escondidos no porão, as músicas na memória dos mais velhos, as estrelas dos fogos de artifício... Tanta simplicidade junta, que acaba se transformando em festa. A alegria do estar na rua, a festa que une o povo e a cidade, deixando o Tirano sem lugar. Um alento para o nosso tempo...

Dito isso, deixo aqui uma última pergunta para nós duas:

Parece-te que esta estratégia da alegria ainda está disponível para o enfrentamento que precisamos fazer à tirania?

Aline

P.S. (à qualquer pessoa que esteja lendo essa carta):
Você pode saber mais sobre essa história lendo o livro "Era uma Vez Um Tirano" da Ana Maria Machado.

poeta



Amor Cinza, Mateus Aleluia

<https://www.youtube.com/watch?v=FYXNdEVtAA4>

Porto Alegre, 03 de dezembro de 2019.

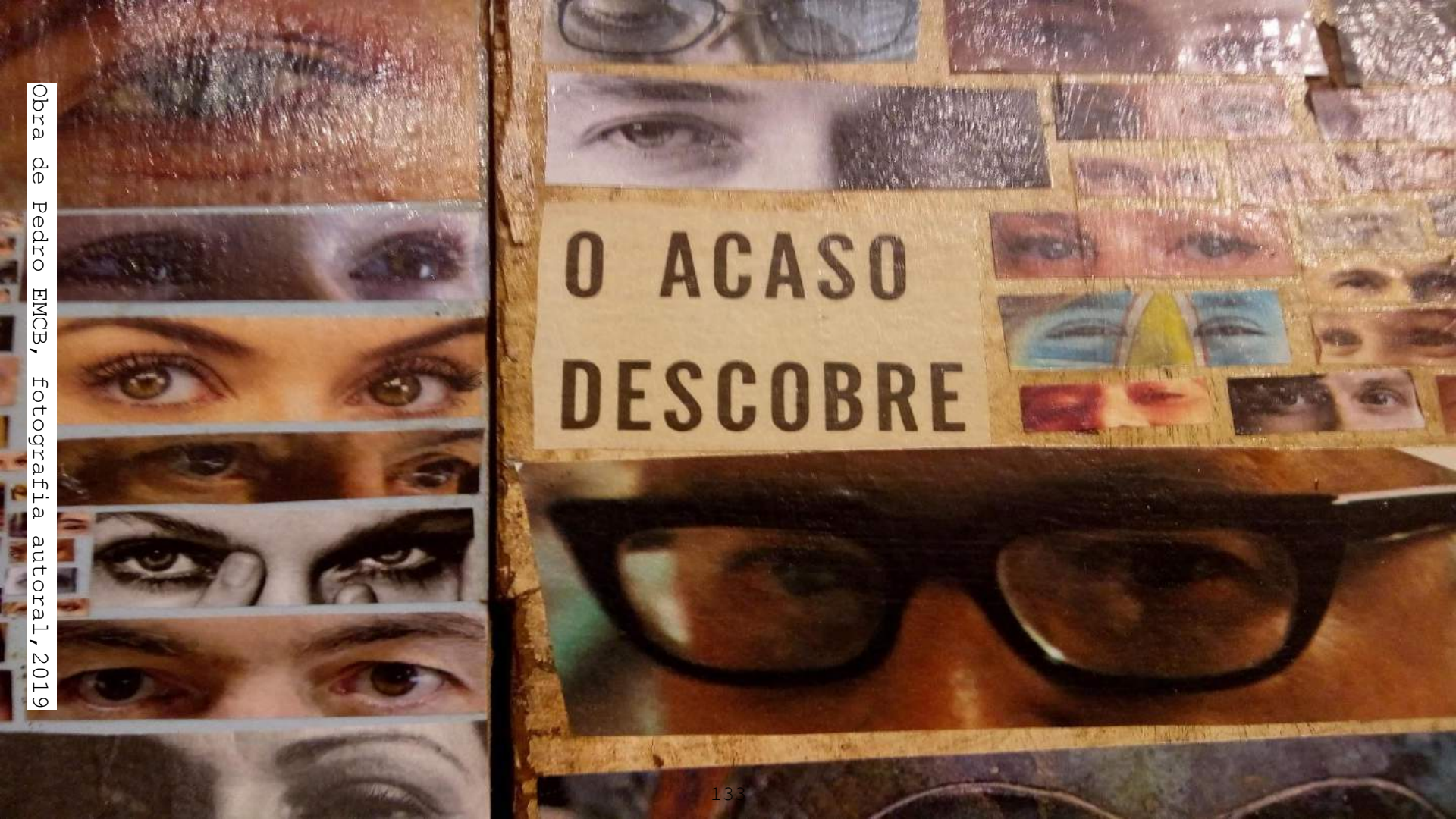
Exposição Arquipélago

Caminhava pela Rua da Praia... Já cansada do calor intenso de um quase verão, quando decidi recolher mais alguns panfletos de divulgação no Centro Cultural Érico Veríssimo. Entrei, pedi informações à moça do balcão...
- "São só esses folhetos aqui mesmo moça, oh... Pode levar"

Então perguntei se havia alguma exposição aberta, e ela...

- Ah, tem uma ali que é da curadoria do Xadalú.

Bom, acho que posso fazer uma pausa nessa minha itinerância e ficar mais um pouco aqui no ar condicionado vendo a exposição.



**O ACASO
ESCOBE**

Obra de Pedro EMCB, Fotografia autoral, 2019





Obra de Pedro EMCB, fotografia autoral, 2019



Nadando em um Arquipélago - Exposição

“Nadando em um Arquipélago é uma exposição de caráter inédito, com acervo de quarenta obras do artista Pedro EMCB, que transita na área do design para as artes visuais através de colagens, pintura e instalações. A mostra faz um paralelo entre o cotidiano das pessoas e um conjunto de ilhas, em consideração as características em comum, tais como a sua constituição, a proximidade, e as aglomerações. A travessia entre uma ilha e outra foi possível através do nadar, sendo a vida identificada pela água. Nadando entre histórias reais ou fictícias.” ...as vezes por dia, todos os dias, o mergulhador comparece a esse ro com o perigo, a tróco de uma esperança em forma de pérola.

<http://www.cccev.com.br/index.php/eventos-realizados#nadando-em-um-arquipelago-exposicao-669>



OS ALTOSS... REFLEJO DA LUZ AZUL... NOS FALAREM QUB

OS TEMPOS, COM A MUDANCA DA MARE, DEIXAR DE SER AS CHAVES DAS CASAS E OS CARROS POR UM DE SALVA COM O TEMPO TIVEMOS QUE APRENDER OS SIGNIFICADOS DA PALAVRA "INSULAR".

MOS OS PREMIS DOS FOTOGRAFOS DA CIDADE, E ACHAVE DA CIDADE. QUANDO TENTAMOS ENTRAR NAS CASAS LUB AS CHAVES PODERIAM ABRIR, NOTAMOS QUE ELAS TINHAM TANGELAS.

COAS QUE ESTAO REDUR FALAM QUE ESSE PREMIO E NOSSO, PALLAMOS PARA ELAS QUE UNDOM NAO PODE SER COBARRO.

UMA COISA TAO PEQUENA ADE DEBELLUDAR UN DOMINIO INTEIRO E VAA COISA TAO CENITE ADAPZ MEM BE MEER ACINTE DE CIGARRA MO ANDAR? IGUAL A PERGUNTA DELTA COM IO, ESTABA QUA CALA CONSENTE.

EI NO RELULAR (MOTAS) O QUE TINHA NO BRA CENAR, MAS PERCEBI QUE AS TIGES ESTAVAM NO FACE BOK, O MESMO FACE BOK QUE FOI EXCLUVIDO SEM MOTIVO. SILEMIO.

LUZ ES PLASHS, PREMIACAO, CHAMPAGNE (OU ZUMMO) E FERVA CHANAR (MOSCATOL), PALMAS E BILSO.

SE SE TRANSE E BION SA UNA LUZ QUE OULA

VERSAS FOT... CLASHES-A VARTER



NOT ACTIARAM NO MIPA... AUMENTO... NOSSA CIDADE

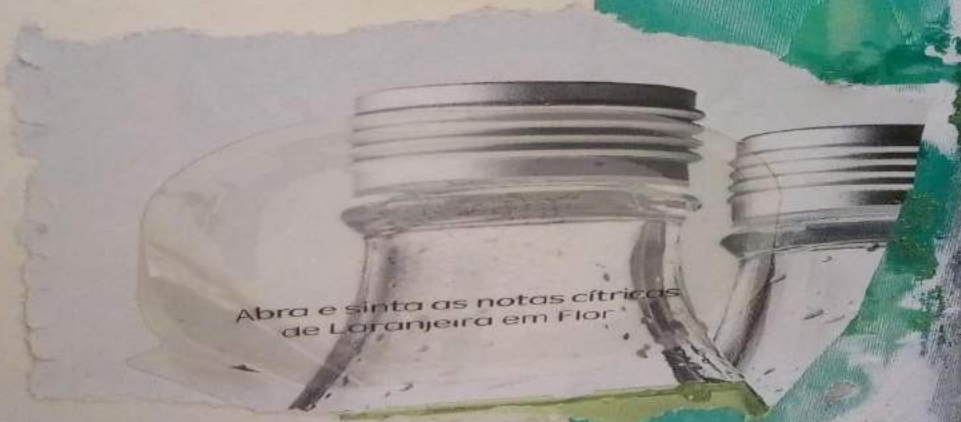
AND FUI TODO MODOU MAS NADA POR MUITO TEMPO. E DIFICIL LUTAR CONTRA A LUZ, E DIFICIL VER O VERDADEIRO FLASH.





Nesta exposição me encontro com livros de artistas e colagens, algo mágico me atravessa... Fotografo encantada cada parte, cada obra, cada sinal. Vou dialogando com o Rodrigo pelo Whatsapp... Falamos deste momento mágico da pesquisa.

Encontro-me junto da obra Titanic de Pedro EMCB, que retrata Gueixas através de colagens, na qual ao lado de cada retrato está colado um cheirinho de perfumes, retirados de catálogos da Natura. Fico perplexa quando percebo que na Oficina Artesania dos Dias, uma menina havia inventado uma colagem com perfume também. Aqui decidi perseguir a pista do espaço da Artesania dos Dias como campo de pesquisa... Olhar a invenção de uma criança que conversa com a invenção de um artista.





Nesta exposição olhei para as colagens com outros materiais também, além do papel... Colagens com objetos, com matéria orgânica... Esta exposição me deu a ancoragem necessária para seguir caminhando com a proposta de cadernos de artista, entendi que o método da colagem-montagem é atual. O método reflete nosso cotidiano, reúne nossos fragmentos.



ato sobre sonhos é fatal, porque o homem, ainda disposto, o
pela metade ao mundo onírico, o trai em suas palavras e
de contar com sua vingança. Dito modernamente: trai a
mo. Está emancipado da proteção da ingenuidade: se
ra e, ao tocar suas visões oníricas sem sobranceira, se
Pois somente da outra margem, do dia claro, pode o
r interpelado por recordação sobranceira. Esse além
só é alcançável num asseio que é análogo à ablução,
teiramente diferente dela. Passa pelo estômago.
em jejum fala do sonho como se falasse de dentro



o sonho t

forma,
eram.

qual foi edi-
está para ser
de extenuadas,
a nu ali nos fun-
e sacrificada sob
ete de raridades lá
o, estão reservadas as va-
te de desespero eu me vi em
ente amizade e fraternidade

Não tin-
tudo, en-
frente a
treito. Di-
avançadíss-
terrompeu
lhame antigo
va no aposen-
modo ao lado,
parentela. Par-
soas do que esta-
para os antepass-
lado de Goethe. Q-
vantou penosamen-
pará-lo. Quando to-
emoção.

Porto Alegre, 30 de maio de 2020.

s.o.n.h.o

9. Cul. Doce muito fofo preparado com farinha, leite e ovos. Frito em gordura quente, e passado em açúcar e canela, ou servido com calda rala, podendo ser também recheado.

Era uma vez um soldado que lutava na guerra em Berlim, ele tinha a responsabilidade de trocar as buchas de canhão durante as batalhas. Antes de ser soldado este homem era um ajudante de padaria na cidade, a sua experiência era na cozinha e por isso ele não se deu muito bem na tarefa de alimentar os canhões. Então ele foi mandado de volta à cozinha, assim poderia fazer o que sabia de melhor: alimentar pessoas.

Em mais um dia comum de guerra, este soldado decidiu dar outra forma as sobras de massa de pão, fez delas bolas - como as de canhão - e decidiu fritá-las em óleo ao invés de assar. E para uma estética mais fidedigna a guerra ele recheia as bolas de pão-canhão com geleia vermelha e as cobre de açúcar.

O soldado que era bom em alimentar pessoas inventara o que hoje é conhecido na Alemanha como Berliner. Essa invenção ganhou o mundo, e até hoje é comum em culturas de vários países apreciarem esse doce.

No Brasil o doce chegou bem no início do século XX, na cidade de São Paulo. E foi nas padarias brasileiras que a Berliner ganhou o nome de Sonho. Com a troca do nome também se modificou o recheio que antes era vermelho-sangue, passou a ser branco-dourado de creme de baunilha. É a essência de baunilha que faz do creme branco comum o recheio especial do sonho dourado.

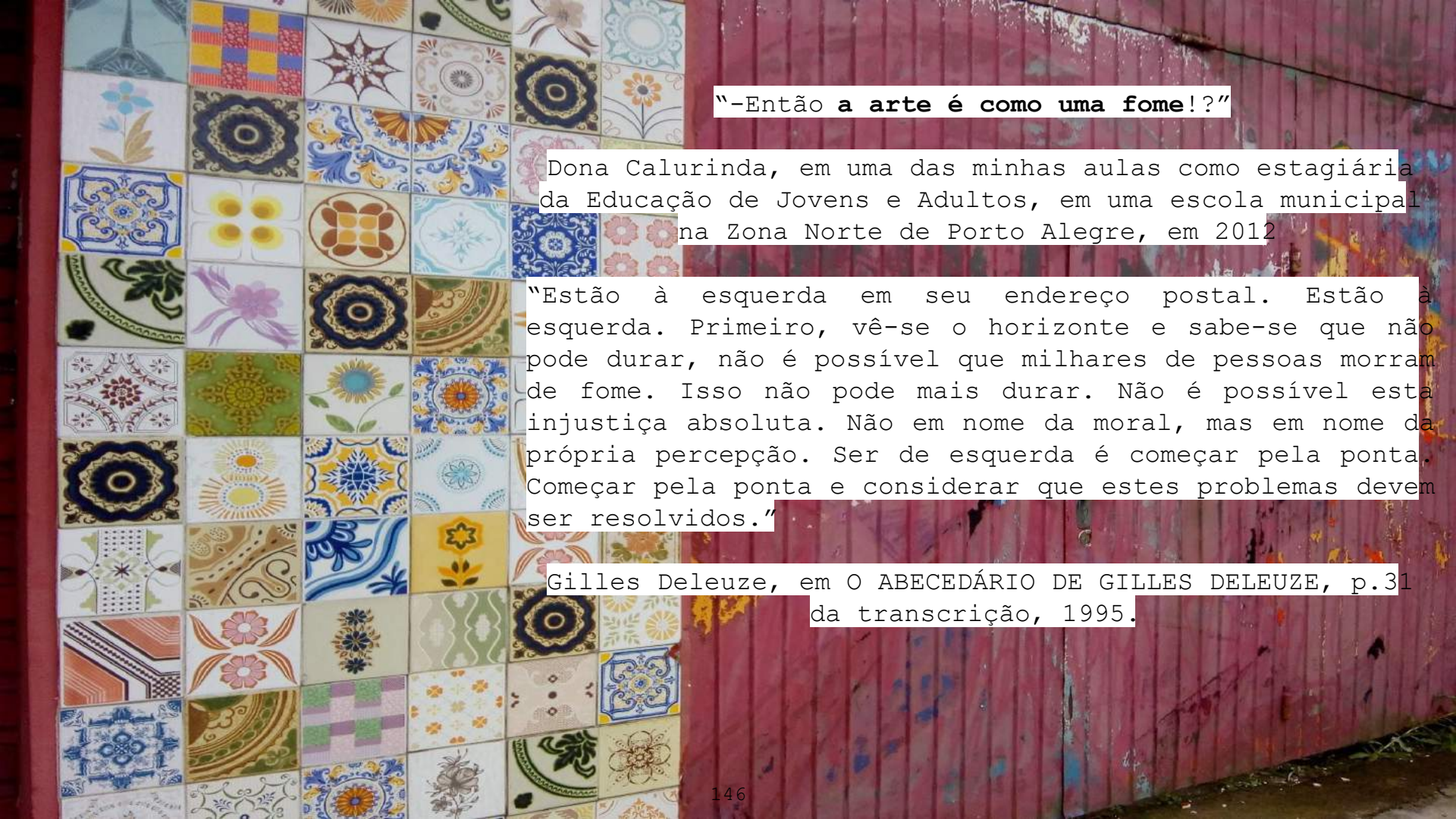
A Baunilha - Vanilla - é uma orquídea nativa do México, considerada a "flor negra dos Astecas". Os povos originários meso americanos utilizavam a flor negra em bebidas sagradas feitas com cacau, que eram oferecidas a santidades e a nobreza em rituais.

Durante o período de colonização da América, o navegador Hernán Cortez levou em sua embarcação a Vanilla. Essa espécie de orquídea era muito difícil de ser reproduzida na Europa, pois não havia polinizadores naturais no território. Por muitos anos ela foi um artigo muito luxuoso, até que em 1841 um homem - negro escravizado - chamado Edmond Albius na Ilha de Bourbon descobriu que a planta poderia ser polinizada à mão, e foi assim que a Baunilha pode ser difundida no mundo.

O sonho é uma invenção, experiência de um homem durante a guerra que deixa de alimentar canhões para alimentar pessoas. Agenciamento que acontece entre muitas guerras, escravidão e cerimônias sagradas ameríndias.

Composição de trigo, açúcar, fermento, leite, manteiga, ovos, essência de baunilha. Composição de histórias de monocultura, cultivo bovino, cultivo aviário e extração de plantas. Composição de memória, de cultura e de invenção.

O sonho como agenciamento, como fome, como necessidade de invenção humana.



"-Então a arte é como uma fome!?"

Dona Calurinda, em uma das minhas aulas como estagiária da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola municipal na Zona Norte de Porto Alegre, em 2012

"Estão à esquerda em seu endereço postal. Estão à esquerda. Primeiro, vê-se o horizonte e sabe-se que não pode durar, não é possível que milhares de pessoas morram de fome. Isso não pode mais durar. Não é possível esta injustiça absoluta. Não em nome da moral, mas em nome da própria percepção. Ser de esquerda é começar pela ponta. Começar pela ponta e considerar que estes problemas devem ser resolvidos."

Gilles Deleuze, em O ABECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE, p.31 da transcrição, 1995.



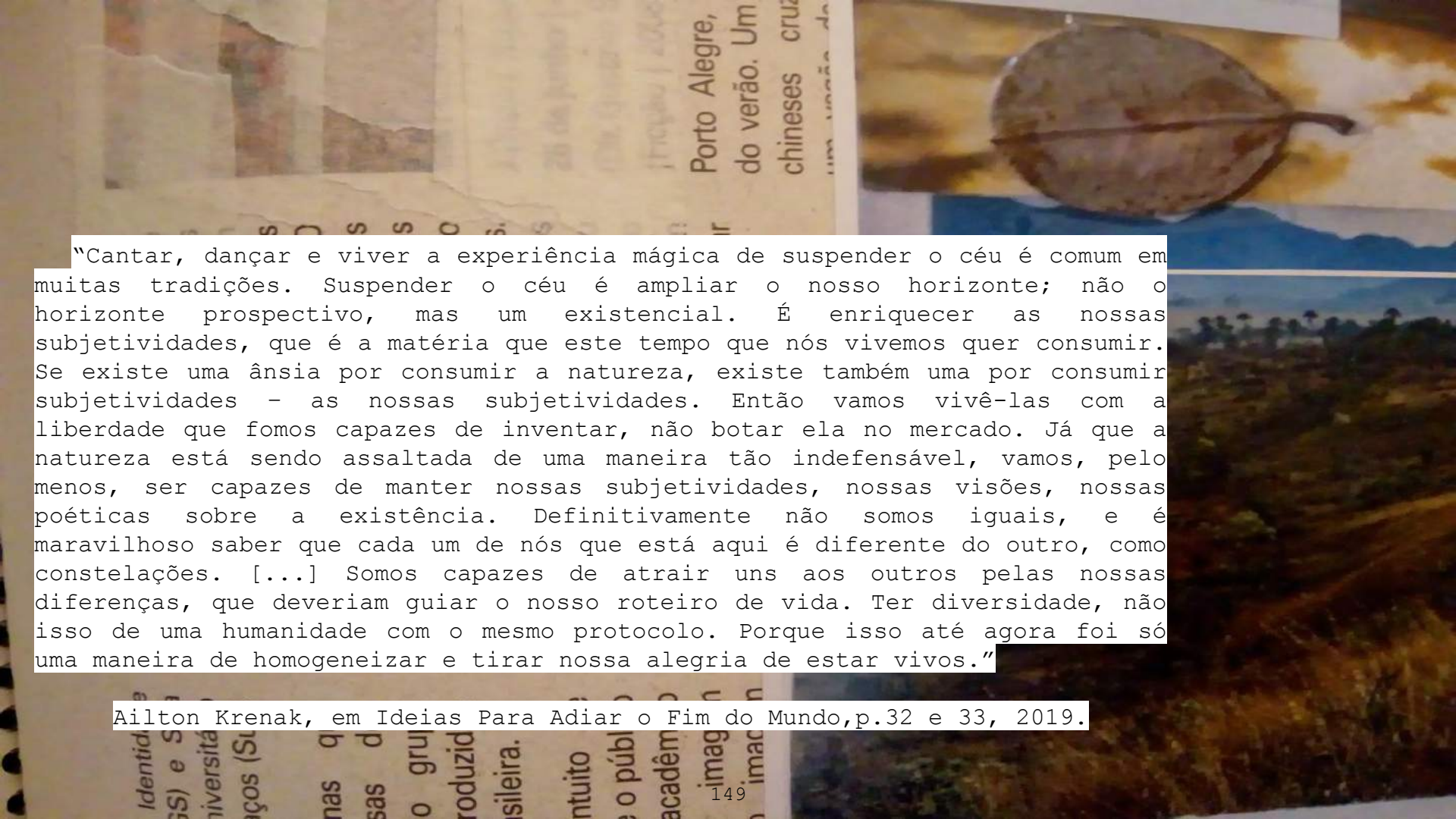
Amor de Índio, versão de Milton Nascimento
<https://www.youtube.com/watch?v=3e9-hRcxv9A>

mas delas — que habitam o território yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Esse território está sendo assolado pelo garimpo, ameaçado pela mineração, pelas mesmas corporações perversas que já mencionei e que não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convoca-

dos a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.

É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros. Poder ter um encontro como este, aqui em Portugal, e ter uma audiência tão essencial como vocês é um presente para mim. Vocês podem ter certeza de que isso me dá o maior gás para esticar um pouco mais o início do fim do mundo que se me apresenta. E os provooco a pensar na possibilidade de fazer o mesmo exercício. É uma espécie de tai chi chuan.

The background of the image is a collage. On the right side, there is a photograph of a single, brown, dried leaf with a prominent vein, set against a blurred background of a landscape with mountains and a sky. On the left side, there are fragments of text from other sources, including the words 'Porto Alegre, do verão. Um chineses cruz' and 'um verão de'.

"Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades - as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. [...] Somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos."

Ailton Krenak, em *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*, p.32 e 33, 2019.

[redacted] com a [redacted]
[redacted] sobre a minha avó.
minha avó precisava operar [redacted]
[redacted] pois dentro dela havia
muitas [redacted] de plantas. [redacted]
de mamão já estava muito crescido
dentro dela.





Porto Alegre, 6 de dezembro de 2019.

Artesania dos Dias: AINDA ESTAMOS SONHANDO

Na Biblioteca pública, do Centro Cultural Lupicínio Rodrigues, encontrei novamente o grupo das colagens coletivas. Nesta oportunidade a Ale me contou mais sobre o TROCA-TROCA DE SONHOS, uma proposta de escambo de sonhos por postais com fotografias das colagens que são construídas ao longo dos encontros do Artesania. Você escreve em um papel um sonho que teve e coloca em um envelope, depois pode pegar um postal em troca.

Esse seria o último encontro do ano na biblioteca, por isso estavam sentadas a mesa todas as mulheres idealizadoras do projeto. Seis mulheres, todas psicólogas. Em todos os encontros há uma apresentação, e depois fala-se sobre as regras da construção coletiva das colagens.

A partir do relato escrito de um sonho sonhado impresso em uma folha de papel no centro da mesa, o grupo escolhe imagens de revistas para recortar e colar em folhas em branco. Quando você recebe uma folha em branco poderá colar nela APENAS UM ELEMENTO: ou uma IMAGEM, ou uma PALAVRA DO SONHO. Após todos colarem, você deve passar a sua folha para a quem está sentado a sua esquerda e receber a folha de quem está a sua direita. Assim, todos colam em todas as folhas, um elemento de cada vez. Eis que neste dia as duas psicólogas que conduziam o trabalho quiserem usar DOIS SONHOS, mesmo não havendo tanta gente na sala... Elas não sabiam qual escolher, e escolheram DOIS sonhos. A regra era inventada e compartilhada por todos, a regra inventada pelo grupo de psicólogas dizia: UM sonho, UM elemento disparador.

A primeira transgressão da tarde.

Na mesa, sentadas em círculo, começamos a dinâmica da colagem. Além de mim, das seis psicólogas, havia mais três mulheres e um homem. Uma dessas mulheres eu conheci no encontro anterior da oficina, ela me chamou muito a atenção pois recortava sempre com as mãos e pegava imagens grandes.

As folhas passam por mim, e me deparo com a colagem de uma palavra de revista que me incomoda.

Segunda transgressão.

Como alguém colou uma palavra da revista se a regra é só colar imagens? Deixei passar, mas segui com algo dentro de mim...

Mais uma folha chega até mim, uma palavra grande colada, números colados... Irrito-me. Decido colar uma imagem sob a palavra grande.

Vejo no olhar das pessoas, conforme aquela folha transgredida passava, que causava um estranhamento. Eis que finaliza o processo da roda, e cada um recebe a folha em que colou um elemento pela primeira vez. O homem se espanta: alguém não gostou da minha palavra!

Fico por instantes em silêncio, observando as outras reações. Do grupo que se dá conta de que há mais palavras coladas do que apenas as do sonhos, aí decido me confessar.

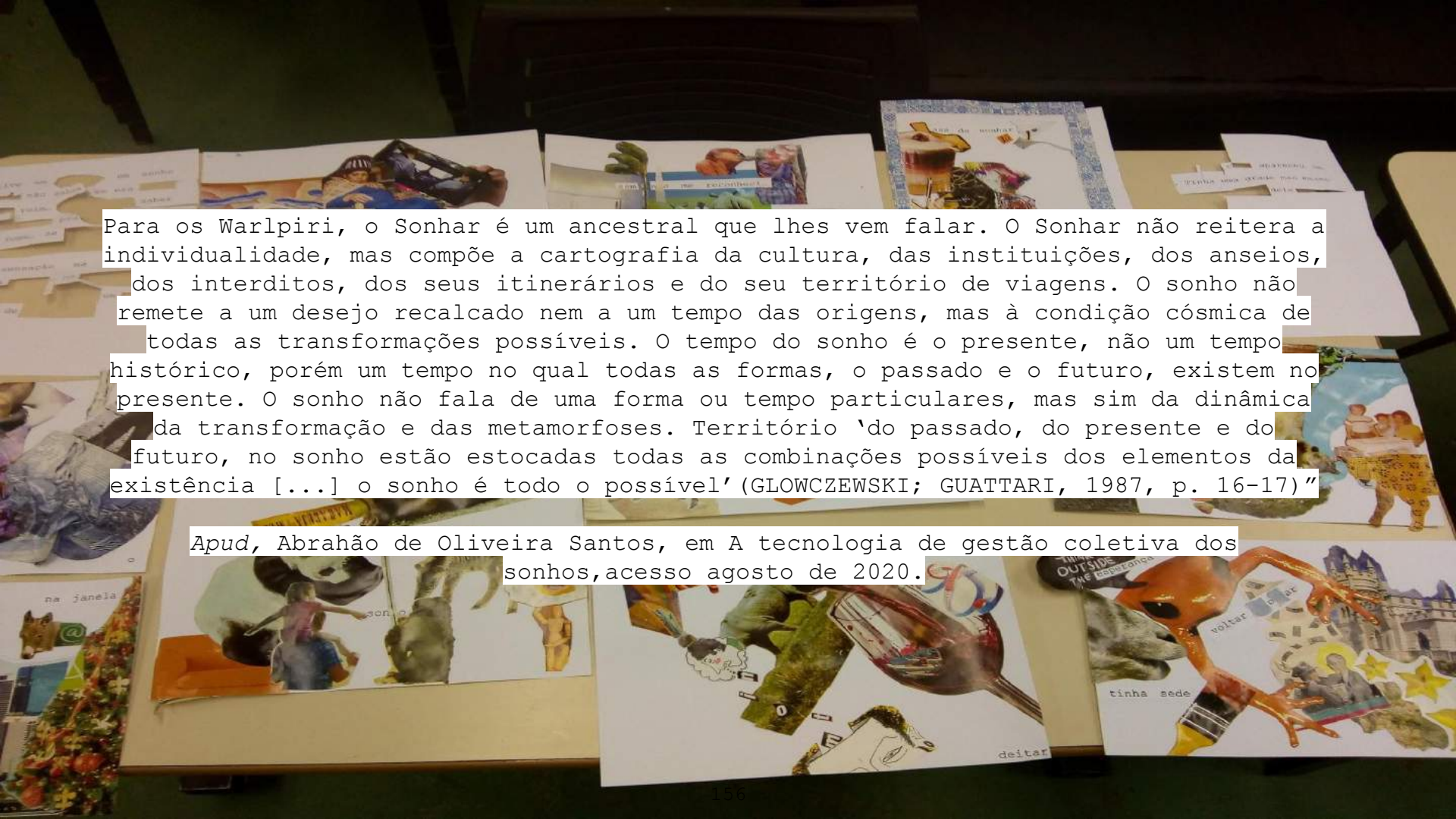
- Foi eu! Eu que coleí a imagem em cima da tua palavra, me incomodou muito que não seguissem a regra... Foi um gesto de protesto meu.

Uma das psicólogas falou que a ela também incomodava que as pessoas colocassem palavras das revistas, e outras trataram de trazer os seus desconfortos com relação a poder colar apenas um elemento por vez. Houve um debate do grupo, uma apreciação das colagens. Emudeci, fiquei refletindo naquele instante sobre os ânimos das pessoas presentes. Quem havia colado palavras ficou bravo por ter errado, por não ter compreendido bem a regra. Quem seguiu as regras estava tranquilo apreciando o trabalho daquela tarde, e eu estava perplexa.

Um instante micro-político revelador de macro-política, uma caricatura da tentativa de democracia que temos tentado viver.

Depois dessa conversa, juntei-me a algumas psicólogas proponentes da oficina e contei sobre a mágica de ter encontrado na exposição a técnica de colagem da criança. Então me lembrei de um sonho que havia sonhado naquela semana, decidi trocar por um postal.

Ao finalizar, as proponentes do espaço convidaram o grupo para o próximo encontro que iria acontecer na Vila São José, na Associação de Moradores.



Para os Warlpiri, o Sonhar é um ancestral que lhes vem falar. O Sonhar não reitera a individualidade, mas compõe a cartografia da cultura, das instituições, dos anseios, dos interditos, dos seus itinerários e do seu território de viagens. O sonho não remete a um desejo recalcado nem a um tempo das origens, mas à condição cósmica de todas as transformações possíveis. O tempo do sonho é o presente, não um tempo histórico, porém um tempo no qual todas as formas, o passado e o futuro, existem no presente. O sonho não fala de uma forma ou tempo particulares, mas sim da dinâmica da transformação e das metamorfoses. Território 'do passado, do presente e do futuro, no sonho estão estocadas todas as combinações possíveis dos elementos da existência [...] o sonho é todo o possível' (GLOWCZEWSKI; GUATTARI, 1987, p. 16-17)"

Apud, Abrahão de Oliveira Santos, em A tecnologia de gestão coletiva dos sonhos, acesso agosto de 2020.

THINK OUTSIDE THE esperança

voltar o ar

tinha sede



deitar



..... sopra



Sonhador (ô). *Adj.* 1. Que sonha; devaneador: *Nunca homem mais sonhador do que ele.* 2. Próprio ou que sugere sonho: *Estava reclinada, com um vago, numa atitude sonhadora.* • *S. m.* 3. Aqu
que sonha; devaneador.

Sonhar. [Do lat. *somniare.*] *V. int.* 1. Ter sonho
dormir sonhando. 2. Entregar-se a fantasias e devaneios: *Vive a sonhar, sem ver a realidade.* *T. i.*
Pensar com insistência; ter a idéia fixa: *Vai sonhando em viajar; Sonha com a glória.*
Ver em sonhos: "Sonhara de noite com ele
pode ser que ele estivesse sonhando com ela
(Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 53.) *T. d.*
Ver em sonhos. 6. Imaginar em sonhos: *Sonha
que era médico.* 7. Supor, imaginar, prever: *M
poderia sonhar tal calamidade.* 8. Ter (sonho): "re
reconto o passado, / No vago misticismo de quem
sonha / Um sonho abandonado." (Martins Fontes,
Verão, p. 205.) *P.* 9. Imaginar-se, julgar-se
considerar-se, em sonho: "Sonho-me às vezes
rei, nalguma ilha, / Muito longe, nos mares do Oriente"
(Antero de Quental, *Sonetos*, p. 81).

Sonhável. *Adj.* 2 g. Que pode ser sonhado; a que se
pode aspirar.

NE e MG. Pop. V. sagüi.
Seqüência de atos.



c.o.n.t.i.n.u.a.ç.ã.o d.o s.o.n.h.o

Em um espetáculo virtual de circo, chamado "No pesadelo sonhei" do grupo Barracão de Teatro, também em São Paulo - hoje provável epicentro do Corona Virus no Brasil - o palhaço Zabobrim nos diz: "a Arte é um sonho coletivo".

Inventar é como ter fome, é uma das necessidades mais básicas humanas. É na invenção que encontramos possibilidades para existir e nos reconhecermos no mundo. "Sonhar para inventar o que não foi sonhado ainda" palhaço Zabobrin.

Quem somos se não inventamos?

Como fazer das buchas de canhão nosso alimento?

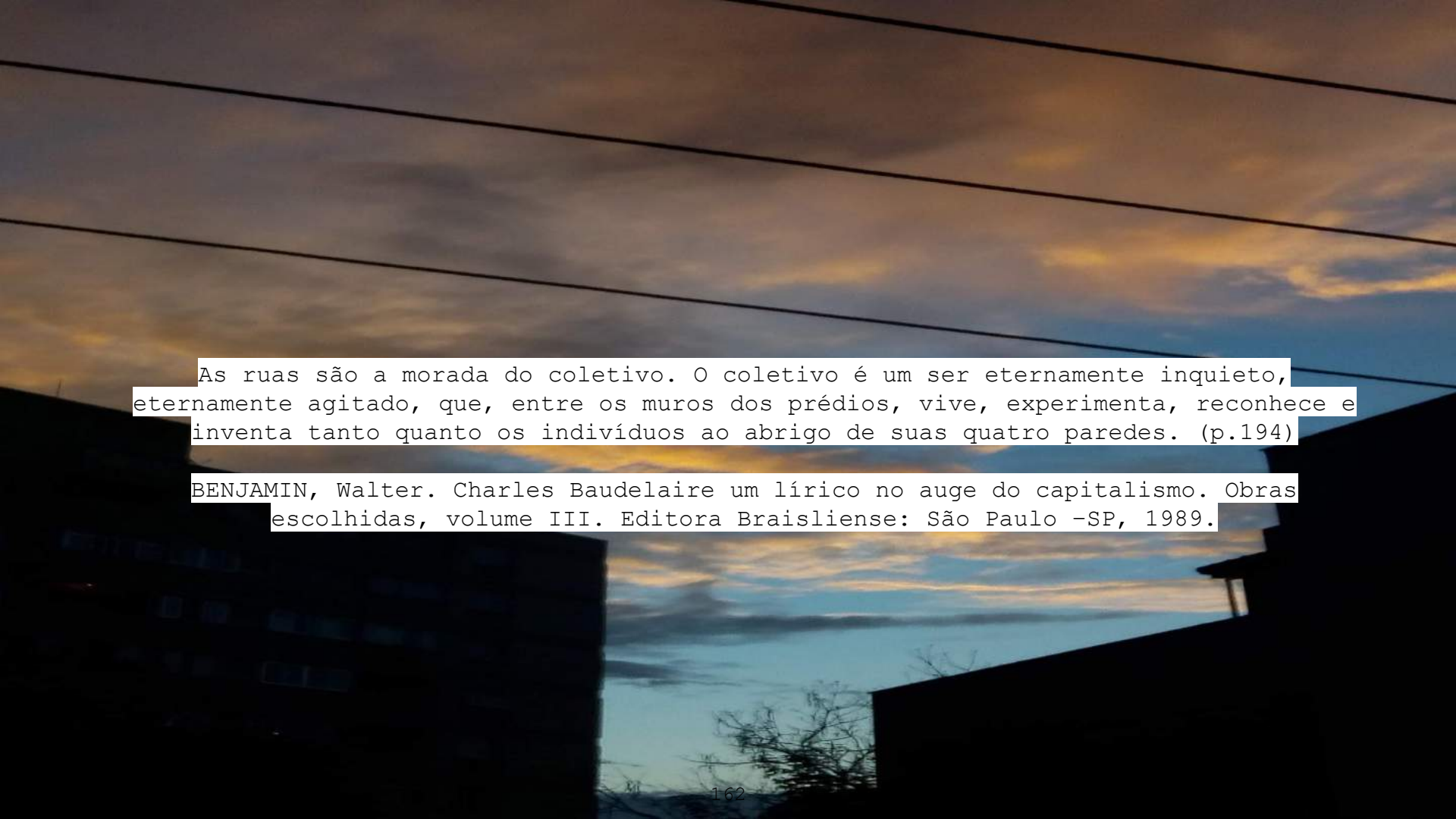
Reconhecemos no sonho a coletividade, a invenção em sequencia que dá singularidade ao sonho doce sonho.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2019.

Manifestação dos funcionários públicos grevistas do Estado do Rio Grande do Sul

Uma manifestação que me encontra em meio a caminhada, e que nela há algo que difere: um palhaço. Um palhaço que distribui panfletos, seu palhaceio dialoga com a população de forma gentil e empática. O nariz vermelho aqui não é símbolo de vergonha, ou deboche ao governo dizendo ao governador que ele é um palhaço. Um palhaço que leva a sério a palhaçada, um único palhaço em meio aos manifestantes. Diferir através do sorriso, da piada, do encontro com o outro e a outra. Há tempos venho refletindo sobre as nossas práticas de ocupação da rua em momentos de manifestação, como nos tornamos um corpo que resiste e compõe com o espaço público? Como esse espaço nos afeta? O quanto conseguimos nos comunicar com quem não caminha ao nosso lado?





As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. (p.194)

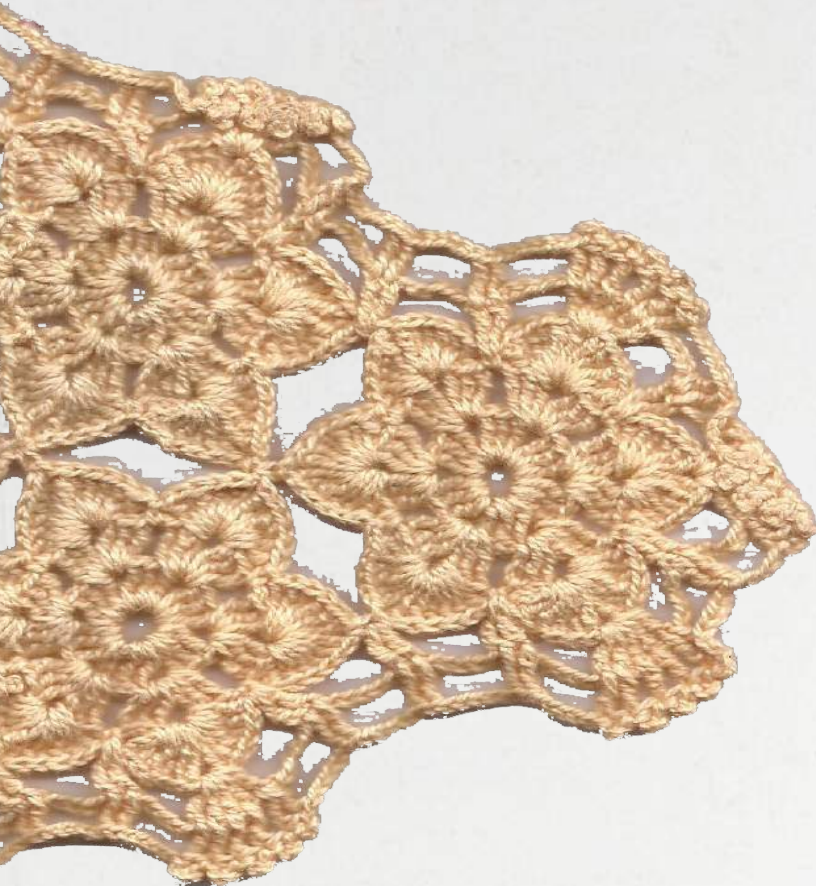
BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas, volume III. Editora Brasiliense: São Paulo -SP, 1989.



Na morada da memória Aline encontra-se com a criança, a jovem, a adulta e a idosa. É na Praia de Garopaba que ela mergulhará profundamente em sua melancolia, deste afeto percebe as linhas do **horizonte-político** antirracista. Compõe em cores de pôr do sol com as questões de Natália, importante poeta que lhe convoca a se haver com a sua adulez.

AFETO





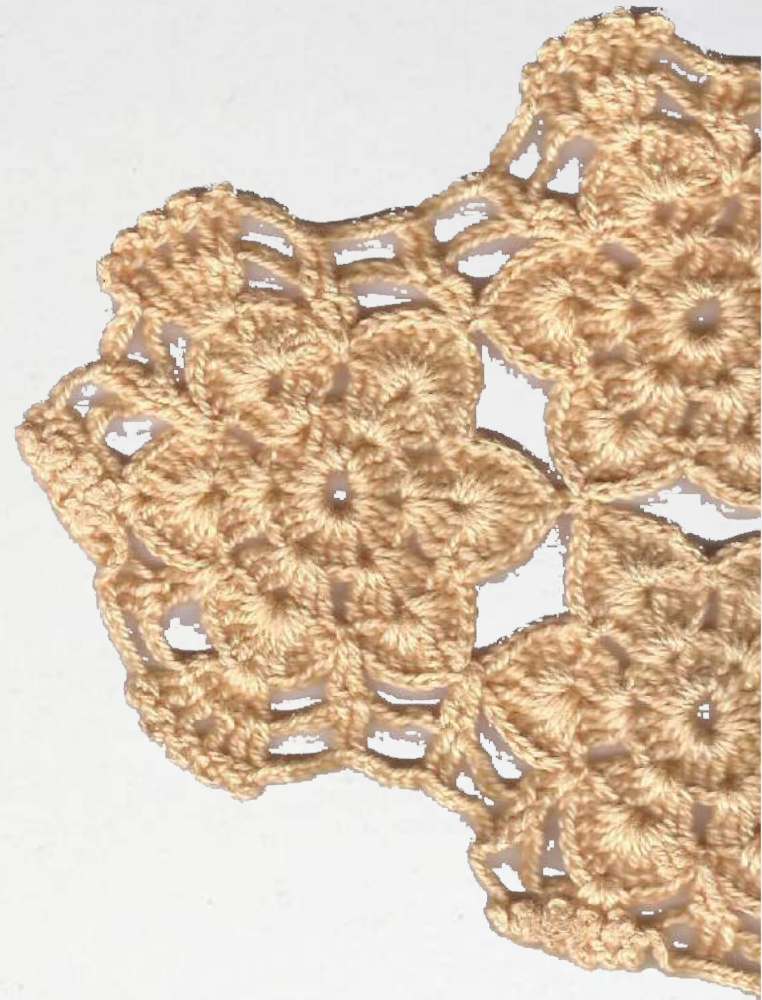
Porto Alegre, 10 de dezembro de 1991.

Agronomia

O mundo era o pátio da casa da minha avó, Iracema. Ela conta que recebeu esse nome por causa do romance de José de Alencar, famoso na década de trinta, quando ela nasceu. A família da minha avó, mãe da minha mãe, veio da Alemanha refugiada da guerra para a Serra Gaúcha, os Muller. Ela não herdou esse sobrenome, pois era da mãe dela, ficou com o Thomas que é sobrenome irlandês do meu bisavô. Depois que casou com meu avô, herdou o sobrenome Britto, dizem que é português. Quem sabe... Os sobrenomes sempre são herdados do masculino, e assim as mães vão se apagando dos registros.

Nesse mundo, eu brincava sob a copa das goiabeiras. Lá do alto via os telhados das casas do bairro, mais precisamente da vila. Vila Agro-Vet. Ela tem este nome por estar entre a Faculdade de Agronomia e a Faculdade de Veterinária da UFRGS. Meu avô, falecido em 2018, recebeu um convite na década de cinquenta para mudar-se com sua família do antigo município de Canela, para Porto Alegre capital. Minha família ajudou a povoar os terrenos da Universidade, fazendo a sua guarda.

Guardando o terreno eles construíram a família Britto, minha família materna. Depois de idas e vindas pelo Brasil em caronas dos caminhões,



meus pais decidiram parar ao lado da casa onde a minha mãe cresceu, e assim ter quatro filhos. Dentre estes, eu... A filha do meio entre as três meninas.

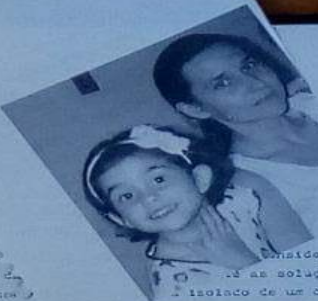
Cotidiano de patos e galinhas, cachorros, gatos, mato... Árvores de araçá, goiaba, limão, bergamota, ameixa, pitanga, amora, amor... Com o vento choravam os chorões e flutuava o perfume das folhas voadoras dos eucaliptos. Bolos de terra com cobertura de marrequinhas vermelhas, banhos de mangueira, esconde-esconde embaixo da casa. A avenida eu só via de longe, a faixa é muito perigosa!... Dizia a minha avó.

Por anos vivi guardada no mundo da Iracema, lá 'tudo era feito-em-casa' como ela costuma dizer. Feito-em-casa quer dizer ir colher na horta os temperinhos para o bolinho de arroz, é fazer chimia das goiabas que brincavam de bungee jump, costurar.tricotar.crochetear, buscar os ovos de manhã no galinheiro, ter a franja irregular do corte com a tesoura de tecidos. Feito-em-casa tinha um abraço gigante de avental.

edu-
pazco,
direito
dos ser-
nação forma
rastiram qu-

Por-
sar os fatos e
da anal-
e que des-
limitadas e,
mente e an-

A Campanha de Alfabetização cubana,
décadas, não deve ser um modelo a ser copiado,
experiência que merece ser analisada e
alcançada. Certamente, a luta por
dos na luta por



17
to à política
Via deu um
extensão
tabela-
que se
arsível.

Considerados ao anali-
as soluções que tratam
isolado de um contexto maior
característica da sociedade não

insuficientes para combater eficaz-
mente o analfabetismo.



Fotografia enviada da pag. 20 de REVISTA CUBA, n. 176, de 1971.
Foto: Oscar Castellón de la Cruz. Modelo: A. Peña. São Paulo: Lúcia. Edição em português.
REVISTA CUBANA, n. 176.

174

Importantes estruturas ps-

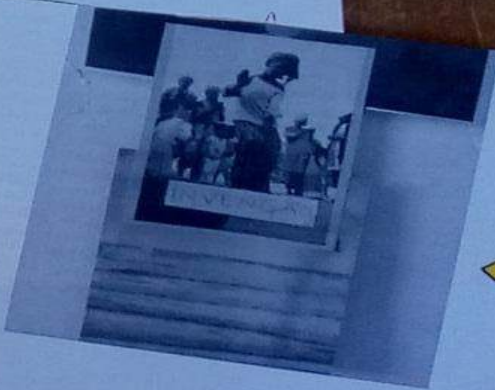
anexas em brechas, em intervalos
andar em condições?



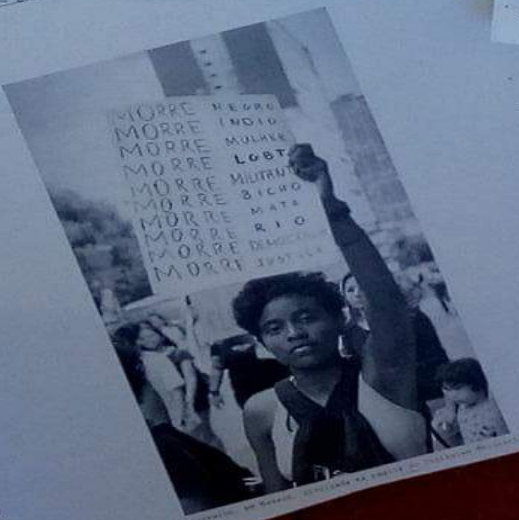
voltava a estudar, e que passei a
livres e cadernos. É a urgência de
verdades do nosso tempo que me dão
se far com o desejo de que possam
as coisas importantes, para pessoas
simples. Narrativas como testemunho,
escrever me encontro com Lúcia que está

interlocu-
necessário pensar
como forma de exp-
A escrita para
coletivo da natr-

Gosto de
despertos vantu
compartilho
muitos olhos.



169



Fotografia: de Revista CUBA, n. 176, de 1971. Edição em português. REVISTA CUBANA, n. 176.

Porto Alegre, inverno de 2019.

À Iracema, minha querida avó

Poema - Cazuza

Eu hoje tive um pesadelo

E levantei atento, a tempo

Eu acordei com medo

E procurei no escuro

Alguém com o seu carinho

E lembrei de um tempo

Começo essa carta com um poema, que cazuza escreveu para a sua avó, ele foi musicado depois da morte dele por Frejat, e até hoje é interpretado pelo Ney Matogrosso. Eu gosto de ouvir Cazuza quando estou triste, vó... Faz eu lembrar do tempo em que eu era adolescente.

Desde que o vô morreu, no ano passado, eu fiquei mais pensativa sobre a morte. Tem aquelas perguntas meio óbvias que me vem na cabeça, tipo... Para onde a gente vai? Será que temos outras vidas depois dessa? Para além disso eu fico pensando na delicadeza das margaridas que cobriram o caixão dele, do nosso abraço ao lado daquele corpo. Um abraço cheio de lágrimas, mas coletivo... As mulheres da família abraçadas.

Eu sinto falta do teu abraço grande de avental em alguns dias, nos dias mais difíceis eu fecho os olhos e recordo do quanto me sentia segura em correr até ti e tentar entrelaçar os meus pequenos braços pela tua cintura, nunca conseguia dar a volta na tua barriga. Tu colocavas a mão sob a minha cabeça, me alisava as costas e eu sabia que tudo estava bem. Tudo ia passar... "Dê tempo ao tempo", tu me dizias. Acho que esse é o conselho que mais gosto, o mais difícil e o mais bonito...

Outra coisa de que me vem a memória é quando tomávamos chimarrão e comíamos Bis no sofá da sala vendo a novela, a televisão passava ligada o dia inteiro na Globo, a noite assistimos a um capítulo da novela das nove. Eu sentava entre tu e o vô. Eu não parava quieta para assistir à TV, então vocês me colocavam ali para me conter... Às vezes o vô fazia barquinhos de papel de Bis para mim.

Atualmente eu encontro continência nessa memória, quando não quero pensar em nada ligo a TV... Sempre na Globo. Outro dia descobri que a gente realmente não pensa, é como se ficássemos anestesiados em frente à TV, porque os roteiros dos programas e das novelas são feitos para uma audiência que tenha completado até no máximo a quinta série do ensino fundamental. Tudo vem pronto, não precisamos refletir sobre nada, está tudo explicado.

Esses dias, de manhã, eu tinha acordado agitada de um pesadelo e decidi tomar café assistindo ao programa "Encontro" com a Fátima Bernardes. Logo que liguei a televisão me deparei com uma mãe que chorava, era Bruna da Silva que falava sobre seu filho Marcos Vinícius que foi morto durante operação policial no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, em junho do ano passado... Tu lembra vó? Ele tinha só 14 anos e voltava para casa depois da escola, estava de uniforme e tudo. Eu não queria pensar, mas lá estava a morte de um jovem para me fazer pensar... na entrevista ela conta do projeto social que realiza dentro da favela da Maré de conscientização da população sobre as ações policiais, também no trabalho com as crianças vítimas de violência e a união dela com outras mães. Chorei assistindo a aquela mulher chorar..

Mas sabe vó, logo depois me subiu uma raiva, quando aquela atriz Fernanda Torres apresentou uma reportagem sobre a sua ida a uma ONG em São Paulo, que havia sido contemplada pelo Criança Esperança. Ela falava sobre o quanto os jovens que frequentavam esse lugar, pessoas com altas habilidades, tinham um futuro promissor devido ao dinheiro do Criança Esperança. Sabe assim, uma coisinha logo depois da outra...

igual quando eles mostram milhões de mortes e guerra no Jornal Nacional escorrendo sangue pela tela, e logo em seguida terminam com os gols do futebol. Sempre aquela ideia do feliz para sempre, para a gente se esquecer de um e ficar com outra informação legal no final. Me dá nojo dessa gente!

Se o vô estivesse vivo, ele olharia para a TV ontem à noite e diria: - Que burrice! Ontem foi o dia que a Globo fez o show do Criança Esperança ao vivo, no início eles mostravam mães e pais olhando recortes de jornal sobre as guerras do mundo, as mortes, a fome, a miséria... e perguntavam se eles tinham esperança, muitos choraram e falaram que era difícil ter esperança nestes tempos, ter fé na humanidade. Depois disso mostravam vídeos dos filhos dessas mães e desses pais falando sobre o mesmo tema. As crianças tinham respostas lindas, genuínas e muito preciosas. Aí os pais se emocionaram com as respostas e aparecia um encontro em que eles se abraçavam.

Logo depois dessas cenas, teve a fala da atriz Leandra Leal falando com a gente de casa que estava assistindo, dizendo para "lembrarmos-nos de quando éramos crianças"... De termos viva a criança que vive dentro de nós. Aparentemente muito bonito tudo isso...

Da até vontade de ligar para lá, só que não. Vó, sério, ontem eu chorei de raiva vendo aquilo na TV. Eles estavam ali, comovendo a gente para fazer o que... Dar dinheiro para eles! Parei de assistir e estavam só no primeiro quadro do programa, eles já haviam arrecadado mais de 11 milhões de reais. Faz 33 anos que esse financiamento coletivo gigante existe, tudo para aumentar a filantropia da Rede Globo de Televisão e reduzir os impostos que eles pagam para nossa sociedade. Esse negócio ajuda, claro, os projetos sociais contemplados. Esses projetos modificam a vida de várias famílias... No cotidiano de cada um dos jovens que frequentam os projetos deve fazer diferença, mas não é isso que para mim está em questão.

Enquanto eu estou te escrevendo essa carta são muitos os jovens que morrem no Brasil, o sangue não para de escorrer pela tela. E não há gols de futebol que me façam esquecer isso... E muitos desses jovens não terão o enterro digno que pudemos dar para o vô, com flores, família e abraços. Muitos não terão um enterro digno, por que nem a sua morte foi digna. Tiveram as suas vidas interrompidas, com um tiro ou mais, sem mais nem menos... Mortos porque são pobres, favelados, negros... Não morrem só de tiro, ainda que tenha aumentado muito as mortes por essa causa, mas por negligência do Estado, é a necropolítica que vivemos.

Eu ainda me lembro das tuas crises da ansiedade que acompanhei há pouco, nas quais tu não conseguias mais ler jornal, nem olhar o noticiário... Era muita violência para os teus olhos. E é vó... Para todos nós.

Além dos jovens, eu sinto a dor pela morte das Políticas Públicas, por isso não conseguirei nunca festejar um showzinho ridículo do "Criança Esperança". Esses jovens tem o direito de receber gratuitamente, financiado com nossos impostos (o maior financiamento coletivo que faço parte desde que nasci), alimentação, moradia, educação, esporte, cultura, lazer!

São tantas amigas que estão perdendo os seus empregos porque os serviços de assistência social estão fechando, projetos acabando... Tudo sendo entregue para a iniciativa privada. Lembra que no ano passado eu também fui demitida? A gente convive com essa juventude de perto vó... As vezes sonho com uns deles, e me pergunto se ainda estão vivos.

Falando em sonho... Esses dias eu sonhei com o vô, eu estava com meu corpo de criança, a gente corria em círculos pelo pátio da tua antiga casa de madeira. A cada volta que dávamos no círculo ele rejuvenescia e eu seguia criança,

até que em um dado momento nós paramos e ele me olhou sorrindo com o corpo jovem, mais ou menos com a minha idade e me perguntou:

- O que tu fez na Páscoa?

Fico pensando sobre o significado da palavra Páscoa... Passagem. A passagem da morte, para a vida eterna segundo a tua religião. Meus amigos Uruguaios quando querem saber de algo perguntam: ¿Qué páscoa? O que acontece... Acontece que está passando a minha juventude, vó. Também estão passando às juventudes...

É difícil escrever quando as coisas estão passando, porque é tudo muito rápido e estamos no meio disso. No olho do furacão! Mas como tu costumava dizer: "Desde que o mundo é mundo essas coisas acontecem, só mudam os personagens"... Só que está difícil ser personagem agora, dar tempo ao tempo parece algo impossível.

Que bom que tu ainda está aqui para eu te abraçar, mesmo que agora meus braços façam voltas em tuas costas e a tua cabeça repouse sobre o meu peito... Que bom que estamos juntas!

Eu te amo muito. Com carinho, da tua neta,
Aline.



JUVENTUDE
POETA

Em um dos momentos
na história, com um
da presença em situação
Departamento de D
ACNUFR, a Agência
firmaram parceria
Faculdade de Religião
universitária da U
lidos e textos re
apresenta em fr
Educação JAV

Exposição: Faces do Refú

OS DO REFÚ

Porto Alegre, 14 de novembro de 2019.

Vozes da Revolução/Poetas Vivos (Bertoldo Cultural)

Foi muito difícil sair de casa hoje, com menos de uma semana depois da perda da minha avó, eu me sinto despedaçada. Logo hoje, um dia importante e de celebração para o grupo poetas vivos. Consegui ficar apenas uma hora no evento, cheguei cedo... Tinham poucas pessoas convidadas presentes, estavam chegando aos poucos. Revi a casa de teatro revitalizada, agora como Bertoldo... Revivi algumas memórias nos meus pensamentos, e logo fui atravessada por um gesto de muita alegria.

- Oi!!! Que bom que tu veio! Seja bem vinda no nosso evento!

Assim fui sendo cumprimentada por todo o grupo de poetas, que me recepcionava com sorrisos largos e abraços muito apertados. Eles vestiam roupas brancas e pretas, estavam muito elegantes.

A alegria deles se manifestava por todos os seus poros, por cada gesto, cada palavra, cada olhar... Era de fato uma celebração. Eles estavam lançando o seu primeiro livro de poesia!

Eu poderia ter me contagiado com essa alegria, mas não consegui... Precisei ficar no ambiente externo do bar, olhava as luzes que estavam penduradas nas grandes árvores, sentada em uma mesa com uma toalha de chita colorida... Um bebê chorava ao meu lado. A mãe tentava acalmá-lo, dava o peito... Vi-me naquele bebê. Queria um colo, um aconchego... Queria poder chorar, então para esse choro não me sufocar eu decidi ir embora.

Fiquei muito frustrada com o luto, com essa tristeza que não me possibilitou estar de fato nesse espaço em que eu queria tanto...

Quando percebi
a casa toda suja
meu olhos repletos de ódio e dor

Tratei logo de expulsar
esse mesmo que sem querer
deixei entrar

Sai daqui!
Vai pra lá baixo astral!

Natália Pagot

POETAS VIVXS, 2019.

Estilhaços

Os estilhaços me acertaram
quando aquelas palavras
foram proferidas

Algo morreu na minha casa

Só que dessa vez foi de morte matada
não de morte morrida

Eu morri a partir daquele dia
todos os dias um pouco

Não era Samara mas me sentia
cada vez afundada em um poço

A chama já não me machucava
e as coisas do mundo externo
não me afetava mais

Eu nunca imaginei que viraria poeta
que apenas escrever em um papel
já aliviaria a dor
por nos anos contida

A dor ainda continua aqui dentro
só que agora não me sinto tão vazia

Pretana

Praia de Garopaba, 02 de fevereiro de 2020.

Melancolia

Eu olho o horizonte do oceano, sentada em uma cadeira sob a areia. Inventei de reler o livro sobre a Necropolítica, pois percebi o quanto esse conceito estava presente em todos os artigos e teses sobre branquitude que a banca me indicou.
Choro olhando o horizonte..

Há que ponto chegamos enquanto humanidade? Por que escolhemos a guerra como nossa política?

Olho o meu corpo quase nu, que se brônzea aos raios solares. O bronzeado é algo que em nossa sociedade é visto como um signo do belo. Marquinhas de biquíni, sensualidade.

E vários corpos se bronzeiam ao longo da faixa de areia... Por que resolvemos ser tão cínicos? Por que tantos corpos brancos querem se mascarar em seus bronzeados?

Bronzeado, mas não negro, ou não vermelho... Um tom dourado, muitas vezes artificial. Não consigo aproveitar a brisa que vem, quase vomito com a nossa hipocrisia.

Os corpos negros que vejo são raros, estão vendendo picolés, recolhendo o lixo, vendendo queijo, churrasquinho, cerveja e água. Quem tem direito a férias?

Aqui também trabalho, mas em condições de privilégio, de reflexão. Esse privilégio me confere uma responsabilidade, mas eu confesso que não sei muito que fazer com ele. Não sei muito que dizer sobre ele, eu estou aprendendo... Uma tentativa de me despir do cinismo.

É urgente, grita, pulsa, corrói e dói. Às vezes sinto uma dor que não sei explicar, por ter nascido neste corpo. Tem algo de culpa, algo de nojo, algo de impotência.

Ao mesmo tempo percebo o poder que tenho dentro dessa esfera de privilégios em ser uma mulher branca, que está na pós-graduação e hoje escreve suas lágrimas sob um smartphone na beira mar. Sinto-me ridícula...

Minha dor sempre me parece sem sentido, sem possibilidade de sentir... Pois ela é uma dor privilegiada. Com isso não quero ser vítima, só queria poder sentir que faço algo na direção de uma transformação do que se passa.

Os nossos tons pastéis estão nos matando, de alguma forma sinto pulsar a morte em mim. Ela vem desenfreada com a morte iminente de minha última avó viva, que hoje está com um câncer de pele em que ainda não se sabe a extensão.

Por vezes sinto a gente como esse câncer, criamos o câncer. Uma sociedade de câncer e depressão. Acabamos com a camada de ozônio e com o nosso oxigênio. Para nós escolhemos a morte lenta.

Conferimos aos coloridos a morte súbita, e a nós uma morte cínica.



Porto Alegre, 08 de dezembro de 2019

Solar Negro

Fiquei sabendo do Solar Negro por diversos meios, mas a divulgação que mais me chamou a atenção foi um lambe que estava colado embaixo do viaduto da Borges. Durante o tempo que acompanhei os grevistas do estado passei caminhando por ali... Um espaço que era ocupado majoritariamente por pessoas em situação de rua, onde passa todos dos tipos de gente, decidiram divulgar uma atividade cultural.

O Espaço Cerco Cultural é eu onde faço teatro, lá fiz muitas oficinas e algumas performances, produzi eventos e uma exposição minha de mandalas em papel. Apresentei o meu primeiro número como palhaça e fiz muitas amizades com o povo do teatro. Sigo frequentando esse espaço, construindo, reformando e fazendo arte nele.

Esse casarão tem uma história, hoje ele é patrimônio histórico de POA e propriedade do Instituto dos Arquitetos do Brasil. O Grupo Cerco de Teatro fez uma parceria com o IAB para utilização da parte de baixo do prédio, onde no período da ditadura civil militar brasileira havia sido um porão do DOPES, e depois necrotério da cidade.

O Solar Negro foi o primeiro evento que propôs práticas estritamente de cultura africana no Espaço Cerco, produzido pela única atriz negra do grupo em parceria com outros coletivos.

Foi a primeira vez que tive um choque ao passar pela porta do Espaço Cerco, olhei a minha volta e eu era uma das únicas pessoas brancas. As pessoas dançavam samba de roda com uma alegria muito grande, à vontade, compartilhando vida.

Cheguei e fiquei de canto, tinha vindo assistir aos poetas vivos novamente. Cumprimentei algumas pessoas conhecidas e fiquei tomando minha cerveja na rua. Meu corpo não parava dentro do espaço, era como se eu não coubesse ali. A primeira sensação que tive foi a de estar atrapalhando, depois me senti envergonhada como se todas as pessoas me olhassem, logo em seguida me senti pouco a vontade como se aquele não fosse um lugar possível de eu estar.

Olhei para todas essas sensações com cuidado e atenção, será que é assim que as pessoas não-brancas se sentem em meio aos brancos? Com certeza o desconforto deve ser maior.

Decidi entrar... Fiquei suportando o meu corpo desconfortável. Eu não queria atrapalhar... Eu olhava com admiração, contemplava, mas não me sentia parte. Não me sentir parte tem a ver com o racismo?

Passou-se o tempo, meu namorado chegou e conversamos sobre esses desconfortos. Sentamos um do lado do outro para assistir as apresentações do Humor Negro Night Show... Riamos muito com as piadas sobre o racismo, sobre as pessoas brancas hipócritas, sobre ser mãe, ser pai, ser vivo... O riso me fez sentir pertencente. Me reconheci nas piadas sobre as pessoas irritantes good-vibes... Me diverti.

Chegaram os poetas vivos, mais uma vez ia assisti-los. Estava empolgada. Desta vez foi muito diferente de todas as outras... Eles faziam uma saudação como em todas as outras, chamavam o grito "É o terrorismo lírico revidando e resistindo" e nós respondemos "Poetas vivos" como em todas as outras vezes... Mas quando eles começaram a rimar... Foi lindo de ver uma plateia que estava junto deles. Uma plateia que sabia os poemas de cor, repetia junto e baixinho os poemas e gestos. Fiquei emocionada. Uma plateia que já tinha visto muitas vezes aquelas performances.

Foi a primeira vez que não ouvi os textos apesar deles terem sido repetidos por uma plateia que os tinha decorado, eu só via o gesto e o corpo. Mesmo que entre amigos eles estavam em uma expressão de luta, imponente. Olhos de fúria, expressões de violência. Textos sobre violência, sublinhados com gestos violentos. Aquilo me entristeceu...

Nos poemas de amor, ao final, também havia o mesmo gesto violento... Não sei se era porque eu estava em um espaço no qual eu estudo teatro, ou por já ter visto muitas vezes as performances, comecei a ter uma atenção diferente.

Em um intervalo de poemas, uma das integrantes do grupo diz:

- Desculpem a rouquidão da voz, estamos com muitas apresentações essa semana.

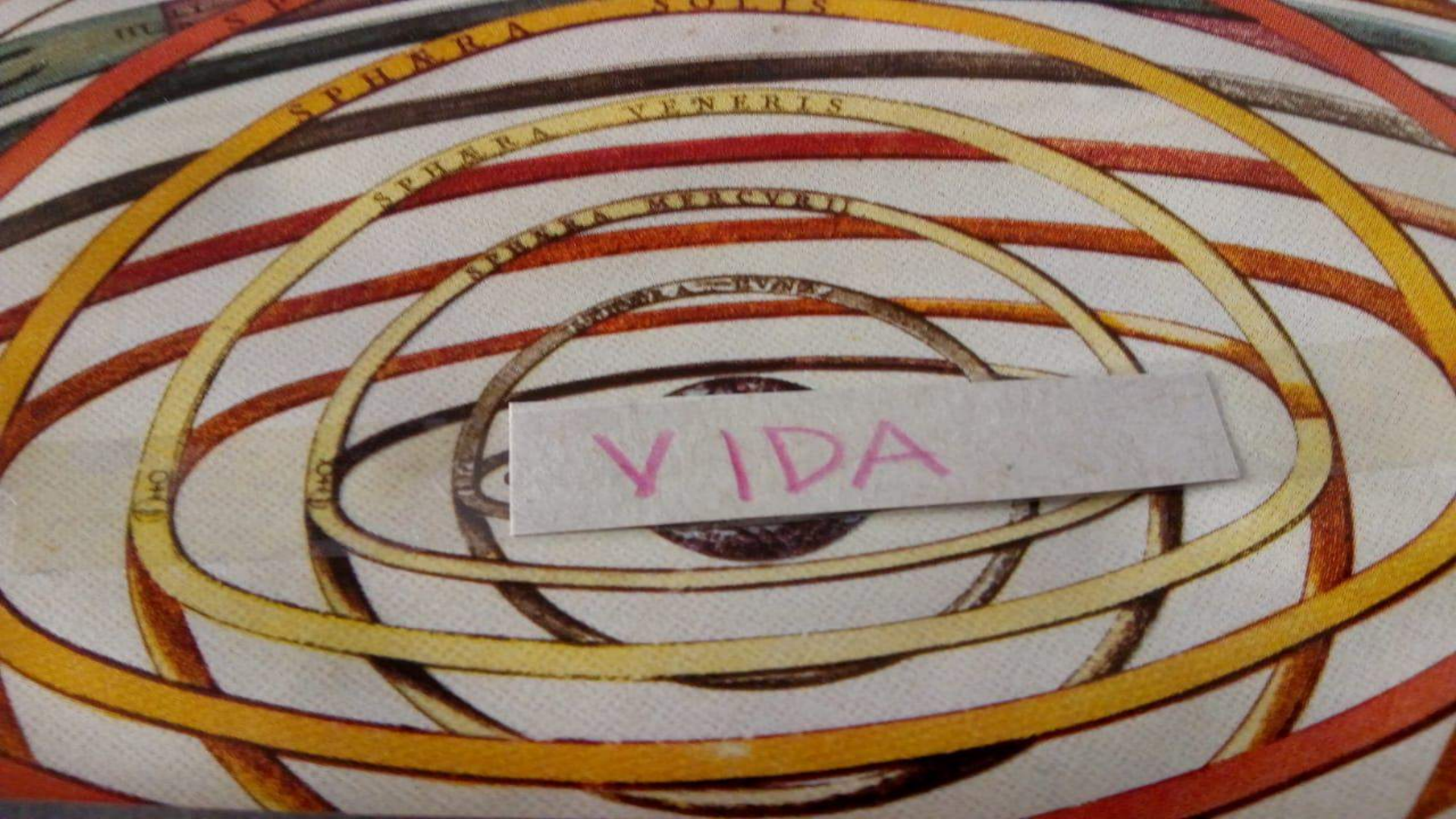
No dia anterior eu havia assistido as apresentações deles na UFRGS, também pareciam estar cansados mesmo que muito fortes... Realmente os poetas haviam ganhado muita visibilidade, não somente entre pesquisadores, mas no mercado da arte.

Passei a refletir sob duas questões: a primeira um texto e um gesto igualmente violentos, e a segunda a captura e venda do "SLAM SHOW".

Ao invés da venda do pó vende-se poesia, ao invés de um fuzil um lápis na mão. Poderia haver a coexistência dos dois? O tráfico e a poesia?

Ao vender o que quer que seja sempre há uma captura, que é sofrida e trabalhosa. Mesmo que haja uma expressão de si, outra possibilidade de existir e resistir, o capitalismo os captura pela necessidade de seguir se sustentado.

E com certeza, mesmo capturados nessa poesia me parece haver um reconhecimento de quem eles são, da sua ancestralidade, da sua luz, da sua arte e principalmente do coletivo que construíram.



SPHERA SOLIS

SPHERA VENERIS

SPHERA MERCURI

SPHERA IUNONIS

VIDA

Porto Alegre, madrugada em agosto de 2020.

Sensodyne-Withe-Protect & Repair

Olhei-me fundo nos olhos através do espelho do banheiro enquanto passo a fita dental entre os dentes. “Passar fio dental três vezes ao dia, junto com a escovação com Sensodyne Protect. A sua obturação sairá cento e quarenta reais...” Disse-me a dentista na minha última consulta.

Nos últimos dias senti dores horríveis na face ao acordar, meu bruxismo havia piorado durante a noite em função da ansiedade. Ela que é a ânsia de um futuro, mas qual futuro?

Ao me olhar nos olhos hoje a noite decidi que não dava mais para suportar esse texto dentro de mim, ele já estava me consumindo como a cárie que corroeu meu vigésimo primeiro dente, um molar. Após o ritual Nacirema (MINER, 1976),

da saudação ao Deus do Flúor e a Deusa da Cútis em celebração com meu mais novo hidratante Nivea Protect Care crio coragem...

- Vamos Aline, já é tarde... E logo você estará atrasada novamente!

O texto e a suspensão do tempo me consome: quanto mais tempo em confinamento eu vivo, menos eu consigo colocar em palavras a experiência das trajetórias na cidade.

Decido começar pelos meus dentes. Tenho todos os dentes na boca, até mesmo os doloridos quatro sisos que já nasceram há algum tempo em bom estado. Desde a infância a minha família me proporcionou um plano odontológico, e aos vinte e quatro anos de idade perdi este privilégio depois de concluir a graduação. Hoje sou eu quem paga pelos meus dentes.

Ter todos os dentes na boca, em muitas situações, me impede de falar e fazer coisas. Não me autorizo a produzir um texto, uma fala, uma crítica, uma ação por estar já no clube do Sensodyne-White-Protect Repair. White People Problem.

É preciso dizer que vivi um desencanto grande durante a série de encontros que tive com o grupo de poetas, e essa quebra me doeu fundo. Uma professora da minha banca de qualificação já me alertava sobre a impossibilidade de depositarmos na juventude a nossa esperança de transformação, de transgressão. É necessário ampliar os horizontes, abrir o campo de possibilidades...

Estava encantada pelo acaso, pelo encontro com uma juventude que decidiu fazer outra coisa com o seu destino. Diferir daquela que comercializa drogas ilícitas, diferir do uso de armas...

Transformar a dor em luta, e o pó em pó-esia. Agarrei-me neles, os via como a estrela da esperança, uma possibilidade de diferir, um caminho vivo. Os persegui, os ouvi em muitos eventos.bares.shows, os vi na rua, os acompanhei com um pathos platônico...

Todo o pathos é projetivo, doentio e ilusório. Todo o pathos é igualmente sublime, belo, quase como se levitássemos. Quando percebemos que não estamos mais neste estado de enamoramento, e percebemos que algo se quebrou nos dilaceramos junto. Por isso este texto tem muito mais de mim do que deles.

O primeiro fragmento desta quebra tem a ver com a violência e com olhar. Foi nos olhos destes poetas que me reencontrei com a violência que eu queria esquecer, a mesma violência em fúria dos adolescentes que acompanhei na socioeducação. Uma violência que resiste.

Este olhar se transforma em poesias e em gesto, potentes e viscerais. Denunciam a partir deles o racismo e a desumanidade. Em uma expressão de guerrilha. Uma poética que se faz a partir da violência. Um regurgitar a violência. Uma afirmação de vida e morte em ato.

Decido tomar distância... Entender em mim o afeto, o desencanto. E para isso olho para os livros e zines comprados por mim, talvez apenas o texto poético não me causasse tanto desconforto.

Eis que os poemas em papel também retratam a violência na estrutura, nas rimas e na métrica. Tento encontrar o estilo dos escritores, e em todos eles ouço um grito de revolta. Resistência.

Os poemas deles publicados em um livro são uma vitória, um fato político inquestionável. Olhar para os poemas apenas em papel, sem a performance que os acompanha me causou desconforto.

Deparei-me com a minha versão crítica literária branca, com o que faltava para essa expressão poética. Entristeci...

Quando olho para essa expressão de resistência percebo para além de uma produção poética, um modo de existir no mundo. A dureza da resistência é a possibilidade de seguir vivendo, não há outra. Seja pela via do pó, ou da poesia, ou das duas.

Mano Brown, ao lançar seu novo álbum solo foi amplamente criticado pelo movimento negro, e em entrevista ele fala sobre a possibilidade de ele querer escrever sobre outras coisas. Cantar outras rimas, outras dimensões humanas.

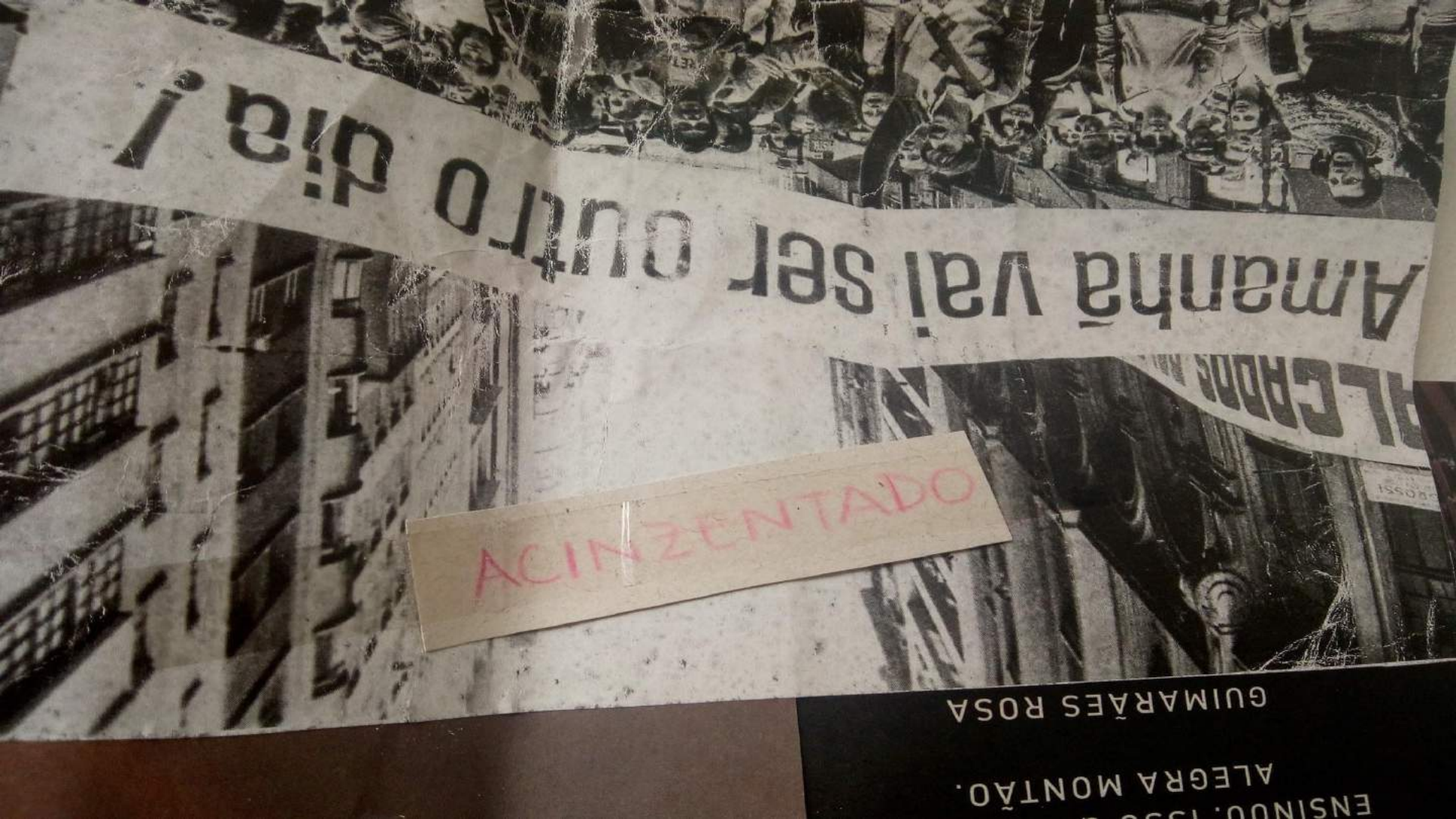
Mas quantos poetas chegarão a um status de Mano Brown? Também não sei se eles têm esse desejo... Enfim. Os poetas são uma iniciativa cultural, passaram a fazer intervenções e shows (como o da UFRGS), ganham cachês que com certeza não deve estar a altura da sua expressão de resistência.

Dói-me perceber a crueza de um capitalismo que captura resistências, que em sua operação faz com que a todo o momento a pessoas coloquem o seu modo de existir a venda. E quando esses poetas não estiverem mais em alta? Qual será a nossa próxima pauta identitária que o capitalismo irá capturar?

Estou cansada de chafurdar nisso, perceber que para alguns grupos a transgressão só é possível pela via da infração. Na poesia há crítica, há resistência combativa e violenta sim, mas não parece poder avançar.

Não avança para a possibilidade de como Mano Brown produzir outras coisas, olhar sob outra perspectiva. Olhar para outras dimensões de si, do mundo e do humano.

E eu, o rascunho da mulher branca de um pseudo sorriso *Colgate*, não sei mais o que dizer. É fácil a posição de quem faz a crítica com todos os seus dentes na boca.



Amanhã vai ser outro dia!

ACINZENTADO

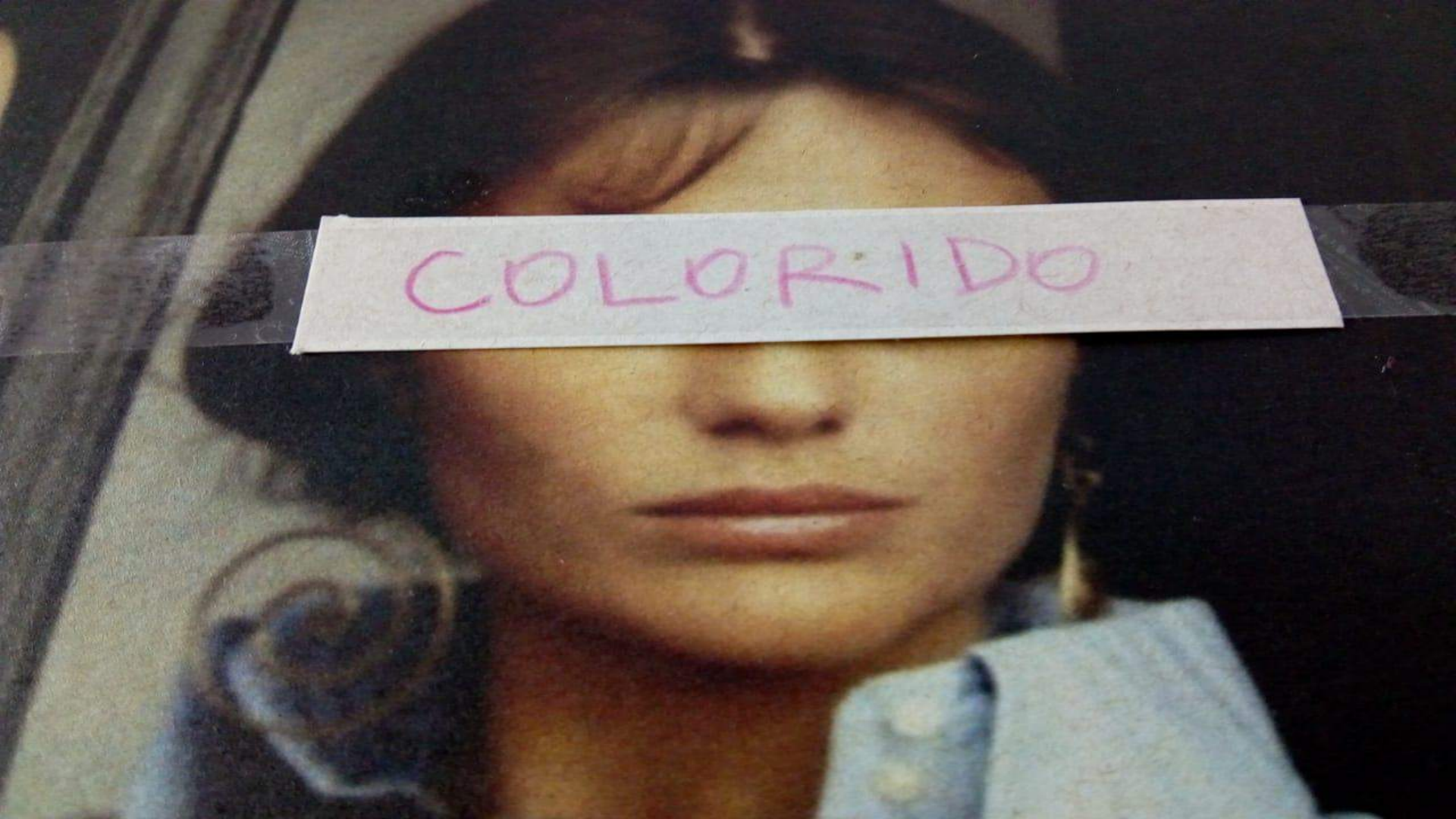
GUIMARÃES ROSA

ENSINO: 1950 ALEGRA MONTAÇÃO.

Esse modo de existir-resistência me ensinou a ter coragem, seguir adiante. Esse modo de existir faz com que eu cale a minha boca e escute. Eu preciso ouvir mais, precisamos ouvir mais... Reaprender a falar.

Sinto o tempo do silêncio como algo necessário para elaborar uma invenção discursiva, outra. Um discurso de empatia, respeito e antirracista. Um discurso que implique em ações.

Com esse modo de existir-resistência vou aprendendo, ainda deixando crescer os dentes de leite de uma afirmação da diferença. Que ela possa fortalecer os múltiplos modos de existir, que compartilhe sorrisos banguelas e brilhantes.



COLORADO



Porto Alegre, centésimo vigésimo segundo dia de quarentena devido a pandemia causada pelo vírus COVID 19 em 2020.

Hoje faz sol e, apesar de estarmos no inverno, temos máxima de 29° segundo weather.com.

Querida Natália

Como tu estás? Como tem passado por esse período de distanciamento social? Como está a tua família e amigos?

Há pouco mais de um mês nos comunicamos via WhatsApp, e te enviei por e-mail meus escritos da dissertação sobre a branquitude, depois disso tu me respondeu através do Google Docs nas caixinhas de perguntas a partir da tua leitura generosa. E hoje te respondo através desta carta...

Eu tenho me sentindo mergulhada em um grande excesso de informações nestes tempos mais recentes, sobretudo após o início da pandemia, a tecnologia está mediando quase que 100% das nossas relações. Com isso eu sinto uma ansiedade grande com a urgência que algumas coisas vão se apresentando, de uma constante comunicação nos grupos do Whats principalmente, uma produção de informação que nunca tem um fim... Estou cansada, estressada, descabelada, com insônia, acelerada como nunca estive.

Esse sentimento de imersão profunda nessa pressa tecnológica do nosso tempo me fez demorar em te responder, na verdade eu quis demorar, eu quis supostamente atrasar, eu quis criar uma duração e maturação das tuas perguntas em mim. Precisamos voltar a sermos donas do nosso tempo! Fazia tempos que não escrevia uma carta, e nesse momento percebo o quanto essa maneira de escrever oferta a possibilidade de resistir, no sentido de que eu posso me autorizar a demorar mais para construir um pensamento, para dar atenção a algo importante, para me permitir sentir as tuas perguntas com todo o meu corpo.

Eu preciso começar te respondendo com uma afirmação de um meme que circulou durante muitos dias pela internet, após o assassinato de George Floyd em maio, que diz o seguinte: NÓS, BRANCOS RACISTAS! Quanto mais o tempo passa, quanto mais leituras eu faço, quanto mais vídeos, lives e filmes eu assisto sobre o racismo me conscientizo de que nós brancos inventamos o racismo. Isso é fato histórico, é inegável, está escancarado, nós somos responsáveis pela invenção do racismo estrutural e ponto. Não tem choro, nem vela... Precisamos assumir, reconhecer e combater de uma vez por todas.

Partindo desse pressuposto, sem me autoflagelar agora (já fiz muito dessa auto sofrência nas narrativas que te mandei) sem vitimismo, sem medo de dizer e assumir que sim vivo em uma sociedade estruturalmente racista, sou subjetivada nessa sociedade racista, portanto sou racista. Sou racista! E o que é que vou fazer com isso? Tomar posição! Será possível desinventar o racismo? Ou será que precisamos inventar outra coisa que ainda não tem um nome? Por ora eu me identifico com o ANTI racismo, a luta antirracista.

A luta antirracista me faz hoje escrever sobre esse assunto na minha dissertação, me faz precisar que a tua palavra esteja aqui sentida, compartilhada, com direito à fala e resposta. A luta antirracista me faz perceber que eu preciso escutar, pois não sou eu quem dá a voz, e não é suficiente calar a boca. Escutar é uma ação de empatia, uma tomada de posição em que eu me disponho a aprender, de interesse pelo o que a outra pessoa tem a me dizer... E essa escuta está para além de uma conversa, escutar também é uma ação política de pesquisa, de uso do tempo para se rever, de muita leitura. Escutar é uma atitude ética.

E o que eu faço com o que eu escuto? Acho que essa é uma pergunta importante para as pessoas brancas que estão envolvidas na luta antirracista.

Nesta situação, que posso fazer agora, é tentar responder com sinceridade as nove perguntas que tu me fizeste através das caixas de diálogo do de do Google Docs.

Começo por uma lá do meio em que tu diz assim **que tipo de culpa/sentimento tu viveu pela primeira vez?**

Eu tive medo, é a lembrança mais antiga que tenho. Eu morava em frente a uma rótula, que fica na Avenida Bento Gonçalves, cruzada pela Avenida João de Oliveira Remião (Lomba do Pinheiro) no Bairro Agronomia. Eu morava em uma grande encruzilhada. Nessa encruzilhada muito foi ofertado, dançado, cantado, tocado tambor a Exu. Grupos grandes faziam as suas práticas religiosas em frente ao terreno onde mora a minha família até hoje. Até hoje a minha mãe morre de medo da sineta, das pessoas vestindo negro e vermelho, das oferendas e dos galos que ficam ao amanhecer. Esse medo foi construído dentro de mim desde muito cedo, cada vez que a minha avó pensava chamar a polícia pelo toque de tambor em frente à casa...

Cada vez que a minha avó falava sobre a Morena, vizinha dos fundos, que tinha o filho louco Negrinho era algo que me apavorava. O Negrinho tinha alguma questão de saúde mental, diziam que nos olhava com binóculos através da janela do quarto dele, Negrinho tarado pra ela.

Eu cresci ouvindo os tambores nas segundas-feiras, eu cresci me cuidando para trocar de roupas com o medo do olhar do binóculo. Eu era uma criança assustada, mas sempre curiosa. Cada vez que passava por um oferenda olhava atentamente os detalhes, as pipocas, as velas, as flores, os animais... No trajeto que fazia a pé até escola, às vezes queria tocá-las e dizia: com licença...

Há quatro anos frequento um terreiro no bairro Medianeira em Porto Alegre, isso começou quando um arco-íris se formou ao meu redor na cascata da Forqueta, na Barra do Ouro. Nesse momento senti uma força muito brilhante, me senti em um plano de imanência com a rocha, a água, a luz do sol, as cores do arco... E essa força depois me acompanhou com panapanás amarelos nas caminhadas dentro da mata. Hoje percebo o quanto o binarismo das religiões judaico-cristãs não me faz nenhum sentido, ainda que eu seja completamente subjetivada nesses valores.

Quando olho para a minha história, percebo que o sentimento de medo foi construído em mim a partir do olhar aos rituais a Exu, ao imaginário de pacto com o Diabo que a minha família tinha e ainda tem sobre essas práticas. Também o medo da loucura e do homem vieram junto com o racismo nessas memórias. Tantas instituições em um fragmento de memória...

Deixo escuro aqui a necessidade de intelectuais (brancos em especial) entenderem que somos sujeitos sempre, não só durante seus 3,6 meses de coleta de dados. Essa fala vem da minha indignação. EU Natalia Pagot Xavier, formada educadora pela UFRGS que só conseguiu publicar de forma independente, fora da universidade, das bancas avaliadoras e das críticas. É muito duro! Quantos pesquisadores falam de nossas dores como espectadores ? sem sentir, sem compartilhar, sem dar o direito a fala ou a resposta?

Me estranha pensar que todes tem nome e nós não!! Às vezes isso também pode ser uma forma de apagar, silenciar. Não sei, to me perguntando o porquê não colocou, e porque isso me afetou kkkk

Quando tu me perguntou porque escolhi ocultar o teu nome a minha primeira ação foi revisar os textos enviados, assim percebi que na carta que escrevi a minha banca de qualificação eu te chamei de N., e durante os relatos dos encontros com o teu grupo, Poetas Vivos, chamei vocês de poetas, no plural. Aqui eu sinto duas forças operando, a primeira é do racismo que homogeneiza a população negra, que engole as subjetividades e singularidades. A segunda é uma outra instituição, Universidade que se traduz no discurso acadêmico.

Sobre você, Natália Pagot Xavier, perder dezessete letras do seu nome no meu texto e se resumir apenas em uma letra N naquele texto à banca... Demorei até conseguir entender o que se passa aqui. E sinceramente não tenho total certeza destas respostas... Sinto que eu quis em primeiro lugar preservar a sua identidade, pois afinal de contas eu não havia obtido a sua autorização formalmente para usar o seu nome na pesquisa em setembro de 2019, quando qualifiquei o projeto. Eis o paradigma ético acadêmico, que precisamos de termos assinados, devemos preservar as identidades...

Mas aqui tu me convida a pensar justamente sobre as identidades, de uma outra perspectiva... Muito importante nós escurecemos esse debate, no sentido de nos abirmos para a possibilidade de que você e tantas outras pessoas tem o desejo de ter os seus nomes escritos nas pesquisas. Não somente como sujeitos, mas muito mais que isso... Como pesquisadores e pesquisadoras. Aproveito para mais uma vez te parabenizar pelo ingresso no Mestrado.

Fiquei nas narrativas me perguntando isso... Como tua branquitude é tocada com nossas palavras? Como é estar fora do padrão, mesmo que por um segundo?

Sabe Natália, eu sinto dor. É uma dor que não sei explicar, eu me sinto emocionada sempre. Me arrepia, sinto um nó na garganta, as palavras de vocês me reviram. Ao mesmo tempo eu sinto uma alegria tão grande, eu admiro muito vocês, gosto do que vocês produzem artisticamente e fico feliz com o "terrorismo lírico revidando e resistindo".

Estar fora do padrão durante o Solar Negro foi a experiência de maior alteridade que já tive, e mesmo assim sei que não chegou nem perto de como você se sente nos espaços ocupados pela maioria de pessoas brancas. Foi só um lampejo pra mim...

Porque meu corpo nunca sai desse campo de violência? Talvez seja a lente na qual ele é visto?

Essa foi a pergunta que mais demorei para conseguir formular a resposta... Acho que ela tem muito daquela história que te contei no começo da carta, marcas muito profundas de medo... Como pesquisadora percebo, desde o meu trabalho com as juventudes em socioeducação em 2016, o quanto a juventude negra é colocada em nossas pesquisas neste registro do corpo violento. Sinto que talvez isso possa ser algo que ressoou aqui, mesmo que a minha intencionalidade não fosse essa. É preciso descolonizar o nosso olhar pesquisador!

Para além disso, eu me considero uma artista bem chata. Sou extremamente crítica com o meu trabalho, e infelizmente com o dos colegas também. Não sei se esse aqui é o espaço para falar das críticas ao seu trabalho com performance, se em algum momento tu quiseres ouvir pessoalmente elas podemos conversar melhor. Então acho que é isso, a violência é pelas lentes da minha subjetivação racista, da universidade e da minha chatice enquanto artista.

***Se estamos a mercê entre a poesia e o tráfico, que reconhecimento nos é dado?
Isso tudo volta a nossa conversa durante o brechó***

Sim voltamos, e acho que não se trata de tomar uma posição OU a outra. É um erro moralizar a venda e uso de drogas e colocá-los em oposição a poesia. O comércio e uso de drogas precisam ser urgentemente legalizados! Quantos corpos mais? Quantas existências serão negadas em nome da proibição às drogas? Quantos poetas-traficantes? Quantos traficantes-poetas?

Quantos corpos negros? Quantas feridas negras?

Essa eu vou deixar bem grande, ecoando aqui dentro e pelo mundo afora...

Seja você a transgressão branca! Não é isso que vem buscando nessa pesquisa? Não ser só mais uma branca com negros-sujeitos-objetos! Vai com tudo, rasga esse tecido que vos cega!

A minha venda, o tecido que me cega, foi difícil de tirar... Acho que consegui transgredir um bocado de coisas na dissertação e fico feliz de ter te encontrado naquele brechó, nos palcos, nas correspondências do Google, na Universidade.

Muito obrigada Natália!

Eu aprendi muito contigo nesse processo.

Te desejo muita vida!

A tua leitura me transformou.

Conte comigo, um abraço muito carinhoso.

Aline Miranda.

P.S.: Desculpe a quantidade de páginas, comecei a te responder há quatro meses e só consegui finalizar agora.



Bom mesmo é estar debaixo d'água, Luedji Luna
<https://www.youtube.com/watch?v=Z7lPX61UdJ4>



reRS | 2016
ago | Música
positor q

MONS

Julia Zanin de
Alegre | 2017 | 9 h

Uma garota e parte
trupe circense. Ela e
um lugar desconhec
achar a saída. Será um
horrores.

imensidade de grand
um tempo, uma po
Baden Powell e Violeta
ricos e múltiplos quarto
a atenção), mas que nos le
a visão que Drexlér, em "Mi qu
parece ver mundo mediada por
este mundo ver melhor". Desde a gita
Jorge Fandermide: "no le esquite
está, e o trecho da letra da guitarra
em todo lugar, o mundo é o que se
brasileiro Milton Santos, "o centro do mundo
entrancamento entre a famosa frase do mundo
assimila que o conceito do álbum "se encontra
caráter fortemente autobiográfico, "se encontra
nu de algo giganteco). Em seu último trabalho, de
Iceberg, fortemente autobiográfico, "se encontra
tempo americano (com sua pequena parte visível a olho
encarna do Projeto Unimúsica 2018 para a
O concerto Desde la guitarra surgiu a part

4 min | Livre
a de
caixão pela música
riente de uma fábrica

Thiago Colombo

DEZEMBRO

MUSICA

ãe
cida
cantins
a missão
rra para o o

MUSICA



LIBERTÉ



Aline, a mulher em um carrossel, apresenta a composição entre a possibilidade de seguir lutando ao lado da juventude e seguir criando com a infância. Ela entende que tudo é ciclo - morte e vida- em que uma boa pesquisa há de ser descabida.

you do not wake up on a beautiful day and transform into a butterfly
- growing is a process (p.87)

KAUR, Rupi. *O que o sol faz com as flores*, tradução de Ana Guadalupe.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

Porto Alegre, 28 outubro de 2019.

Show Dona Conceição no Justo Bar

"Estamos nos cansando de andar com medo, já estamos mudando isso... Mas a passos bem largos"

Olhava o casal de senhora e senhor com as mãos no queixo, o ar blasé. As palmas de educação, a bolsa dela apertada a tiracolo, pronta para ir a qualquer momento... Mas eram rodeados por uma plateia difícil de transpor.

O senhor da poltrona ao meu lado bocejava, oscilava ora olhava seu i-fone ora alisava o seu bigode branco... Com um olhar quase morto, nem aplaudia.

Aos intervalos, falava baixinho pelo telefone...

Foi então que todos eles pararam - estátua! - quando o cantor fez uma pausa no show e pediu para que abrissem espaço a uma senhora. Ela era idosa e estava assistindo ao show em pé e no fundo. Ele pediu à plateia que desse o lugar da frente a ela, uma senhora negra. O cantor solicitou gentilmente a uma fileira de jovens brancos bem na sua frente que se levantasse e deixasse aquela senhora passar, e junto dela estava a sua família.

“A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando as pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito a própria vida.”

Djamila Ribeiro, em O QUE É LUGAR DE FALA?, p. 43, 2017.



Porto Alegre, 13 de dezembro de 2019.

**Artesania dos Dias - Oficina de Sonhos:
Que sonho sonhamos hoje?**

A Vila São José, não me era estranho esse nome...

Lembrei: ao lado da Escola de Saúde Pública fica a Associação. Durante o período da Residência, quando trabalha no Hospital Psiquiátrico São Pedro, as vezes almoçava por ali junto dos colegas que trabalhavam no Centro de Referência em Redução de Danos. A ala minuta era barata, e rápida... Tempos de sessenta horas de trabalho semanais.

Vou de ônibus, desço na PUCRS, e subo a rua ao lado da ESP a pé. Na subida minha memória tateia a associação, pessoas me olham, estranhando a minha chegada. Certamente eu não era daquele lugar... Uma estrangeira.



Ao chegar na associação me deparo com o grupo das seis psicólogas, mais três profissionais da Escola de Saúde Pública (que eu havia encontrado na manifestação da greve) e duas moradoras da vila. Duas mulheres que ocupavam cargos de gestão da associação de moradores. Novamente, um grupo de mulheres e apenas um homem.

Ficamos ali, esperando de portas abertas que a comunidade viesse para a oficina. As mulheres da associação trazem suas duas filhas, quatro mulheres da comunidade presentes. Falam da divulgação de casa em casa, dos panfletos de papel, das demandas de uma associação.

Uma delas fala que não gosta de política, pois os vereadores só estão interessados em votos. Ela já não tinha mais o que pedir a eles, pois os moradores tinham cesta básica, saneamento básico, água, luz e a rua asfaltada. Mas ela... Ela queria mais. A associação era pouco frequentada, não havia muitas festas a não ser o natal, não havia biblioteca, cursos, cultura... arte.

A fala desta mulher me fez pensar o quanto o seu fazer era político, ela estar ali viva era político, todas as suas reivindicações políticas... Na verdade ela amava a política, respirava política.

Mas qual era a política que ela não gostava?

O encontro começou com quem estava, muitos estrangeiros e poucas mulheres da vila... As regras explicadas, eis que leio o sonho disparador... ERA O MEU SONHO.

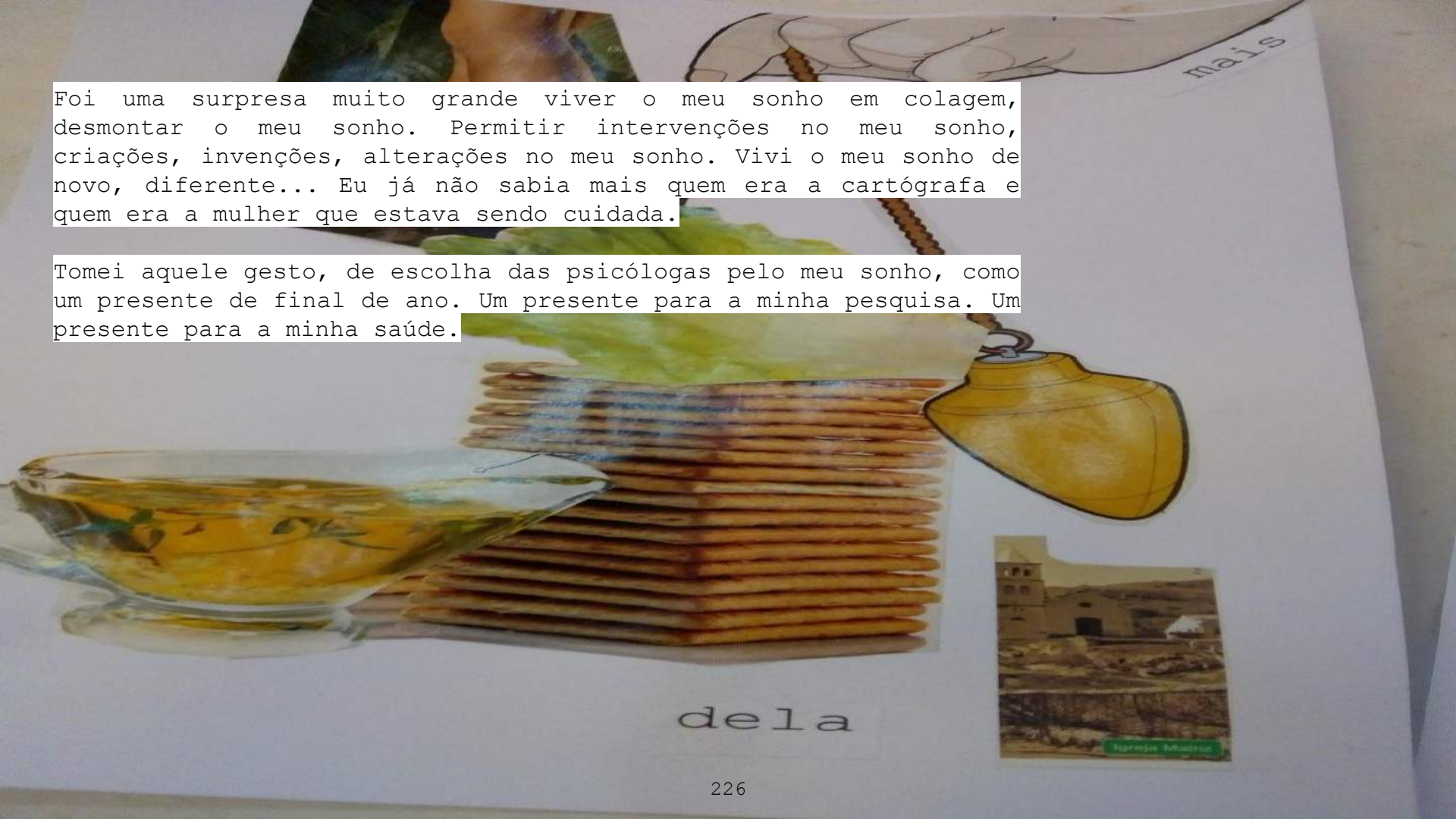
"conversava com a minha irmã mais velha sobre a minha avó. minha avó precisava operar a barriga, pois dentro dela havia muitas mudas de plantas. e um pé de mamão já estava muito crescido dentro dela."



mudas

Foi uma surpresa muito grande viver o meu sonho em colagem, desmontar o meu sonho. Permitir intervenções no meu sonho, criações, invenções, alterações no meu sonho. Vivi o meu sonho de novo, diferente... Eu já não sabia mais quem era a cartógrafa e quem era a mulher que estava sendo cuidada.

Tomei aquele gesto, de escolha das psicólogas pelo meu sonho, como um presente de final de ano. Um presente para a minha pesquisa. Um presente para a minha saúde.



dela

velha



versava



havia



dentro

Small text, possibly a signature or brand name, located on the bottom right of the collage.



“Por ora, queremos só ressaltar que, em Artemidoro, os sonhos dizem respeito ao indivíduo, à família, aos vizinhos e aos amigos, e podem mesmo ter desfecho importante para o povo e para a cidade, como nos sonhos políticos, e ainda ter relações com as transformações da natureza, como nos sonhos cósmicos.”

Abrahão de Oliveira Santos, em A tecnologia de gestão coletiva dos sonhos, p.2, acesso em agosto de 2020.

ES PAZ la paz de la paloma?
El leopardo hace la guerra?

Por qué enseña el profesor
la geografía de la muerte?

Qué pasa con las golondrinas
que llegan tarde al colegio?

Es verdad que reparten cartas
transparentes, por todo el ciclo?

Porto Alegre, meia noite de sexta-feira.

O Caderno das Perguntas, de Aline Miranda

1) O que ressoa dos encontros com o "campo da pesquisa"?

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas.

(DELEUZE, GUATTARI. p.20, 1995)

2) Quais questões ainda permanecem e permanecerão? (morte-vida)

Ainda escrever como insistência. (COSTA, p.58, 2017)

3) Qual o meu-nosso papel na contemporaneidade quando penso o anti racismos e debate de "opressões"?

"158 -Ao nosso impulso mais forte, ao tirano em nós, submete-se não apenas nossa razão, mas também nossa consciência."

(NIETZSCHE, p.104, 2009).

4) Qual o corpo que escreve enquanto acontece uma pandemia?

O eterno domingo estava a sua volta. (BENJAMIN, p. 79, 1997)

5) Em que condição, contexto, cenário este corpo (in) escreve?

(catástrofes) Tornam todas as horas riquíssimas, todos os dias
exaustivos, transformam toda a vida no momento.

(BENJAMIN, p. 169, 1997)



Porto Alegre, centésimo vigésimo primeiro dia de quarentena.

Dentro de si

"Eu vo-lo digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela bailarina."

Friedrich Nietzsche

Um corpo que volta para si e regurgita seu pesquisar em experiência de confinamento obrigatório, a experiência de um vírus que parece invisível, que vem do céu confinado em uma máquina voadora e espalhado pela saliva da burguesia. Micro-organismo que no cotidiano se torna visível, palpável, sensível ao som das notícias, à morbidez do ar ao sair para fazer compras no supermercado, à aspereza das mãos desgastadas de álcool setenta e cinco por cento e água sanitária.

Um corpo amarelo, que se vê preso ao eu. Um corpo que coloca a atenção em seu centro de força, dele surge os movimentos de contração e expansão. Nos momentos em que se contrai ao máximo logo tenta expandir para equilibrar, mas qualquer tentativa de expansão puxa para dentro e para o centro novamente. Um corpo preso, em quarentena, corpo que se move em um pequeno espaço, que descobre um universo dentro de si.



Porto Alegre, 04 de novembro de 2020.

Pra ti, que chegou até aqui...

Como acabar obrigatoriamente algo que pode ser infinito? Venho tentando me responder essa questão faz algumas semanas. Não há fim! E alegremente me dou conta disso. Nossa capacidade de conhecer e deixar-se afetar é infinita, há permanência e duração nesse desejo de inventar, que bom. Aprendi isso com o Rodrigo... Há sempre uma pesquisa da nossa vida operando, ao mesmo tempo temos de recortá-la para que caiba em uma instituição, em um tempo e espaço, para que caiba em uma bolsa- mesmo que eu tente fazer da minha maleta do gato-félix. A pesquisa maior e a pesquisa menor. Em nosso grupo de pesquisa olhamos para as pesquisas em primeira pessoa e a cognição incorporada. Entendemos que pesquisar e subjetivar são dois verbos que caminham juntos.

Por fim me tornei adulta, em um retorno de saturno desenfreado para aqueles que acreditam em astrologia, em um mundo que se despedaça. Me senti acompanhada por muitas vozes neste processo, foi escutando essa polifonia que tive coragem de apostar em uma escrita narrativa do início ao fim. Espero que essa tentativa faça sentido a aquelas pessoas de curiosidade infinita, que buscam horizontes neste despedaçar, assim como eu.

Trouxe aqui alguns horizontes que se apresentaram na minha busca ao longo das páginas desta dissertação, operação que aprendi com o Luciano, uma colagem conceitual. A ocorrência de vinte e cinco escritos horizonte nestas pilhas de papel me inspiram a concluir essa etapa.

*"Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial."
(Ailton Krenak)*

Nas muitas linhas deste caderno enxergar horizontes. Horizonte é a linha que separa o céu da água ou da terra, nos apresenta os limites. Segundo Clarice Lispector, em seu conto sobre a mulher e o mar, revela a nossa incapacidade humana de ver a curvatura da terra. Nesse sentido a todo o momento buscar esta curvatura, tentar percebê-la, senti-la e deixar-se afetar por ela, mesmo que não seja possível alcançá-la, ao invés da linha reta perceber as curvas arredondadas de uma espiral.

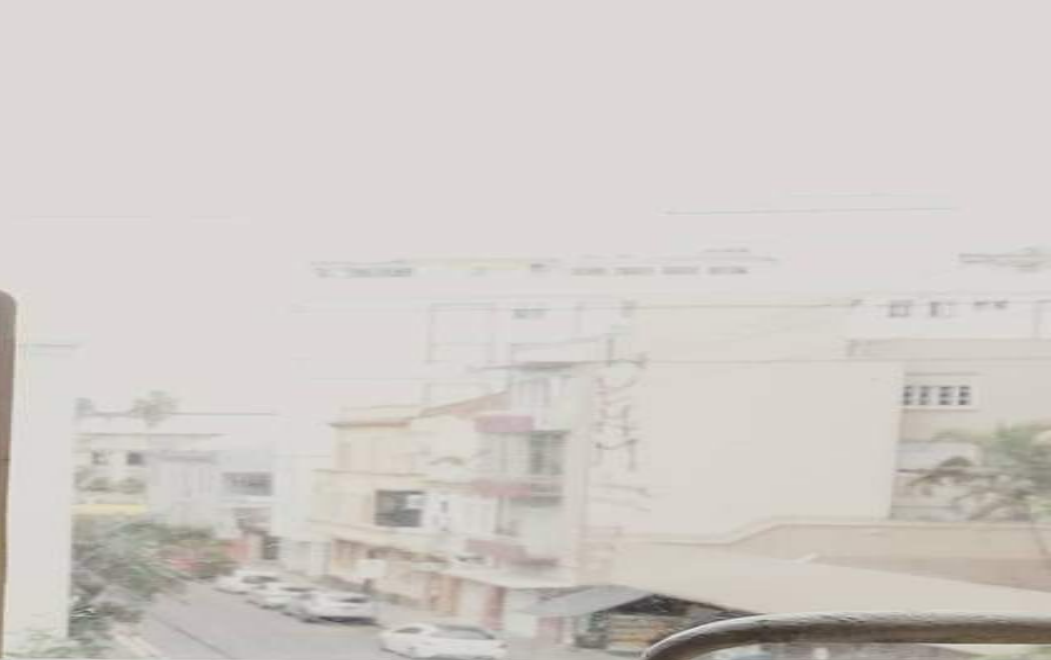
No lago-rio Guaíba encontrar um horizonte em que o sol reflete brilhante na água e podemos vê-lo brincar de esconder. Um horizonte que nos convoca a navegar pelo desconhecido, que dá vida à memória de um planeta que é redondo.

Buscar horizontes e encontrar com as linhas existências da poesia de resistência e da artesanaria de sonhos. Através de cenas do cotidiano e cartas traçar a linha da juventude em um horizonte. Ao mesmo tempo mergulhar profundamente em nossa melancolia, e deste afeto perceber as linhas do horizonte político antirracista. Do luto à luta. E se preciso for fugir, olhar o horizonte do oceano, sentar em uma cadeira sob a areia. Chorar olhando o horizonte...

E assim quem sabe, percorrer as páginas de um caderno que produz horizontes citadinos como uma forma de narrar as experiências que acontecem no cotidiano de Porto Alegre, ampliar as possibilidades de ver as linhas.

Na singularidade da fotografia da janela encontrar um título:
Horizonte Citadino. Escrever abaixo dela, no novo horizonte

Bom Fim.



Tarinhas, Luiza Lian
<https://www.youtube.com/watch?v=vSs3P5-VeIq>





AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**. Boitempo: São Paulo, 2018.

_____. **Profanações**. Boitempo: São Paulo, 2005.

AMADO Guy, **Arte processual e certa preguiça da forma**, In Meio. Org: SARI, Marcos.

MARX, Daniele. 1ª Ed. Editora Panorama Crítico: Porto Alegre, 2010.

BARROS, Tainá Santos. **Vozes da Revolução, Poetas Vivos**. Editora Bestiário: Porto Alegre, 2019.

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009, v.1 , p. 17-31.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da Cultura. Obras Escolhidas, volume I**: Editora Brasiliense: São Paulo, 2012.

_____. **Rua de mão única. Obras escolhidas, volume II**. Editora Braisliense: São Paulo -SP, 1997.

_____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, volume III. Editora Braisliense: São Paulo -SP, 1989.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, mai/ago, 2014.

COSTA, Luciano Bedin. **AINDA ESCREVER, 58 combates para uma política do texto.** Editora Lumme: São Paulo, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**, tradução de Peter pal Pelbart. Ed. 34: Sao Paulo, 1997

_____. **ABECEDÁRIO. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista a Claire Parnet**, em 1988, em vídeo, transcrito e traduzido por Tomaz Tadeu da Silva, incluído no site "Máquina da diferença", www.ufrgs.br/faced/tomaz acessado em 2018.
_____. transcrição
<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf> de 1995.

DELEUZE, Guilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia - Volume 1.** Editora 34: São Paulo- SP, 1995.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia - Volume 5.** Editora 34: São Paulo- SP, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** Editora 34: São Paulo -SP, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Falenas, **Ensaio sobre a Aparição**, 2015.

FALERO, José. **Vila Sapo.** Editora Figura de Linguagem: Porto Alegre, 2019.

FONSECA, Tania Mara Galli. NASCIMENTO Maria Livia do, MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Sulina: Porto Alegre, 2012. LARRAURI, Maite. A Potência Segundo Nietzsche - Filosofia para Leigos. Ciranda Cultural: São Paulo, 2011.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**, tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

_____. **A vida não é útil**. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 2020.

LOUDNEY, Joseph Mike Iorry. **O INIMIGO EM COMUM**, fanzine. Arte e Diagramação Comunicação Digital KUNTO: Porto Alegre-RS, 2019.

MACHADO, Ana Maria Machado; ilustração de Gabor Geszti. **Era uma vez um tirano**. Editora Salamandra: Rio de Janeiro, 1982.

MARIÁ, Agnes. PRETANA. DANOVA. DEDS, Felipe. PAGOT, Natália. BARROS, Tainá Santos. **Vozes da Revolução, Poetas Vivos**. Editora Bestiário: Porto Alegre, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**, n-1 edições: São Paulo, 2018.

MINER, Horace. **RITOS CORPORAIS ENTRE OS NACIREMA** In: A.K. Rooney e P.L. de Vore (orgs) YOU AND THE OTHERS - Readings in Introductory Anthropology (Cambridge, Erlich), 1976. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/364413/mod_resource/content/0/Nacirema.pdf, acessado em 2020.

NERUDA, Pablo. **Livro das Perguntas**, tradução de Olga Savary. Porto Alegre: L&PM, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**, tradução e notas de Renato Zwicky. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. **O crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Tradução: Edson Bini Márcio Pugliesi . Editora HEMUS: Curitiba, 2001.

_____. (1881-88) **A vontade de poder**. Contraponto: Rio de Janeiro, 2008.

- RIBEIRO, Djamila. **O QUE É LUGAR DE FALA?** Grupo Editorial Letramento: Belo Horizonte/MG, 2017.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta;** tradução de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- RODRIGUES, Elisandro. **Micropolítica dos Vaga-lumes: Um ensaio sobre a montagem do pensamento e da escrita em educação.** Projeto de Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- SANTOS, Vera Mendes dos. **CADERNO ESCOLAR: UM DISPOSITIVO FEITO PEÇA POR PEÇA PARA A PRODUÇÃO DE SABERES E SUBJETIVIDADES.** Universidade Estadual de Santa Catarina, disponível <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/7111.pdf>.
- SANTOS, Abrahão de Oliveira. **A tecnologia de gestão coletiva dos sonhos,** disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922019000100027&script=sci_arttext, acesso agosto de 2020.
- SILVA, Marcelo. **O que carrego no ventre.** Editora Figura de Linguagem: Porto Alegre, 2019.
- TAVARES, Jeane Saskya Campos. **A SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA "Falando da perda: hoje estou mal, espero que você entenda"** Revista Diplomatique Edição 156. <https://diplomatique.org.br/falando-da-perda-hoje-estou-mal-espero-que-voce-entenda> Brasil, acesso em 1 de julho de 2020

BEZERRA, Tenille. **Aleluia o canto infinito do Tincoã**. São Paulo, 2020.

KIAROSTAMI, Abbas. **Onde fica a casa do meu amigo?** (Khane - ye doust kodjast?). Irã, 1987.

LUEDJI LUNA. **Asas**. São Paulo: PRODUTORA, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmLCDeqyhbs>. Acesso em novembro de 2020.

LUEDJI LUNA. **Bom mesmo é estar debaixo d'água**. Nairóbi - São Paulo - Salvador: Oxalá produções, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7lPX61UdJ4>. Acesso em novembro de 2020.

LUISA LIAN. **Iarinhas**. São Paulo : 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vSs3P5-VeIq>. Acesso em novembro 2020.

MATEUS ALELUIA. **Amor cinza**. São Paulo: senzala produções, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FYXNdEVtAA4>. Acesso em novembro de 2020.

MILTON NASCIMENTO. **Amor de índio**. São Paulo: Barclay, 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3e9-hRcxv9A>. Acesso em novembro de 2020.

Lista de espaços culturais da cidade onde é possível
colar cartazes e deixar panfletos:

1. Centro Cultural CEEE Erico Verissimo (Rua dos Andradas)
2. Casa Torelly (Avenida Independência, 575)
3. Casa de Cultura Mário Quintana (Andradas 736)
4. Usina do Gasômetro (João Goulart, 551)
5. Teatro de Arena
6. Theatro São Pedro (Praça Marechal Deodoro, s/n)
7. Livraria Bamboletras (R. Gen. Lima e Silva, 776)
8. Livraria Via Sapiens (Rua da República, 58)
9. Instituto Goethe (Avenida Vinte e Quatro de Outubro, 112)
10. Teatro Renascença - CMC (Av. Erico Verissimo, 307)
11. Instituto Cultural Cervantes (Av. Venâncio Aires, 1019)
12. Livraria Palavraria (R. Vasco da Gama, 165)
13. Livraria Sapere Aude (R. Lopo Gonçalves, 33)
14. Livraria Multicultura (R. da República, 351)
15. Centro Cultural 25 de Julho de PoA (R. Germano Petersen Júnior, 250)

16. Companhia de Arte (R. dos Andradas, 1780)
17. Meme Santo de Casa (Lopo Gonçalves, 176)
18. Instituto Ling (R. João Caetano, 44)
19. Bar do Santander Cultural (R. Sete de Setembro, 1028)
20. Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (Riachuelo, 1257)
21. Memorial do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega)
22. Bar do Antônio (Ufrgs)
23. Lancheria do Parque (Oswaldo Aranha)
24. Café Fon Fon (R. Vieira de Castro, 22)
25. Bares na Lima e Silva
26. FECORS - Federação de Coros do RS (Andradas, 1727, sala 75)
27. C MARA RIOGRANDENSE DO LIVRO (Edifício Coliseu - Praça Oswaldo Cruz)
28. SOLAR PALMEIRO (Sede da Secretaria de Estado da Cultura - Sedac) Praça da Matriz, s/nº
29. BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO (Rua Riachuelo, 1257.)
30. CHALÉ DA PRAÇA XV
31. SENAC (Rua Cel. Genuíno, 358)
32. SENAC (Av. Venâncio Aires, 93, Cidade Baixa)
33. SALÃO DE ATOS - UFRGS (Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre)
34. Teatro de Câmara Túlio Piva, está fechado.

35. BAR DO BETO (Av. Venâncio Aires, 876 e Sarmiento Leite, 929, Cidade Baixa).
36. ALIANÇA FRANCESA (Rua João Manoel, 282, Centro)
37. TEATRO DO SESC (Av. Alberto Bins, 665, Centro)
38. SALÃO DE ATOS DA PUC (Av. Ipiranga, 6690, Partenon)
39. TEATRO DA AMRIGS - Av. Ipiranga
40. CPERS (Alberto Bins, 480)
41. MUSEU DO TRABALHO (Andradas, 230)
42. Instituto de Artes da UFRGS (Senhor dos Passos)
43. Departamento de Arte Dramática